

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Wagner Siqueira Bernardes

A CONCEPÇÃO FREUDIANA DO CARÁTER

Rio de Janeiro
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Wagner Siqueira Bernardes

A CONCEPÇÃO FREUDIANA DO CARÁTER

Rio de Janeiro
2005

Wagner Siqueira Bernardes

A CONCEPÇÃO FREUDIANA DO CARÁTER

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientadora:
Profa. Dra. Vera Lúcia Silva Lopes Besset

Rio de Janeiro
2005

Bernardes, Wagner Siqueira
A concepção freudiana do caráter / Wagner Siqueira
Bernardes. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
196f.

Tese (Doutorado em Psicologia) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia,
Rio de Janeiro, 2005.

Orientação: Vera Lúcia Silva Lopes Besset

1. Psicanálise. 2. Caráter. 3. Identificação – Teses.
I. Besset, Vera Lúcia Silva Lopes (Orient.). II. Universidade Federal do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Wagner Siqueira Bernardes

A CONCEPÇÃO FREUDIANA DO CARÁTER

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovada em: 09 de dezembro de 2005.

(Profª. Dra. Vera Lúcia Silva Lopes Besset, UFRJ)

(Prof. Dr. Francisco Teixeira Portugal, UFRJ)

(Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro, UNIFOR)

(Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge, UERJ)

(Profª. Dra. Ruth Helena Pinto Cohen, UFRJ)

A Nilza Rocha Féres,
estrela, ao longe reluzente.

AGRADECIMENTOS

À profa. Vera Lúcia Silva Lopes Besset, pelo acolhimento do meu projeto de pesquisa e pelas importantes contribuições ao meu trabalho.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pelo companheirismo.

Ao prof. Marco Antonio Coutinho Jorge, pela rica interlocução, apoio e sugestões preciosas.

Aos meus familiares, pela presença discreta, respeitosa e dedicada.

A Berenicy Raelmy Silva, pela cuidadosa revisão.

À amiga Léa Meilman, pela versão do resumo para o inglês.

A Valéria Coelho de Freitas, digitadora incansável, disponível e divertida.

O barulho é para o fátuo,
A queixa é para o tolo;
O homem probo enganado
Retira-se sem dizer palavra.

(Antigo ditado francês citado por Freud em “O anti-semitismo na Inglaterra”)

RESUMO

BERNARDES, Wagner Siqueira. *A concepção freudiana do caráter*. Rio de Janeiro, 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

O autor estudou a concepção do caráter em psicanálise usando como referência principal a obra de Sigmund Freud. Esclareceu as relações entre caráter, personalidade e tipo a partir do uso destes termos na linguagem comum, na filosofia e na psiquiatria. Inspirado no debate entre Freud e Alfred Adler, que tem como ponto central “o protesto masculino”, discutiu questões relacionadas à neurose e ao caráter nas suas relações com o sintoma e o recalque. Baseado na teoria da identificação, estudou a função do eu na formação do caráter. As formulações freudianas a respeito do caráter sexual foram abordadas visando a discutir os conceitos de masculino e feminino, bem como a diferença entre os registros fálico e genital. O vínculo entre caráter e gozo foi também considerado. Tomando como referência a obra de Lacan, o autor analisou as conseqüências derivadas da teorização freudiana do eu.

ABSTRACT

BERNARDES, Wagner Siqueira. *A concepção freudiana do caráter*. Rio de Janeiro, 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

The author studied the question of character in psychoanalysis using as a reference the work of Sigmund Freud. He attempted to clarify the relationships among character, personality and type, and surveyed the use of such terms in common language, philosophy and psychiatry. Inspired on the debate between Freud and Alfred Adler, which had as a main point The Masculine Protest, the author discussed neurosis and character in their relationships with symptom and repression. Based on the identification theory, he studied the function of ego in the formation of character. The Freudian formulations about the sexual character were approached in an attempt to define masculine and feminine, as well as the difference between phallic and genital registrations. The bond between character and enjoyment was also considered. Based on Lacan's writings, the consequences derived from the Freudian theorization of ego were discussed.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO I | |
| CARÁTER, PERSONALIDADE OU TIPO? | 17 |
| 1 Tentativa de delimitação de conceitos | 18 |
| 2 A personalidade: um primeiro marco referencial em Lacan | 25 |
| 3 Paranóia e personalidade: um panorama psiquiátrico | 28 |
| 4 Uma paranóia de autopunição | 32 |
| CAPÍTULO II | |
| FORMULAÇÕES FREUDIANAS SOBRE O CARÁTER: aproximações iniciais | 39 |
| 1 Sintoma: um mau comportamento | 41 |
| 2 Dos dois, quem é eu? | 46 |
| 3 A cunhagem do caráter | 48 |
| 4 Neurose e caráter | 55 |
| CAPÍTULO III | |
| EU PROTESTO, EU TRIUNFO, EU FRACASSO | 62 |
| 1 Freud versus Adler | 63 |
| 2 A condição de consciente: um sintoma | 68 |
| 3 As atitudes do eu | 73 |
| 4 Recalque e defesa | 77 |
| 5 O protesto masculino: resposta à castração | 83 |
| 6 O caráter sexual | 88 |
| CAPÍTULO IV | |

| | |
|---|-----|
| CARÁTER E IDENTIFICAÇÃO | 96 |
| 1 O eu e seu outro | 97 |
| 1.1 <i>A formação histórica do sintoma</i> | 100 |
| 1.2 <i>A homossexualidade masculina</i> | 104 |
| 2 Caráter e bissexualidade | 105 |
| 3 O caráter sexual: é possível definir o sexo? | 110 |
| 4 Eu me afirmo fálico | 113 |
| 5 Do recalçamento do Édipo ao seu naufrágio: a passagem do fálico ao genital | 120 |
| CAPÍTULO V | |
| CARÁTER E GOZO | 124 |
| 1 Três modos de gozo | 125 |
| 2 Sintoma e gozo | 134 |
| 3 A análise reichiana do caráter | 138 |
| 4 O masoquismo moral: uma modalidade de gozo | 141 |
| CAPÍTULO VI | |
| A DESAUTORIZAÇÃO DO FEMININO | 148 |
| 1 Um filho-homem, uma aflição | 149 |
| 2 As estratégias fálicas | 153 |
| 3 O rochedo da castração | 160 |
| 4 A separação | 166 |
| 5 Três mais um | 169 |
| CONCLUSÃO | 172 |
| REFERÊNCIAS | 180 |

INTRODUÇÃO

Ao longo da elaboração de nossa dissertação de mestrado¹ deparamo-nos, durante o estudo de “Uma criança está sendo espancada”, com uma afirmação inusitada de Freud: “a teoria psicanalítica, apoiada na observação, sustenta que não é lícito sexualizar os motivos do recalque”.² Tal assinalamento chocou-se com as nossas concepções, pois parecia-nos óbvio que os motivos do recalque eram sexuais.

Intrigados com a questão levantada por Freud, voltamos algumas páginas, tentando contextualizá-la. Ela dizia respeito ao seu debate com Alfred Adler sobre a teoria do protesto masculino, proposta pelo último. Freud rebatia a posição que Adler mantinha, a saber, a de vincular o recalque ao caráter sexual. De quebra, criticava o fato de Adler universalizar a sua teoria do protesto masculino, aplicando-a tanto à formação do caráter quanto à da neurose. Sobre este ponto incidiu nossa segunda surpresa pois, até então, não nos preocupávamos com a problemática do caráter na obra de Freud.

O interesse em torno do tema do caráter foi reaceso quando tomamos conhecimento do seminário ministrado por Jacques-Alain Miller em 1998-1999, “A experiência do real no tratamento psicanalítico”. Nele, o autor retoma a questão da análise do caráter, instituída por vários psicanalistas a partir do final dos anos 20. Estes, incomodados com os obstáculos terapêuticos apresentados por sujeitos em análise, tentaram forjar uma nova entidade clínica, a neurose de caráter, contrapondo-a à neurose sintomática.

¹ BERNARDES, W. *Neurose e perversão*: gêmeas de seu oposto. Dissertação defendida na UFRJ, em 2001, sob a orientação da profª. dra. Vera Lopes Besset.

² FREUD, S. “Pegan a un niño”. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales (1919). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. v.17. p.199.

Para analistas tais como Edward Glover, Franz Alexander e Otto Fenichel, “o caráter foi o instrumento conceitual para estender a neurose para-além do sintoma”.³ Propuseram novas técnicas de abordagem, ancoradas não na interpretação dos sintomas, mas na análise das resistências do caráter. Deles, o mais destacado foi Wilhelm Reich, sobre o qual Miller centra seu estudo.

Reich situava o obstáculo ao tratamento na defesa do eu, entendida por ele como uma força que atuava contra a abolição do recalque. Ele não valorizava o método interpretativo proposto por Freud e concebia que o trabalho terapêutico consistia na eliminação das resistências do eu. Partia do princípio de que toda análise, sem exceção, iniciava-se com uma atitude de crítica e desconfiança da parte do paciente, destacando a presença de uma transferência negativa, que atuava como resistência.

Para Reich, o obstáculo à análise devia-se a uma barreira narcísica, levantada pelo eu, sendo que o caráter cumpria a função de couraça, formada – como assinala Miller – sob pressão das pulsões. Na sua concepção, os sintomas se integravam à personalidade do paciente. Por isso, o trabalho do analista não deveria ser centrado na interpretação dos sintomas, mas na dissolução das resistências do eu.

Em que pese Reich ter se notabilizado por propor uma técnica psicanalítica a partir da análise do caráter, Miller observa, com propriedade, que o caráter é um termo freudiano. Lembra que o artigo de Freud de 1916, “Alguns tipos de caráter elucidados pelo trabalho psicanalítico”, indica que “o que Freud capta como caráter se encontra no trabalho analítico”,⁴ inscrevendo-se, neste, como um obstáculo. Daí, Miller supor como legítimo situar no caráter a experiência do real no tratamento psicanalítico.

Segundo Miller, a história da psicanálise foi marcada por uma ruptura e um desvio essencial, até mesmo uma renegação, do espírito de Freud. Isto foi representado

³ MILLER, J-A . *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2004. p.138. (Tradução nossa).

⁴ Ibidem. p.112.

fundamentalmente pelo movimento da *ego-psychology*. Contudo, antes deste movimento já existia uma caraterologia psicanalítica que se distanciava das bases freudianas.

A segunda tópica teria sido uma resposta de Freud à formulação de uma nova clínica, fundada na neurose de caráter enquanto desvinculada da neurose sintomática. Por isso, Miller se refere ao capítulo III de “O eu e o isso” como sendo o capítulo dedicado ao caráter. Nele, Freud tentou, através do conceito de identificação, retomar a sua elaboração do caráter sob a perspectiva “de uma transformação da libido do isso em uma configuração do eu”.⁵

A despeito da importância capital desta observação Miller, contudo, não se aprofunda no seu desenvolvimento. Entretanto, o que nos chamou mais a atenção foi não termos encontrado em seu texto qualquer referência a Adler. Segundo nosso ponto de vista, o debate de Freud com os seus pares, no que tange ao caráter, deve ser situado bem antes do final dos anos 20, mais exatamente em 1911, ano em que ocorre a dissidência de Freud com Adler.

Note-se ainda que não há nas “Obras completas” de Freud nenhum sinal de debate com Reich, o que não deixa de ser surpreendente. Encontramos uma referência na correspondência de Freud a Lou Andreas-Salomé, datada em 09.05.1928, onde este se refere a Reich como “um jovem valoroso, porém impetuoso, apaixonadamente devotado ao seu *hobby* por cavalos, que agora saúda no orgasmo genital o antídoto para todas as neuroses”.⁶

A partir destas constatações fomos reconduzidos ao texto freudiano – que tomamos como ponto central de nossa tese – mas não sem uma pergunta: qual a relação entre caráter, personalidade e tipo?

O capítulo I gira em torno desta inquietação e nele propomos, a partir das opiniões do senso comum, da filosofia e da psiquiatria, uma reflexão sobre as relações entre os três termos. Tomamos ainda como referência para este capítulo a tese de doutorado de Jacques Lacan, “Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade”.

⁵ MILLER, J-A. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. p.170.

⁶ FREUD, S.; ANDREAS-SALOMÉ, L. *Correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p.228.

No seu trabalho de tese Lacan menospreza o termo caráter, por relacioná-lo a toda uma tradição psiquiátrica de base orgânica e constitucionista, e propõe uma abordagem da psicose paranóica a partir da personalidade. Mas, curiosamente, ancora-se em Ernst Kretschmer que, como se sabe, foi um dos grandes teóricos da caraterologia psiquiátrica. O estudo de Lacan mostra, também, suas primeiras aproximações, ainda tímidas, do texto freudiano.

No capítulo II fazemos um percurso objetivando rastrear o caráter na obra de Freud. Verificamos que este tema se encontra presente a partir da correspondência endereçada a Fliess e é sobressalente nos “Estudos sobre a histeria”, apesar de pouco sistematizado. O desenvolvimento do conceito ganha impulso em “A predisposição à neurose obsessiva”, de 1913, onde Freud traça o contraste entre neurose e caráter, o que faz com que seu texto se torne intrincado e difícil.

A discussão neurose-caráter nos lança ao capítulo III, no qual tratamos do debate entre Freud e Adler, cujo tema principal é o protesto masculino. O eu ganha aqui lugar privilegiado, não só no que toca à evolução deste conceito na obra de Freud, como no que diz respeito ao seu modo de utilização pelos analistas, particularmente os adeptos da psicologia do eu.

No capítulo III tratamos também da relação entre recalque e defesa e das atitudes adotadas pelo eu diante das suas desestabilizações. O protesto masculino é retomado ao final do capítulo a partir do estudo do Homem dos Lobos e de “Uma criança está sendo espancada”. Com isto, é colocado em foco o caráter sexual, que nos remete ao papel da identificação na formação do caráter.

O tema da identificação, que faz contraponto com aquele da escolha de objeto, é desenvolvido no capítulo IV. Trabalhamos a determinação do caráter a partir do jogo entre identificação e escolha de objeto, o que nos coloca no campo do complexo de Édipo. Discutimos ainda o papel da bissexualidade, bem como a questão da delimitação entre os

registros fálico e genital. Ao final do capítulo, considerando a correlação feita por Freud entre a destruição do complexo de Édipo e sua dessexualização, passamos ao capítulo seguinte, aquele do caráter em suas relações com o gozo.

Iniciamos o capítulo V com o texto “Alguns tipos de caráter elucidados no trabalho psicanalítico”. Este artigo nos envia à controvertida questão da criminalidade, cujo discernimento exige considerar as relações do sintoma com o gozo. Isto nos conduz ao masoquismo moral, naquilo que ele encerra de obtenção de gozo a partir do castigo paterno.

No capítulo VI abordamos as estratégias fálicas empregadas diante da ameaça de castração. Conferimos destaque à formulação freudiana sobre a desautorização da feminilidade, presente nas mulheres como manutenção do desejo de um pênis e, nos homens, sob a forma de uma resistência a assumir uma atitude passiva diante de outro homem.

Por fim, pode-se afirmar que a concepção freudiana do caráter não só nos convida a retomar a teoria psicanalítica, como também nos leva a repensar as suas ressonâncias na prática clínica.

CAPÍTULO I

CARÁTER, PERSONALIDADE OU TIPO?

Antes de entrarmos no tema central de nossa tese, a pesquisa da concepção freudiana do caráter, julgamos necessário deslindar noções referentes ao caráter, à personalidade e ao tipo. Os três termos se entrelaçam e muitas vezes se confundem.

Para tanto, recorreremos aos dicionários da língua portuguesa, bem como fizemos um breve levantamento do uso destes termos na filosofia e na psiquiatria. Julgamos também importante percorrer a obra “Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade”, de Jacques Lacan, onde estas concepções são discutidas.

1 Tentativa de delimitação de conceitos

O termo *caráter* (Do gr. *charaktér*, uma letra) é definido freqüentemente como tipo, cunho, marca ou sinal convencional. Também diz respeito à índole, ao temperamento e ao feitio moral. É ainda o conjunto dos traços psicológicos, o modo de ser, de sentir e de agir de um indivíduo ou de um grupo; nesta vertente, sua definição se confunde com a de personalidade.

Tipo (Do gr. *týpos*: cunho, molde, sinal) é aquilo que inspira fé como modelo ou padrão. É, outrossim, algo que reúne em si os caracteres distintivos de uma classe.

Por outro lado, *personalidade* refere-se ao caráter ou qualidade do que é pessoal. É ainda o que determina a individualidade duma pessoa moral. O termo é também usado no sentido de traços típicos.

Como se pode notar, nos usos da língua os três termos se emparelham, a ponto de um tornar-se a definição do outro. Vejamos o que a filosofia tem a dizer.

André Lalande, em seu “Vocabulário técnico e crítico da filosofia”, refere-se a Teofrasto, que concebia o caráter como “retratos de um tipo”. Faz também menção à caraterologia de René le Senne, a qual se apóia não só no que há de permanente, inicial e perpetuamente dado no espírito de um homem, como no modo como este explora o fundo congênito de si mesmo, o especifica, o compensa, reage sobre ele.

Segundo Ferrater Mora, muitas vezes o caráter é identificado ao temperamento. Contudo, a doutrina dos temperamentos, tributária dos quatro humores descritos por Hipócrates (sangue, fleuma, bílis e atrabilis), deve ser considerada sob ponto de vista da análise e descrição dos tipos psicológicos, sendo apenas um dos elementos da caraterologia.

Nicola Abbagnano, ao destacar, em seu “Dicionário de Filosofia”, o laço íntimo que os gregos estabeleciam entre caráter e hábito (Do gr. *éthos*: costume, uso) nos conduz a “Ética a Nicômaco”. Nesta obra Aristóteles distingue duas espécies de virtude, a intelectual e a moral, ressaltando que a última – que é uma disposição do caráter – “é adquirida em resultado do hábito, de onde seu nome derivou, por uma pequena modificação dessa palavra”.⁷ Em decorrência disso, todo *éthos* se inscreveria numa *ethiké*.

Para Aristóteles, nenhuma virtude moral surge em nós por natureza, visto que nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito. Nas cidades-Estados, ressalta ele, “os

⁷ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2003. p.40.

legisladores tornam bons os cidadãos por meio de hábitos que lhes incutem”.⁸ Assim, o caráter enlaça *éthos* – campo da conduta e dos costumes – a *ethiké* – campo da moral.

Por outro lado, em todas as disposições de caráter “há uma meta certa a visar, na qual o homem, orientado pela razão, fixa o olhar”.⁹ Isso lhe permite escolher e agir, sendo que suas ações, sejam boas ou más, não podem existir “sem uma combinação de intelecto e caráter”.¹⁰ Para o filósofo grego a razão não se confunde com o caráter. Este é uma disposição moral, privada de razão; aquela é um raciocínio dirigido para um fim.

Por sua vez, Kant, em “Crítica da razão pura”, situa no sujeito um caráter *inteligível*, causa de suas ações. Tal caráter não é subordinado a quaisquer condições advindas da sensibilidade, mas provoca no sujeito efeitos que se apresentam, no mundo dos fenômenos sensíveis, como um caráter *empírico*. Assim, o caráter inteligível, imutável enquanto “coisa em si mesma”,¹¹ é a causa cujo efeito se manifesta, como fenômeno, no caráter empírico de uma coisa qualquer.

A concepção kantiana de um caráter inteligível como fundamento da moral é levada às últimas conseqüências na “Crítica da razão prática”. A lei moral, como expressão da autonomia de uma razão pura, consiste numa lei de causalidade que ultrapassa todas as condições impostas pelo mundo dos sentidos e que não é condicionada por qualquer lei natural.

Kant formula uma vontade pura e autônoma, que independe de condições empíricas. Esta, visando a um fim superior, coloca-se acima de todas as seduções e miragens fornecidas pelos objetos da intuição sensível. O autor propõe uma lei moral que, constitutiva do homem,

⁸ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2003. p.41.

⁹ Ibidem. p.128.

¹⁰ Ibidem. p.129.

¹¹ KANT, I. Crítica da razão pura (1781). In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.274.

suplanta a dependência às leis da natureza. Sendo assim, o motivo moral puro, advindo da razão, é especificado

... não só pelo fato de ser o único que funda um caráter (uma conseqüente maneira de pensar prática segundo máximas imutáveis) mas também porque, ensinando ao homem a sentir sua própria dignidade, ele confere ao ânimo uma força, não esperada por ele mesmo, de libertar-se de todo apego ao sensível.¹²

Segundo o filósofo, o dever advindo da lei moral eleva o homem sobre si mesmo, subjugando a sua existência natural, empiricamente determinada. Este dever

... não é outra coisa que a *personalidade*, isto é, a liberdade e independência do mecanismo de toda a natureza [...]; portanto, a pessoa enquanto pertencente ao mundo sensorial está submetida a sua própria personalidade, na medida em que ela pertence ao mesmo tempo ao mundo inteligível.¹³

Pode-se notar que Kant, ao longo de suas reflexões, faz um deslizamento sutil do conceito de *caráter* para o de *personalidade*. Parece-nos que, ao final, o autor vincula o caráter inteligível à personalidade, condição de humanidade da pessoa. Por outro lado, o caráter empírico fica referido à condição natural do homem.

Isso é demonstrado na conclusão de sua instigante obra, onde o filósofo descreve os dois espetáculos que se oferecem à contemplação humana, “*o céu estrelado acima de mim e a lei moral em mim*”.¹⁴ O primeiro é contingente e situa o homem no mundo sensorial externo. Como tal,

aniquila minha importância enquanto *criatura animal*, que tem de devolver novamente ao planeta (um simples ponto no universo) a matéria da qual ela se formara, depois que fora por um curto espaço de tempo (não se sabe como) dotada de força vital.¹⁵

O segundo espetáculo, que começa em meu si-mesmo (*Selbst*) invisível, “eleva infinitamente meu valor enquanto *inteligência*, mediante minha personalidade, na qual a lei

¹² KANT, I. *Crítica da razão prática* (1788). São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.241.

¹³ Ibidem. p.141. (Destaque do autor).

¹⁴ Ibidem. p.255. (Destakes do autor).

¹⁵ Ibidem. p.256. (Destakes do autor).

moral revela-me uma vida independente da animalidade e mesmo de todo o mundo sensorial”.¹⁶

Podemos afirmar que a concepção kantiana de personalidade é reflexo de inúmeras formulações teológicas e filosóficas sobre a pessoa. Emprega-se o termo “pessoa moral” para aquela que “realiza com elevado grau as qualidades superiores pelas quais se distingue do simples indivíduo biológico”.¹⁷

Por outro lado, “pessoa física” diz respeito ao corpo de um homem “enquanto este corpo é considerado como manifestação, como ‘fenômeno’ da sua *pessoa moral*, enquanto exprime o seu caráter, devendo ser tratado em virtude disso”.¹⁸ O conceito de pessoa é também usado para expressar unidade e concordância, sendo tomado como a forma mais alta da individualidade.

Além disso, não se deve esquecer o significado que os antigos davam à palavra latina *persona*; era a máscara que cobria o rosto de um ator que representava um papel. Nesse sentido, *persona* é o personagem. Segundo Ferrater Mora, *persona* deriva de *personare*: “soar através de algo, fazer ressoar a voz”.¹⁹ Assim, algo soa através da *persona* do ator, sua voz.

Entretanto, existe uma oscilação no sentido dado pelos gregos ao termo pessoa. Ora é empregado como máscara, ora como hipóstase ou substância. O primeiro sentido *sobrepõe* à pura e simples individualidade uma exterioridade; o segundo, enfoca algo *suposto* (sub-posto), ou seja, uma interioridade.

Diante da extrema dificuldade em se definir precisamente os conceitos de caráter, personalidade e tipo, muitos autores tentaram simplificar a questão, dizendo ser o caráter a manifestação objetiva da personalidade ou “essa mesma personalidade no seu aspecto

¹⁶ KANT, I. *Crítica da razão prática*. p.256. (Destques do autor).

¹⁷ LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. Porto: Rés, 1985. v.II. p.249.

¹⁸ *Ibidem*. p.253. (Destques do autor).

¹⁹ FERRATER MORA, J. *Diccionario de filosofia*. Barcelona: Ariel, 1994. p. 2759.

objetivo, da forma como é apreendida pela experiência humana comum ou pelas técnicas de investigação da personalidade”.²⁰

Outros arriscaram, a partir desses conceitos, dar uma definição do homem. Para o filósofo francês René le Senne, por exemplo, um homem é:

1 Em sua natureza, um *caráter*, ou seja, a estrutura congênita que o indivíduo retém de sua hereditariedade, cuja consistência fará o esqueleto de sua vida mental.

2 No centro de seu caráter, um *eu* consciente que reage aos acontecimentos pelo conhecimento e pela ação. Neste sentido, “o caráter se distinguirá sempre do eu como uma casa de seu habitante”.²¹

3 Uma *individualidade*, uma vez que este homem sempre teve uma história, foi afetado por acontecimentos e reagiu a eles. Essa história o transforma, não em seu caráter, mas na sua conduta. À diferença do caráter, que é estável e permanente, a individualidade não cessa de mudar. Decorre disso que o caráter, mesmo sendo imutável, é passível de ser especificado pelas aquisições históricas do indivíduo.

Para Le Senne, o sujeito não é responsável por seu caráter – pois simplesmente o recebeu quando veio ao mundo – mas deverá sê-lo por sua individualidade, na medida em que ele contribuiu para formá-la. Tais considerações não deixam de evocar, mesmo que em outros termos, a contraposição feita por Kant, em “Antropologia em sentido pragmático”, entre o caráter físico e o caráter moral. O primeiro indica o que se pode fazer do homem; o último, “o que ele está pronto a fazer de si mesmo”.²²

4 Por fim, um homem é uma *personalidade*, isto é, tudo o que manifesta na individualidade do eu uma objetivação de valor. A personalidade define-se como o que faz a originalidade e a nobreza da individualidade.

²⁰ ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.117.

²¹ LE SENNE, R. *La destinée personnelle*. Paris: Flammarion, 1951. p.21. (Tradução nossa).

²² KANT, I. *Antropología en sentido pragmático*. (1798). Madrid: Revista de Occidente, 1935. p.183. (Tradução nossa).

Nietzsche, contudo, ressalta que nada é mais raro que uma ação *pessoal*. Afirma ele:

Em geral, é mister guardar-nos de supor que muitos homens são “pessoas”. Há também certos homens que se compõem de *muitas* pessoas, mas a maioria não o são. Contudo, onde predominam as qualidades médias que convêm para que um tipo se perpetue, ser “uma pessoa” seria um desgaste, um luxo; não teria nenhum sentido o exigir-se “uma pessoa”. Trata-se de portadores, de instrumentos de transmissão.²³

Não sem razão, Jaspers, em sua obra “*Psicopatologia Geral*”, ressalta que quem contempla a caraterologia tem a impressão de infinitude. Para o autor, a caraterologia não constitui orientação investigativa precisa e unívoca “mas, apenas, conglomerado, em que influem interesses absolutamente diversos, além daqueles científicos”.²⁴

Vê-se que a questão do caráter ainda permanece problemática, a partir mesmo de sua conceituação. Lembremos que Lacan destaca, em “*Propos sur l’hystérie*”, que “é mesmo desconcertante pensar que nós empregamos a palavra caráter a torto e a direito”.²⁵

A literatura recente dá mostras disso. Assim, pode-se ler em Jacques-Alain Miller que “a personalidade seria o outro nome do caráter, na medida em que nela se assinala a totalidade da conduta”.²⁶

Posto isso, passemos à consideração da tese de doutorado de Jacques Lacan, publicada em 1932 sob o título “Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade”. Em seu trabalho ele reconhece que a noção de personalidade é complexa. Faz uma crítica da personalidade psicológica, bem como do uso que a psiquiatria faz desse termo, quando atribui a gênese das psicoses a um distúrbio evolutivo da personalidade, de base orgânica.

Lacan faz ainda reparos às teorias tipológicas e caraterológicas, que se perdem em descrições e classificações múltiplas e fragmentadas; além do que, estão fortemente impregnadas pela doutrina constitucionalista.

²³ NIETZSCHE, F. *Vontade de potência*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19---]. p.379.

²⁴ JASPERS, K. *Psicopatologia geral* (1913). Rio de Janeiro: Atheneu, 1973. v.1. p.515.

²⁵ LACAN, J. *Propos sur l’hystérie* (1977). Inédito. (Tradução nossa).

²⁶ MILLER, J-A. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. p. 152-153. (Tradução nossa).

2 A personalidade: um primeiro marco referencial em Lacan

Em que pese Lacan privilegiar em sua tese o conceito de personalidade, nota-se, contudo, que a concepção de caráter imiscui-se ao longo de todo o seu estudo.

Logo na introdução o autor observa que a psicose revela distúrbios mentais específicos da síntese psíquica, relacionados à afetividade, ao juízo e à conduta. Esta síntese “nós a denominamos *personalidade* e tentamos definir objetivamente os fenômenos que lhe são próprios, fundamentando-nos em seu *sentido humano*.”²⁷

Partindo da premissa de que a psiquiatria atribui a gênese da psicose a um distúrbio evolutivo da personalidade, Lacan aborda esta última a partir de três parâmetros:

1 A experiência comum.

Segundo esta, a personalidade não só afirma a nossa unidade, como também a realiza, ao harmonizar e hierarquizar nossas tendências, adotando algumas e renegando outras. Ela se apresenta como um juízo relacionado não a uma realidade efetuada, mas a uma intencionalidade.

A continuidade entre intenção e realização fundamenta a responsabilidade. Porém, quanto maior a distância entre esses dois pólos, mais a personalidade pode se converter em “imaginações sobre nós mesmos, em ‘ideais’ mais ou menos vãos”.²⁸

Síntese, intencionalidade e responsabilidade são, portanto, os três atributos que a experiência comum concede à personalidade.

2 A metafísica tradicional.

²⁷ LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* (1932). Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. p.2. (Destaques do autor).

²⁸ *Ibidem*. p.20. (Destaques do autor).

Sob esse ponto de vista confere-se à personalidade uma existência substancial. Conforme o pensamento filosófico, a substância é fundamentalmente “aquilo que existe de permanente nas coisas que mudam, enquanto esse permanente é considerado como um sujeito que é modificado pela mudança, permanecendo ‘o mesmo’ e servindo de suporte comum às suas qualidades sucessivas”.²⁹ Nesta vertente, opõe-se pessoa – dignidade que apenas o homem possui – a indivíduo, mera coleção das tendências e características próprias a qualquer ser vivo.

3 A psicologia científica

Nas formulações dessa corrente teórica Lacan situa dois riscos. O primeiro é que a psicologia, ao pretender ser unicamente fiel aos fatos, deixa-se contaminar pelas concepções metafísicas. Confunde, assim, as idéias do eu psicológico com aquelas da alma substancial dos filósofos. O segundo é que, privilegiando uma visão pragmática da personalidade, a psicologia perde de vista a própria realidade experimental, reduzindo o sujeito a nada mais que “o *lugar* de uma sucessão de sensações, de desejos e de imagens”.³⁰

Lacan observa que uma definição objetiva da personalidade, na perspectiva da psicologia científica, implica em tomá-la como: um desenvolvimento biográfico, historicamente compreensível; uma concepção de si mesmo, traduzida pelos ideais do sujeito; uma tensão das relações sociais, em que o sujeito é eticamente confrontado a outrem.

Concordando com esses pontos, o autor, contudo, não considera o sentimento de síntese pessoal e a unidade psicológica individual como fundamentos da personalidade, conforme o fazem as escolas psicológicas.

Em seu estudo da paranóia Lacan se empenha em demonstrar a psicogenia dos sintomas. Para ele, um sintoma é psicogênico quando suas causas se exprimem através dos mecanismos

²⁹ LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. v.II. p.552.

³⁰ LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. p.24. (Destaque do autor).

complexos da personalidade, quando sua manifestação reflete esses mecanismos e quando seu tratamento depende deles. E, mesmo que um sintoma tenha, indubitavelmente, uma base orgânica, sua psicogenia pode ser remontada à personalidade.

A partir desse ponto Lacan se pergunta sobre a possibilidade de se fundarem sistemas teóricos da personalidade que se coadunem à complexidade dos fatos psicopatológicos. Dirige sua crítica à principal tentativa feita neste sentido, a ciência caraterológica, que, nas inúmeras formulações de seus autores, perde-se numa multiplicidade de sistemas propostos a partir das particularidades individuais.

Ao tentar sistematizar os tipos psicológicos, a caraterologia, baseada em parâmetros tão diversos quanto o temperamento, as aptidões intelectuais e a compleição física, esbarra em dificuldades. Uma, por não conseguir hierarquizar os tipos caraterológicos, ou seja, distinguir o caráter determinante para a estrutura dos que correspondem apenas a uma variação sem repercussão no conjunto; outra, por não ser mesmo capaz de identificar o caráter, tomando por uma identidade de caráter aquilo que “pode ser apenas uma homologia formal entre aspectos vizinhos que traduzem uma estrutura inteiramente diferente”.³¹ Assim, esses sistemas de personalidade pecam por não serem estruturais, mas apenas descritivos.

Além do mais, a caraterologia, disciplina que estava muito em voga entre os psiquiatras no final do século XIX e início do século XX, baseava-se na constituição, assim como no caráter inato e permanente das diferenças individuais determinantes na organização da personalidade.

Lacan não nega valor à predisposição constitucional do caráter, desde que a considerem como ligada à história do indivíduo, às experiências que nele se inscrevem e à educação pela qual passou.

³¹ LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. p.40.

3 Paranóia e personalidade: um panorama psiquiátrico

Após situar as concepções sobre a personalidade, a partir dos três parâmetros citados – a experiência comum, a metafísica tradicional e a psicologia científica –, Lacan se empenha em traçar um longo percurso sobre as teorias psiquiátricas dominantes na segunda metade do sec. XIX. Elas se baseavam sobretudo na degenerescência constitucional e nas taras hereditárias.

Alguns psiquiatras, contudo, rompem com essa concepção. Emil Kraepelin traz uma novidade ao considerar a psicose como um desenvolvimento da personalidade. Volta a sua atenção para a evolução dos delírios, enfatizando as relações entre o delírio e o caráter anterior do sujeito.

Lacan demarca aí uma primeira leitura psicogênica da paranóia, “que nos remete ao núcleo das funções da personalidade: conflitos vitais, elaboração íntima desses conflitos, reações sociais”.³² Neste sentido, Kraepelin, mesmo que ainda se apegue a uma tradição constitucionalista do caráter, não considera a paranóia como resultado da simples exageração de traços caraterológicos prefixados, mas enfatiza os eventos contra os quais o caráter reage e o meio em que essa reação se insere.

Eugen Bleuler dá nova força a essas concepções. Em seu “Tratado de Psiquiatria” afirma que a importância e significação das vivências em relação ao mundo circundante era pouco valorizada porque se acreditava numa estrutura da personalidade rígida, à qual as experiências não poderiam proporcionar mais que conteúdos. A maioria dos aspectos do caráter e do temperamento se incluía na estrutura herdada, cabendo à experiência apenas um papel de coadjuvante. Escreve ele:

Hoje se sabe, pelo contrário, que não existe um âmbito da personalidade independente do mundo circunstancial, senão que toda a nossa personalidade é intensamente susceptível de ser modelada através da

³² LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. p.49.

experiência desse mundo, mesmo que em diferentes graus e tão-somente sobre a base de disposições congênitas de reação e desdobramento.³³

Assim, aspectos de nosso modo de ser, tais como nosso temperamento, nossa disposição a distímias, nossa capacidade de amor e vinculação aos demais, não podem ser compreendidos apenas como procedentes “do curso fatal e inexorável de um desdobramento de qualidades herdadas, mas se acham poderosamente cunhados pela experiência vital”.³⁴ O psiquiatra suíço destaca ainda o efeito duradouro e persistente das vivências infantis precoces, as quais configuram e determinam os ulteriores desenvolvimentos da personalidade.

Na esteira das formulações bleulerianas Ernst Kretschmer, em sua famosa obra sobre o delírio sensitivo de relação, situa como causas determinantes do delírio três elementos: o caráter, o acontecimento vivido e o meio ambiente. Lacan faz observações tão importantes sobre esta obra que fomos instigados a acompanhá-la de perto.

No estudo do caráter sensitivo, o que sobretudo interessa ao psiquiatra alemão são as reações do sujeito diante de um “conflito individual interno ético-sexual”³⁵ baseado em sentimentos de culpabilidade. Ele afirma que quanto mais sensitivo é um caráter tanto mais especificamente responderá com um delírio paranóico aos complexos de culpa.

Kretschmer se ancora numa caraterogênese, achando necessário antepor à exploração clínica especial um esquema caraterológico. No entanto, ao colocar a sintomatologia paranóica no marco dos desenvolvimentos da personalidade, o autor enfatiza a extraordinária importância da ação das vivências externas na patogenia, questionando a validade de uma determinada disposição caraterológica como *agente causal específico*. Este predomínio da atenção dirigida para as vivências, para o “complexo” – escreve ele – “é próprio sobretudo daqueles círculos que estão em contato mais direto com a escola psicanalítica”.³⁶

³³ BLEULER, E. *Tratado de psiquiatria* (1916). Madrid: Espasa-Calpe, 1971. p.18. (Tradução nossa).

³⁴ Ibidem. p.19. (Tradução nossa).

³⁵ KRETSCHMER, E. *Delírio sensitivo-paranoide: aportación al problema de la paranoia y a la caracterología psiquiátrica* (1918). Barcelona: Labor, 1959. p.13. (Tradução nossa).

³⁶ Ibidem. p.21. (Tradução nossa).

Kretschmer reconhece as dificuldades em se estabelecer uma ciência caraterológica, uma vez que as formulações a seu respeito são múltiplas, polifacetadas, imprecisas, senão caóticas. Não obstante, pretende apresentar um estudo caraterológico que possa “*substituir a concepção estática e materialista por um conceito genético e dinâmico*, tal como corresponde à realidade psíquica”.³⁷ Sugere que se considere o caráter não como uma magnitude em si, mas em sua relação palpitante com a vivência. Propõe ainda que sejam distinguidas as qualidades caraterológicas em sentido estrito – aquelas adquiridas, de modo reativo, por vias psíquicas – daquelas que fazem parte “*do conjunto natural biológico autônomo*”.³⁸

A partir dessas premissas, Lacan afirma que o caráter sensitivo formulado por Kretschmer nada possui de um estado inato, fixo e constitucional. É uma disposição adquirida no decorrer da evolução, na qual certos traumas afetivos determinantes desempenham o maior papel.

Segundo Kretschmer, vivências de cunho sexual e forte intensidade afetiva, impossibilitadas de serem liquidadas através de uma reação externa, têm sua carga retida, ficando acumuladas como “um corpo estranho torturante, sentido conscientemente no interior da consciência”.³⁹

O parentesco dessas construções com aquelas de Freud sobre o acontecimento traumático é evidente. Mas, apesar de concordar com algumas observações da escola psicanalítica, Kretschmer rejeita a participação dos mecanismos inconscientes. Para ele, a representação da vivência, bem como o afeto ao qual está ligada, tende a se reproduzir indefinidamente na consciência, manifestando-se nas condutas do sujeito como conflitos de ordem moral.

³⁷ KRETSCHMER, E. *Delirio sensitivo-paranoide*: aportación al problema de la paranoia y a la caracterología psiquiátrica. p.32. (Tradução nossa. Destaques do autor).

³⁸ *Ibidem*. (Tradução nossa. Destaques do autor).

³⁹ *Ibidem*. p.42. (Tradução nossa).

Por mais que Kretschmer tenha trazido uma visão caraterológica dinâmica e psicogênica, “a concepção kretschmeriana da predisposição do caráter deixa, entretanto, ainda ao caráter, anterior à psicose, uma ação determinante que pode parecer ambígua”.⁴⁰

Essa ambigüidade, contudo, é enriquecedora. O psiquiatra alemão atribui importância à sexualidade, concedendo a ela uma base orgânica e constitucional, onde as inibições “não são produtos artificiais de educação, mas verdadeiras porções dos próprios instintos, presas à fisiologia cerebral”.⁴¹ Afirmo que é somente a partir dessa base que podem operar as reações da personalidade total e as influências do ambiente.

Porém, pergunta em seguida: “Como se comporta a *personalidade total* diante desses defeitos estruturais de seus instintos sexuais, irritantes como corpos estranhos?”⁴² A resposta é precisa e diametralmente oposta a seu raciocínio anterior: “As desigualdades da vida instintiva só servem para estimular e irritar os modos reativos já dados na personalidade total”.⁴³ Assim, o autor oscila entre priorizar a base orgânica instintual e os modos reativos da personalidade.

Uma vez que os pacientes estudados por Kretschmer são sujeitos com *vivas sensações sexuais*, mas *inibidos* em seus relacionamentos, o autor formula que “a moral individual é uma imagem especular invertida e uma ação contrária correlativa às tendências instintivas irritantes”.⁴⁴ Acrescenta que esta é uma defesa, moralista e supercompensada, contra uma sexualidade prematura e excessiva; o que, aliás, Freud já havia observado alguns anos antes e descrito como formação reativa.

⁴⁰ LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. p.95.

⁴¹ KRETSCHMER, E. *Delirio sensitivo-paranoide: aportación al problema de la paranoia y a la caracterología psiquiátrica*. p.236. (Tradução nossa).

⁴² *Ibidem*. p.238-239. (Tradução nossa. Destaques do autor).

⁴³ *Ibidem*. p.239. (Tradução nossa).

⁴⁴ *Ibidem*. OBS: Não deixa de ser curioso encontrar em Kretschmer a expressão “imagem especular invertida”, pois sabemos quanto ela é cara a Lacan. A expressão encontra-se no capítulo X, que foi acrescentado à 3ª edição alemã de seu livro, em cujo prólogo o autor alemão, diga-se de passagem, faz referência à tese de doutorado de Lacan. Kretschmer, contudo, já a havia utilizado anteriormente.

É interessante observar que Kretschmer, apesar de discordar das “múltiplas interpretações e deduções analógicas muito atrevidas”⁴⁵ de Freud, não deixa de reconhecer o valor clínico de suas observações, concordantes com as dele próprio.

Mas, agora, sigamos Lacan em suas considerações sobre o famoso “caso Aimée”.

4 Uma paranóia de autopunição

Aimée, casada e com 38 anos, aborda certa noite, na entrada de um teatro, uma atriz famosa e precipita-se sobre ela com uma faca, causando-lhe ferimentos na mão. Detida, relata ao delegado que a atriz, associada a um acadêmico famoso, a persegue. Presa por dois meses, é internada em seguida no Asilo de Sainte-Anne e passa a ser observada por Lacan durante um ano e meio.

Empregada de uma companhia ferroviária, trabalhava ali há 20 anos, mantendo seu emprego até a véspera do atentado. Era casada com um funcionário da mesma companhia. Seis anos atrás, após um período de licença – no qual esteve internada por problemas mentais – pede transferência, passando a morar sozinha em Paris e deixando o filho aos cuidados do marido.

Em conversações com Lacan relata que seu maior temor era que, com um possível divórcio, pudesse ficar sem seu filho. Todas as perseguições giravam em torno da possibilidade de perdê-lo. Certa vez havia lido num jornal que o filho seria morto porque sua mãe era caluniadora e vil.

Acha que escritores e jornalistas plagiam seus escritos íntimos. Numa ocasião, tendo um manuscrito recusado por uma editora, agride violentamente uma funcionária. Desenvolve uma

⁴⁵ KRETSCHMER, E. *Delirio sensitivo-paranoide*: aportación al problema de la paranoia y a la caracterología psiquiátrica. p.49. (Tradução nossa).

erotomania em relação ao príncipe de Gales, para quem envia seus dois romances e algumas cartas.

Lacan refere-se ainda à relação íntima que Aimée mantinha com uma colega de escritório, uma intrigante refinada kretschmeriana, cujas atitudes expansivas se opunham às de Aimée, “como ao objeto [se opõe] sua imagem invertida no espelho”.⁴⁶ É através dessa amiga, vinda de uma família nobre decaída, que a paciente tem as primeiras notícias sobre os hábitos e sucesso de Sarah Bernhardt e da famosa atriz, as quais serão posteriormente as suas maiores perseguidoras.

Das duas amigas – observa Lacan – “uma é a sombra da outra”.⁴⁷ De certa feita, Aimée deixa escapar a seguinte consideração: “Eu me sinto masculina”; ao que a amiga replica: “Você é masculina”.

A despeito da relação mantida com a amiga, algum tempo depois Aimée se casa com o colega de trabalho. As coisas se complicam quando uma irmã, viúva e sem filhos, vai morar com o casal. Autoritária, toma a frente na direção do lar e na educação do filho de Aimée.

Ameaçada pela perspectiva da perda do filho, mas incapaz de dirigir queixas diretas à irmã, a paciente se desorganiza e é internada. Após a alta, afasta-se do lar e vai morar sozinha em Paris, passando a visitar seu filho a cada semana. Quer obter o divórcio para que, assim, lhe seja devolvido o filho.

Ficando cada vez mais isolada, seu delírio ganha dimensões exageradas. Seu ódio é concentrado inicialmente na amiga de trabalho, um substituto da irmã, e culmina no atentado à atriz. Elas são, diz Lacan, “os duplos, os triplos e sucessivas ‘tiragens’ de um *protótipo*”.⁴⁸

Assim, a paciente

... substitui o objeto que se oferece diretamente a seu ódio por um outro objeto, que provocou nela reações análogas pela humilhação sofrida e pelo

⁴⁶ LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. p.225.

⁴⁷ *Ibidem*. p.226.

⁴⁸ *Ibidem*. p.253 (Destaques do autor).

caráter secreto do conflito, mas que tem a vantagem de escapar ao alcance de seus golpes.⁴⁹

No seu acompanhamento de Aimée, o que desperta a atenção de Lacan é que no vigésimo dia de detenção a psicose de sua doente se cura instantaneamente.

Sabe-se que há uma cura típica em alguns delírios passionais nos quais o delirante, logo após um assassinato, sente um alívio característico “acompanhado pela queda imediata de todo o aparelho da convicção delirante”.⁵⁰ No caso em questão, entretanto, a doente se cura apenas após ser presa, ou seja, após “realizar” seu castigo. Através da autopunição, atinge-se a si mesma. Isso pode ser deduzido diretamente das declarações de Aimée, que diz que os perseguidores ameaçam seu filho para puni-la.

Lacan remonta a autopunição à teoria freudiana da evolução da libido que, segundo ele, parece corresponder “a esta parte, considerável na experiência, dos *fenômenos da personalidade* cujo fundamento *orgânico* é dado pelo *desejo sexual*”.⁵¹ A prevalência mórbida dos mecanismos de autopunição fica então associada às fixações da libido, que no caso estudado estão referidas ao narcisismo e às tendências homossexuais.

Onde as doutrinas constitucionalistas tropeçam, ao fixar tipos caraterológicos inatos como antecedentes necessários à paranóia, Lacan propõe uma abordagem a partir dos fenômenos da personalidade, para aí estabelecer relações de compreensão nos âmbitos do individual, do estrutural e do social. Para tanto, apóia-se num determinismo psicogênico.

No seu estudo Lacan pretende demonstrar os fenômenos da personalidade como resultantes:

1 de um desenvolvimento coerente com a história vivida pelo sujeito;

2 das concepções do sujeito sobre si mesmo e sobre o mundo;

⁴⁹ LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. p.253.

⁵⁰ Ibidem. p.250.

⁵¹ Ibidem. p.255. (Destaques do autor).

3 das tensões nas relações sociais.

O ponto de vista social é o único que, segundo o autor, poderia embasar uma ciência da personalidade, pois, ancorando-se nas funções intencionais ligadas às tensões próprias às relações sociais humanas, “oferece *fatos* que têm todas as propriedades do *quantificável* ”⁵² sem cair numa fixidez desenvolvimentista ou num subjetivismo estéril.

Lacan vê na psicose de Aimée uma abertura à participação social. Camponesa desenraizada, oprimida em meio ao burburinho parisiense, ela realiza delirantemente a imagem da vedete do teatro ou do livro. No caso apresentado – observa – “tanto no estudo dos sintomas quanto das causas da psicose, nós nos referimos ao *concreto* ”.⁵³

Assim, para construir a sua ciência da personalidade, o autor se apóia na observação dos fatos e nos postulados epistemológicos que conferem seu valor às correlações observadas.

Daí sua crítica a Freud, em que pese reconhecer a importância das observações psicanalíticas sobre o papel da sexualidade e do conflito na gênese da paranóia. Assim como Kretschmer reprochava “as múltiplas interpretações e deduções muito atrevidas de Freud”, Lacan assinala, acerca da semântica psicanalítica, que “suas interpretações se apresentam muito freqüentemente como um simbolismo bastante complexo e longínquo”.⁵⁴ Preconizando a obtenção de informações tão exaustivas quanto possível sobre a vida da doente, regidas por critérios puramente objetivos, acrescenta que seu método, “fundado em *relações de compreensão* imediatamente apreensíveis nos fenômenos, abstém-se em princípio de utilizar essas relações simbólicas”.⁵⁵

Kretschmer já houvera ressaltado que seu procedimento se distinguia do de Freud por não se basear em interpretações discutíveis, mesmo que engenhosas. Escreve ele:

Ao contrário, o fundamento essencial de toda psicose surge imediatamente durante a conversação entre o médico e o enfermo, em sua vivência radical.

⁵² LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* . p.320. (Destaques do autor).

⁵³ *Ibidem* . p.323. (Destaques do autor).

⁵⁴ *Ibidem* . p. 327.

⁵⁵ *Ibidem* . (Destaques do autor).

O paciente mesmo é quem dá todas as inter-relações, sem que o médico acrescente nada por sua parte.⁵⁶

Mas será que um “cientista da personalidade” ficará livre das interpretações? Caberá apenas ao paranóico o papel de interpretante? Parece ter havido um excesso de apego à objetividade, tanto no psiquiatra alemão quanto no futuro psicanalista francês.

Embora ambos tenham lido o famoso “Caso Schreber”, não puderam – pelo menos de momento – acompanhar Freud nesta reflexão acerca do delicado lugar ocupado pela teoria: “Fica para o futuro decidir se a [minha] teoria contém mais delírio do que eu gostaria ou se o delírio [de Schreber] encerra mais verdade do que outros atualmente acham crível”.⁵⁷

Lacan admite, entretanto, a importância das formulações freudianas como, por exemplo, a do supereu. Ela lhe permite pensar não só a coerção que a sociedade exerce sobre o sujeito, mas também o ressarcimento obtido pelo caminho da identificação, através do qual o sujeito se alivia da tirania dos objetos externos. Além disso, considera que as elaborações de Freud sobre as fixações, os investimentos e os deslocamentos da libido – conceito energético e quantificável – permitem pensar as tendências *concretas* do eu, em contraposição a uma noção idealista da personalidade.

Lacan é enfático ao dizer que, sem o conceito energético de libido, a concepção kretschmeriana dos tipos caraterológicos permanece ininteligível. Da mesma forma, ficariam incompreensíveis os tipos psicastênicos de Janet, os tipos libidinais junguianos, os passionais, os esquizóides, os ciclotímicos, enfim, toda a imensa galeria de tipos caraterológicos.

⁵⁶ KRETSCHMER, E. *Delirio sensitivo-paranoide*: aportación al problema de la paranoia y a la caracterología psiquiátrica. p.190. (Tradução nossa).

⁵⁷ FREUD, S. Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranóia (*Dementia paranoides*) descrito autobiográficamente (1911 [1910]). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. v.12. p.72. OBS: Todas as citações das “Obras completas de Freud” encontradas nesta tese foram retiradas da versão argentina (Amorrortu ed.) e traduzidas diretamente para o português. Quando necessário, serão confrontadas com o original em alemão ou com as versões brasileira e inglesa.

Pelo mesmo viés energético Lacan pode também formular que a paranóia de reivindicação dos querelantes representa o avesso da paranóia de autopunição. Digamos, acrescenta ele, “que sua estrutura é dominada pela mesma *intenção punitiva*, isto é, por uma *pulsão agressiva socializada*, mas que sua *economia* energética é *invertida*, e isto só em razão de contingências da história afetiva.”⁵⁸

É instigante acompanhar o movimento de Lacan. Se antes se apegava à máxima objetivação do relato (obtenção de informações exaustivas sobre a vida do sujeito), agora se abre para ele um novo campo, aquele do pulsional. Com isso fica questionada, ao final de seu estudo, a “*significação humanamente compreensível*”⁵⁹ dos fenômenos da personalidade, objetivada pelas experiências vividas pelo sujeito em suas relações sociais. O autor esclarece que

... os conflitos determinantes, os sintomas intencionais e as reações pulsionais de uma psicose discordam das *relações de compreensão*, que definem o desenvolvimento, as estruturas conceituais e as tensões sociais da personalidade normal, segundo uma medida que determina a *história* das afecções do sujeito.⁶⁰

Lacan, que partiu de uma leitura compreensiva, esbarra agora nas psicoses mais discordantes, que revelam “*processos orgânicos mais evidentes, reações aos conflitos vitais* cada vez menos *compreensíveis*, mas a importância de fixações evolutivas, cada vez mais *arcaicas*, permanecerá essencial”.⁶¹

Sabemos que diante das limitações impostas à compreensão, o apelo puro e simples ao organicismo torna-se tentador. Essa queda no orgânico, prato cheio e rentável para as múltiplas explicações constitucionistas – de antanho e de agora –, promove as delícias do paralelismo psiconeurológico e dos neurotransmissores cerebrais.

Esta, no entanto, não foi a via traçada por Lacan. Quanto a Freud, jamais recuou diante das questões colocadas pelo orgânico. Mas, em relação a ele, ao invés de promessas milagrosas trouxe impasses, deixando aberto um campo de espera e de angústia. Não sem

⁵⁸ LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. p. 341. (Destaques do autor).

⁵⁹ *Ibidem*. p.323. (Destaques do autor).

⁶⁰ *Ibidem*. p.351. (Destaques do autor).

⁶¹ *Ibidem*. p.357-358. (Destaques do autor).

razão, Besset observa que “é respeitando a *angústia* como algo inerente ao humano e *sinal* daquilo que, do *desejo* e do *gozo*, revela-se como *estranho* ao eu, que podemos seguir na via inaugurada por Freud”.⁶²

Lacan traz, ao final de sua tese de 1932, algo que julgamos de máxima importância: “a interpretação simbólica do material das imagens vale menos a nossos olhos do que as *resistências* pelas quais se mede o tratamento”.⁶³

Assim, para além do reducionismo orgânico, das relações simbólicas e das concepções idealistas da personalidade, Lacan se vê confrontado com a resistência ao tratamento. Em outros termos, defronta-se com o que denomina as “tendências concretas do eu”.

Isso o colocará decisivamente na trilha de Freud. Nesta trilha seguiremos para desenvolver melhor o nosso tema.

⁶² BESSET, V. A clínica da angústia: faces do real. In: *Angústia*. São Paulo: Escuta, 2002. p.16. (Destaques da autora).

⁶³ LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. p.357. (Destaque do autor).

CAPÍTULO II

FORMULAÇÕES FREUDIANAS SOBRE O CARÁTER aproximações iniciais

Tentaremos discernir rapidamente os empregos feitos por Freud dos termos caráter, personalidade e tipo. Aos três, juntaremos um quarto, o eu. Os quatro termos às vezes são correspondentes, mas geralmente se conjugam.

Começemos pelo *tipo*. Freud o utiliza no sentido de “tipo clínico” e também como “tipo psicológico”. Já o uso das expressões “tipos libidinais” e “tipos de caráter” é mais relevante em sua obra e a eles dedica artigos específicos.

Personalidade corresponde por vezes a “pessoa”, particularmente quando é alguém destacado (por exemplo: uma personalidade sublime, uma grande personalidade, uma personalidade pública ou heróica, etc.). Por ocasiões, sua aplicação fica referida à unificação (personalidade unitária, total, própria); em outras, à divisão (decomposição, fragmentação e cisão da personalidade; personalidades múltiplas).

Embora Freud utilize inicialmente *personalidade* como sinônimo de *eu*, não se deve esquecer que “A decomposição da personalidade psíquica” é uma conferência feita para mostrar que a personalidade está seccionada em um *eu*, um *supereu* e um *isso*. Fica também evidente o jogo contínuo que Freud faz entre caráter e *eu*, embora nesse jogo se infiltrem o *isso* e o *supereu*.

Resulta improdutivo insistirmos em delimitações precisas. Parece-nos que Freud mais se ocupou em *operar* com o termo caráter do que em defini-lo conceitualmente.

Isto é demonstrado em passagem da “Conferência 32”, onde diz: “os senhores, sem dúvida, já terão suposto por si mesmos que isto que se chama *caráter*, coisa tão difícil de definir, é atribuível inteiramente ao eu”.⁶⁴

Contudo, logo em seguida ele afirma que o que cria o caráter é:

1 sobretudo, a incorporação da instância parental anterior na qualidade de supereu;

2 depois, as identificações com ambos os progenitores numa época posterior, bem como com outras pessoas influentes; além disso, semelhantes identificações ocorridas como precipitados de vínculos de objeto abandonados;

3 por fim, as formações reativas que o eu adquire, em primeiro lugar, através de seus recalcamientos e depois, por meios mais normais, quando rechaça moções pulsionais indesejáveis.

Portanto, encontrar uma definição precisa para o caráter na obra de Freud é tarefa nada fácil, senão impossível.

Posto isso, passemos à consideração das primeiras formulações de Freud sobre o caráter.

1 Sintoma: um mau comportamento

Em “Um caso de cura pela hipnose” Freud ressalta que na histeria representações de conteúdo aflitivo, que foram inibidas e rechaçadas pela consciência, saem à luz sob a forma de sintomas conversivos. Tal é o caso de uma jovem mãe dotada de capacidades, bom senso e espontaneidade. Apresentava distúrbios que a faziam sofrer e dos quais tentava, em vão, se livrar: era tomada por inapetência, vômitos e aversão a alimentos, não conseguindo amamentar seu bebê, apesar de querê-lo ardentemente. Segundo Freud, por trás da intenção

⁶⁴ FREUD, S. Angustia y vida pulsional (1933 [1932]). In: *Obras completas*. v.22. p.84.

consciente de ser uma boa nutriz se insinuava uma *contra-vontade*, a intenção de *não querer* amamentar seu bebê, que se expressava nos sintomas.

Freud cita ainda os delírios histéricos das monjas da Idade Média, carregados de graves blasfêmias e erotismo desenfreado. Lembra também que são justamente meninos bem-educados e comportados os que sofrem de ataques histéricos, através dos quais dão livre curso a todo o tipo de insubordinação.

Nos casos em questão ocorre que o sujeito é invadido por uma vontade contrária às suas intenções conscientes, que o obriga a fazer exatamente o inverso do que julga correto. Isso, diz Freud, é o que dá à histeria um traço demoníaco. Escreve ele:

A perversão histérica do caráter, essa comichão a fazer o mal[...] quem conhece enfermos de histeria sabe que esta compulsão acomete amiúde os mais irrepreensíveis caracteres que, por algum tempo, ficam, sem remédio, à mercê de suas representações contrastantes.⁶⁵

Tais representações, rechaçadas pelo eu, levam uma insuspeitada existência “em uma espécie de reino das sombras, até que vêm à luz como espectros e se apoderam do corpo que, ordinariamente, estava a serviço da consciência egóica dominante”.⁶⁶

O mesmo contraste e a mesma discordância podem ser notados em todos os casos descritos nos “Estudos sobre a histeria”, feitos por Breuer e Freud.

No primeiro deles Breuer destaca como traço de caráter essencial de Anna O. a bondade compassiva. Mas, conforme a própria paciente dizia, havia nela um “eu mau” que interferia nos seus bons hábitos morais. Isto leva o autor a concluir que ela estava fragmentada em duas personalidades, uma normal e outra patológica.

⁶⁵ FREUD, S. Un caso de curación por hipnosis. (1892-1893). In: *Obras completas*. v.1. p.160-161.

⁶⁶ *Ibidem*. p. 161.

Breuer pretende, pela sugestão, resgatar o “verdadeiro caráter” de Anna O. Acredita que, eliminada a doença, os dois estados de consciência, até então separados, voltam a fundir-se num só e os pacientes, “olhando retrospectivamente, se vêem como uma personalidade não dividida, que se dá conta de todos os disparates cometidos e crêem que, se o tivessem querido, tê-los-iam evitado”.⁶⁷ Conclui-se daí que Breuer apostava na síntese e na harmonia do eu como critérios de cura. Mas sabemos dos rumos que o tratamento de Anna O. tomou. Voltemos aos “Estudos”, agora com Freud.

Sobre a Sra. Emmy von N., Freud observa que, a despeito da melhora sintomatológica apresentada pela paciente, “nos traços básicos de seu caráter era pouco o que havia alterado, apesar das sugestões pedagógicas”.⁶⁸ Em que pese ser uma mulher sensível, inteligente, bem-sucedida e de elevado senso ético, a Sra. Emmy tinha uma inclinação para o automartírio, que persistiu quase intocada ao longo do tratamento.

Em nota de rodapé, acrescentada ao caso três décadas depois (1924), Freud refere-se a tratamentos subseqüentes da Sra. Emmy com outros médicos, nos quais ela apresentou a mesma conduta que teve com ele: após recuperação notável, indispunha-se com os médicos, os abandonava e piorava novamente. Na mesma nota relata ter sido procurado por uma de suas filhas, a qual queria mover contra a mãe – que ela classificava como uma tirana cruel e implacável – um processo judicial. Esta impecável dama de sociedade não era um bom exemplo de mãe.

Passando à casuística de Lucy R., Freud afirma que a condição indispensável para a histeria é o desenvolvimento de uma incompatibilidade entre o eu e uma representação que se intromete nele. Os sintomas são resultantes dos esforços defensivos empreendidos pelo eu para se livrar desta representação incompatível, de origem erótica. Através da conversão, a

⁶⁷ FREUD, S. Estudios sobre la histeria. (1893-1895). In: *Obras completas*. v.2. p.69.

⁶⁸ *Ibidem*. p.103.

excitação sexual aderida à representação inoportuna é descarregada; a representação, agora desinvestida de energia, não mais faz exigências ao eu, ficando cancelada a contradição.

Lucy, apaixonada pelo patrão, que perdera recentemente a esposa, havia jurado àquela, em seu leito de morte, cuidar de seus filhos. Diante da incongruência entre seus “desinteressados” propósitos altruísticos e seu interesse amoroso pelo viúvo, defende-se, caindo doente. Neste caso, o mecanismo que produz a histeria “corresponde, por um lado, a um ato de covardia moral e, por outro, se apresenta como um dispositivo protetor de que o eu dispõe”.⁶⁹ Quando a “bela alma” entra em conflito com a mulher desejosa, o sintoma aparece como solução apaziguadora.

Por fim, Elisabeth von R. apresentava um caráter áspero. Era ambiciosa, atrevida e positiva em seus julgamentos, orgulhando-se do pai, bem como do prestígio e posição social da família. Sendo a mais jovem de três filhas, mantinha estreita ligação com o pai, o qual dizia que ela ocupava o lugar de um filho ou amigo com quem podia trocar idéias. Insatisfeita com a sua condição de mulher, não se dispunha a sacrificar a sua liberdade em troca de um casamento. Paralelamente mostrava exagerada abnegação para com a mãe e as irmãs, sobre as quais concentrava afeição e desvelos, aumentados após a morte do pai.

Seus sintomas – dores violentas nas pernas – assumem maior gravidade quando ela, que se julgava bastante forte para passar sem a ajuda de um homem, se vê solitária e profundamente tocada pelo feliz casamento de sua segunda irmã. Agora, se apoderava dela “o sentimento de sua debilidade como mulher, um anseio de amor, através do qual, segundo suas próprias palavras, a solidez de seu ser começava a se derreter”.⁷⁰

A situação se agrava quando, após a morte precoce da irmã, se vê, num relâmpago, livre para se casar com o cunhado. Seu amor, que estivera todo o tempo escondido, lhe é agora

⁶⁹ FREUD, S. Estudios sobre la histeria. In: *Obras completas*. v.2. p.139.

⁷⁰ *Ibidem*. p.169.

brutalmente revelado. Diante do choque entre seu desejo e suas convicções morais e intelectuais, ela se poupa a dolorosa certeza desse amor induzindo dores físicas em si própria.

Em todas as situações, resumidamente apresentadas, podemos notar a incongruência presente nas condutas histéricas. Pode-se dizer que o eu rechaça, relegando ao desconhecimento, tudo aquilo que contradiz uma impecável concepção de si mesmo, seja ela moral ou intelectual. O rechaçado retorna, contudo, no sintoma. Este, ao mesmo tempo em que permite a expressão das tendências reprováveis, desresponsabiliza o sujeito, uma vez que sua má conduta se manifesta pela via da doença e do sofrimento. O distúrbio acarretado pelos sintomas exime o sujeito de responder por seu “mau caráter”, seu outro demoníaco.

É o caso de uma jovem atendida por Freud que, quando em estado de excitação confusional, agride e maltrata a mãe, mas que se mostra, ao mesmo tempo, dócil e afetuosa para com a irmã. Paralelamente, desenvolve um quadro fóbico em que exhibe exagerada preocupação com a mãe, temendo pela sua vida.

Citamos Freud: “Como Édipo, vivemos na ignorância desses desejos que ofendem a moral, desses desejos que a natureza forçou em nós e, após sua revelação, bem que gostaríamos de desviar a vista das cenas de nossa infância”.⁷¹

Uma primeira definição freudiana do caráter faz-se agora necessária:

Aquilo que chamamos *nosso caráter* está baseado nas marcas mnêmicas de nossas impressões; e, certamente, as que nos causaram efeito mais forte, as de nossa primeira infância, são as que quase nunca se tornam conscientes.⁷²

Pode-se dizer que, nas observações feitas sobre casos de histeria, Freud aproxima *caráter* e *sintoma* segundo duas vertentes:

- 1 Concebe o caráter como resultado da marca mnêmica de uma impressão infantil inconsciente, leitura que o aparenta ao sintoma;

⁷¹ FREUD, S. La interpretación de los sueños (1900). In: *Obras completas*. v.4. p.271-272.

⁷² *Ibidem*. v.5. p.533. (Destaques nossos).

2 Entende o sintoma como um modo de conduta, aproximando-o, portanto, do caráter. Assim, a jovem mãe, que não pode se defrontar com a sua recusa em amamentar seu bebê, vomita e deixa de comer.

Formularemos, de antemão, que toda histeria *condensa* caráter e sintoma. Isso ficará melhor explicitado quando tratarmos do tema “caráter e identificação”.

2 Dos dois, quem é eu?

Em carta a Fliess, datada em 27.10.1897, Freud comenta que a resistência que impede o trabalho analítico com neuróticos não é outra coisa senão o antigo caráter da criança. Nos perversos – rotulados à época como degenerados – este caráter, desenvolvido como resultado de experiências precoces, pode ser observado diretamente; nos neuróticos, foi encoberto pela ação do recalque. Nesse caso, vejamos como procede Freud:

Desenterro [esse caráter] com meu trabalho; ele luta; e a pessoa que era, a princípio, um ser humano tão bom e nobre, torna-se mesquinha, mentirosa ou obstinada – alguém que se finge de doente – até que lhe digo isso e, dessa forma, torno-lhe possível superar esse caráter.⁷³

Não obstante a ingênua ambição terapêutica de Freud, em seus passos iniciais, sua observação é de máxima importância. Sigamos com ele a trilha da criança...

Em “A interpretação dos sonhos” o autor ressalta que o caráter de uma criança não é o que gostaríamos de encontrar num adulto. Aquela é completamente egoísta e luta impiedosamente contra os rivais para satisfazer suas necessidades. Contudo, não a vemos como má, dizemos apenas que é travessa e não responsável pelos seus atos. Esperamos que, antes do fim da infância, sejam despertadas no pequeno egoísta as moções altruístas, bem como a moralidade, e que “um eu secundário se superponha ao primário e o iniba”.⁷⁴

⁷³ FREUD, S. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago. p.275.

⁷⁴ _____. La interpretación de los sueños. In: *Obras completas*. v.4. p.260.

Mas isso nem sempre acontece. Os destinos que sofre o caráter infantil são diversos e Freud marca agora convergências e divergências entre o caráter do perverso, do histérico e do obsessivo. Nos perversos, ressalta Freud, a moralidade não se desenvolve e o caráter primário infantil permanece e se revela como tal.

Nos histéricos, mesmo tendo sido encoberto pelo desenvolvimento posterior, ele pode abrir passagem e se manifestar como sintoma. É notável – observa Freud – “a coincidência do denominado caráter histérico com o de uma criança má”.⁷⁵

Já nos obsessivos desenvolve-se uma hipermoralidade, que se contrapõe vigorosamente ao caráter primário. Daí Freud dizer que a mesma criança que, quando pequena, se comprazia em maltratar animais, agora, já crescida, “tornou-se alguém de tão bom coração que ficaria, ela própria, chocada com estas ações cruéis”.⁷⁶

Seríamos tentados a concluir que é no sujeito perverso que o caráter se revela sem disfarces, uma vez que não se erigiram contra o caráter primário barreiras tais como as da moralidade, da vergonha e da repugnância. Daí o perverso receber tão freqüentemente a pecha de degenerado ou “mau caráter”. Reanima-se aí a doutrina constitucionista, aquela do defeito e da degeneração, a ponto de se dizer, do perverso, que é alguém “sem caráter”.⁷⁷ Por outro lado, “ter caráter” é freqüentemente tomado no sentido de “ter um bom caráter”. Torna-se claro o julgamento moral em torno do conceito.

Voltemos à “Interpretação dos sonhos”, na qual Freud destaca que a complexidade do caráter humano, dinamicamente movido em todas as direções, “raríssimas vezes admite ser resolvida com uma simples alternativa, como agradaria à nossa antiquada doutrina moral”.⁷⁸

⁷⁵ FREUD, S. La interpretación de los sueños. In: *Obras completas*. v.4. p.261.

⁷⁶ Ibidem. p.297.

⁷⁷ Segundo Klages, “caráter equivale a ‘vontade moral’”. Por isso, logicamente, toda notável falta de consistência moral se designa pela expressão ‘sem caráter’” (Ver: KLAGES, L. *Los fundamentos de la caracterología* (1910). Buenos Aires: Paidós, 1965. p. 10).

⁷⁸ FREUD, S. La interpretación de los sueños. In: *Obras completas*. v.5. p.608.

Acrescentemos: ela não se resume à alternativa bom ou mau. Entretanto, sabemos quanto no dia-a-dia nos pegamos fígados pelo reducionismo moralista.

Em 1925, ao retomar seu estudo dos sonhos, Freud afirma que o conteúdo onírico manifesto é uma aparência falsa, uma fachada. Tomando como exemplo os sonhos manifestamente imorais, nivela-os aos mais inocentes, na medida em que os últimos, após ser desfeita a deformação da censura, revelam-se como realizações de moções de desejo igualmente imorais. O autor chega a comparar os sonhos de fachada inocente com os *delinquentes disfarçados* que são, como na vida de vigília, “incomparavelmente mais freqüentes que os declarados e confessos”.⁷⁹

Em “Psicopatologia da vida cotidiana” Freud lembra o conhecido provérbio que diz que “o jogo mostra o caráter de um homem”, para acrescentar: “... sempre que não se faça referência ao seu caráter manifesto”.⁸⁰

Seria então possível ter acesso ao “verdadeiro” caráter ou estaríamos, todo o tempo, lidando apenas com fachadas? Freud desestabiliza a definição comumente aceita do caráter como aquilo que é autêntico e próprio ao indivíduo.⁸¹ Do que se trata em suas elaborações é de divisão, impropriedade, incongruência. Cabe mesmo perguntar se o sujeito – enquanto tal, dividido – pode ser *caraterizado*⁸², tipificado.

3 A cunhagem do caráter

Vejamos o que Freud afirma, em “Prefácio e notas à tradução de *Leçons du Mardi*, de

⁷⁹ FREUD, S. Algunas notas adicionales a la interpretación de los sueños en su conjunto (1925). In: *Obras completas*. v.19. p.134.

⁸⁰ Nas edições anteriores a 1924 aparecia: “... sempre que estejamos dispostos a acrescentar: seu caráter sufocado”. (Ver: FREUD, S. Psicopatología de la vida cotidiana (1901). In: *Obras completas*. v.6. p.156).

⁸¹ Indivíduo (do lat. *individuu*): indiviso, não dividido, não divíduo (Ver: FERREIRA, A . B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p.760).

⁸² Esclareçamos que o léxico português admite esta variante, presente em todos os dicionários. Encontramos também: caraterística, caraterístico, caraterização, caraterizador, caraterizante, caraterizar, caraterologia, caraterológico. (Ver: FERREIRA, A . B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. p. 280).

Charcot”, sobre a histeria:

Certamente é possível encontrar o *type*, a formação⁸³ completa e característica do quadro clínico; não obstante, na maior parte das vezes os casos efetivamente observados divergem do tipo, apagam do quadro este ou aquele traço, ordenando-se em uma ou várias séries que vão se separando do tipo e terminam, por fim, em formas rudimentares, completamente nebulosas (*formes frustes*), nas quais só alguém experiente é capaz de discernir as cópias do tipo.⁸⁴

Nota-se que Freud, longe de se interessar pela descrição de tipos clínicos exemplares e bem-acabados, preocupa-se sobretudo com os desvios do tipo-padrão, marcando aí a divergência em relação ao modelo. Mais importante ainda, permite-nos pensar que a cunhagem original do tipo – o protótipo, o molde – se prolonga em tudo aquilo que dele deriva mas, igualmente, se apaga em cada um dos seus derivados, em cada uma das cópias do tipo.

É necessário também recordar que tipo (Do gr. *týptos* - *týpos*) significa originalmente *golpe*; daí ser a “marca deixada pelo golpe”⁸⁵, ou ainda, “marcar batendo”⁸⁶. Assim, um tipo não se marca senão pelo golpe. Acrescente-se ainda que o tão conhecido termo freudiano *Zug*, em que pese ser traço é, sobretudo, “tirada, ímpeto”⁸⁷. Detenhamo-nos, por um momento, nesta questão.

Uma das pacientes de Freud, a Sra. Cäcilie, tinha medo que a avó desconfiasse dela.

Quando adolescente, estava deitada na cama sob o olhar vigilante da rigorosa avó. De repente,

⁸³ A palavra utilizada por Freud é *Ausprägung* (cunho, estampa, marca, selo, impressão), traduzida inadequadamente por *plasmación* (formação). É somente através do termo “cunhagem” que se pode compreender o emprego, por Freud, da expressão francesa *formes frustes*, onde – como está destacado em nota de rodapé – *fruste* aplica-se originalmente a moedas ou medalhas, cuja superfície está desgastada e apagada, ou seja, cuja cunhagem original se desvaneceu. (Ver: FREUD, S. Vorwort und Anmerkungen zur Übersetzung von J. M. Charcot, *Leçons du mardi à la Salpêtrière*. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. Nachtragsband. Texte aus den Jahren 1885-1938. p.154. Ver também: LANGENSCHIEDTS. *Dicionário de bolso das línguas portuguesa e alemã*. Berlim: Langenscheidts, 1982. p.713).

⁸⁴ FREUD, S. Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot. *Leçons du mardi de la Salpêtrière* (1892-1894). In: *Obras completas*. v.1. p.168.

⁸⁵ Ver: FERRATER MORA, J. *Diccionario de filosofía*. v.4. p.3512.

⁸⁶ Ver: FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. p.1380.

⁸⁷ *Zug*: tirada, puxada, puxão, trago, rasgo, traço, impulso. (Ver: LANGENSCHIEDTS. *Dicionário de bolso das línguas portuguesa e alemã*. p.1202).

sentiu uma dor penetrante na testa que, anos após, ainda se repetia. A avó a tinha olhado “de maneira tão ‘penetrante’ que perfurou fundo o seu cérebro”.⁸⁸

Cäcilie revive as sensações corporais, às quais as expressões lingüísticas devem sua justificativa, tomando-as ao pé da letra. Sente, por exemplo, uma “facada no coração” ou uma “bofetada na face” após uma simples interpelação da avó, “que fere como um acontecimento real”.⁸⁹ Da mesma forma, lembra Freud, “engolir algo” aplica-se a um ultraje ao qual não foi apresentada qualquer réplica; algo, de fato, fica entalado na garganta.

Miller, apoiado em Lacan, ressalta que uma cadeia significativa “não apenas programa um sintoma, mas também um destino, isto é, a existência que se apresenta organizada pelo que chamamos caráter ou personalidade”.⁹⁰ Acrescenta ainda que “a neurose lacaniana se concretiza sempre em uma conduta do sujeito”,⁹¹ estando o sintoma inscrito num comportamento. Como se vê, mais uma vez Lacan seguiu a trilha de Freud.

Assim, o histérico – este que, como sabemos, sofre de lembranças – não carregaria, nos traços mnêmicos, a marca única do golpe sofrido e não assimilado? Para além da variedade desnorteante dos sintomas e da montagem das cenas traumáticas relatadas insistentemente, não estaria aí cunhado, no corpo, o traço único de um acontecimento real e inassimilável, produzido pela ação do outro?

Vale lembrar Freud na “Carta 52”, na qual diz que o ataque histérico não é um alívio, mas sim uma *ação* e conserva o caráter originário de toda ação: ser um meio de reprodução de prazer. O ataque histérico “leva em conta o *outro*, porém, na maioria das vezes, aquele outro pré-histórico inesquecível, ao qual ninguém posteriormente pode se igualar”.⁹²

Se o sofrimento é algo evidente nos sintomas e nos relatos das cenas em que o histérico está no centro como vítima, não deixa de ser curiosa a observação de Freud sobre Elisabeth

⁸⁸ FREUD, S. Estudios sobre la histeria. In: *Obras completas*. v.2. p.192.

⁸⁹ Ibidem. p.193.

⁹⁰ MILLER, J-A. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. p.173. (Tradução nossa).

⁹¹ Ibidem. p.176.

⁹² FREUD, S. Fragmentos de la correspondencia con Fliess(1892-1899). In: *Obras completas*. v.1. p.176.

von R. Ele se surpreende ao constatar que a estimulação das pernas doloridas de sua paciente produzia em seu rosto uma expressão antes de prazer que de dor. Freud localiza aí uma zona histerógena, um ponto erógeno que não se apaga mas que, pelo contrário, permanece vivo e pulsante.

O que dá à histeria seu protótipo não é tanto o ataque provocado pelo outro imaginado nas cenas mas, fundamentalmente, a excitação sexual imprimida pelo outro *no sujeito*. Esta selagem, marcada de golpe, dá à histeria seu segredo: recuperar, mesmo que através de um sintoma doloroso, “a satisfação sexual que foi real na infância e desde então foi recalçada”.⁹³

Não sem razão, Freud salienta na “Carta 72” (27.10.1897) que o caráter da criança se desenvolve durante um período de intenso anseio, “depois de a criança ter sido afastada das experiências sexuais”.⁹⁴ Este desenvolvimento, no entanto, não é simples. Ouçamos Freud em “Três ensaios”:

O que chamamos o “caráter” de um homem está construído em boa parte com o material das excitações sexuais e se compõe de pulsões fixadas desde a infância, de outras adquiridas por sublimação e de construções destinadas a freiar moções perversas, reconhecidas como inaplicáveis.⁹⁵

Se Freud, em “A interpretação dos sonhos”, definiu o caráter relacionando-o aos traços mnêmicos, agora sua ênfase recai sobre a *pulsão*.

Em “Caráter e erotismo anal” Freud estabelece uma conexão orgânica entre certo tipo de caráter encontrado no adulto e o comportamento e a função de determinado órgão na infância. Os tipos neurótico-anais – indivíduos ordeiros, parcimoniosos e obstinados – quando crianças demoraram a superar a incontinência fecal e, rebeldes, recusavam-se a esvaziar os intestinos. Extraíam da defecação um ganho adicional de prazer, o que denotava uma excepcional erogeneidade anal. Entretanto, quando adultos, já não apresentavam sinais evidentes daquele erotismo, o que leva Freud a deduzir que no curso do desenvolvimento a zona anal havia

⁹³ FREUD, S. Las fantasías históricas y su relación con la bisexualidad (1908). In: *Obras completas*. v.9. p.145.

⁹⁴ _____. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. p.275.

⁹⁵ _____. Tres ensayos de teoría sexual (1905). In: *Obras completas*. v.7. p.218.

perdido a sua significação erógena. Como compreender um contraste tão grande entre aquela criança, rebelde e suja, e *seu* adulto honrado, metódico e decente?

Ora, após uma fase de eflorescência sexual, em que se dava rédea solta à pulsão, sobrevém um período de moralidade infantil e de latência sexual, no qual são criadas poderosas formações reativas. Estas, tomando energia das próprias excitações sexuais ligadas à zona erógena, erguem-se como barreiras – o asco, a vergonha e a moralidade – que se opõem às posteriores atividades das pulsões. O erotismo anal, submetido a imposições restritivas, torna-se inútil para os fins sexuais diretos, tendo que se contentar em se esconder na rigidez dos traços de caráter. Isso o neurótico obsessivo bem demonstra, em sua obstinação pelo método e o controle.

O apego excessivo deste tipo caraterológico ao dinheiro e as relações, desde sempre conhecidas, entre as fezes e o “vil metal” – ambos, objetos sujos – evidenciam que, ao final, a pulsão anal não foi dominada. A mesma fonte pulsional que antes investia o objeto fecal, que no adulto elegante é rejeitado como o mais desprezível, transfere-se agora para aquele que é o mais precioso, o ouro.

Nesse contexto, o parentesco entre o caráter “sujo” – aquele voltado a práticas sexuais escatológicas, o denominado perverso – e o caráter neurótico “limpo” torna-se evidente. Ambos são supridos pelo erotismo anal compulsivo, com a diferença de que, no neurótico, a sujeira é encoberta, através de vigorosas formações reativas, pela limpeza.

Ao final de “Caráter e erotismo anal” Freud indica uma fórmula para a construção do caráter definitivo a partir das pulsões constitutivas: “os traços de caráter que se tornam permanentes são continuações inalteradas das pulsões originárias, sublimações destas ou formações reativas contra elas”.⁹⁶

⁹⁶ FREUD, S. Carácter y erotismo anal (1908). In: *Obras completas*. v.9. p.158.

Pode-se dizer que Freud marca, a partir das *mesmas* pulsões constituintes, três *diferentes* destinos para as formações caraterológicas, ou seja, a via perversa, a via neurótica e a via sublimatória. Estas formações são destinos de pulsão.

Recorramos agora a “Moral sexual ‘cultural’ e doença nervosa moderna”, na qual Freud afirma que, na imensa maioria dos casos, a luta contra a sexualidade – e aqui evocamos as formações reativas neuróticas – consome toda a energia do caráter. O que se produz a partir daí são homens bem-comportados, mas fracos, que mais tarde “ficam submersos na grande massa que tende a ficar à deriva dos impulsos que partem de indivíduos fortes”.⁹⁷

O autor acrescenta ainda que se um homem se torna excessivamente bondoso à custa de sufocar violentamente uma inclinação agressiva, perde tanta energia com isso que não consegue fazer tudo o que suas moções compensadoras exigem e, “em definitivo, fará pior do que teria feito sem a sufocação”.⁹⁸

Por outro lado, diz Freud, a masturbação – bem como outras práticas sexuais viciosas – corrompe, pelo mau costume, o caráter. Primeiro, porque acostuma o sujeito a atingir suas metas sem esforço, ou seja, “segue o princípio *do sexual como arquétipo*”.⁹⁹ Segundo, porque nas fantasias que acompanham a satisfação masturbatória o objeto sexual é elevado a um grau de excelência dificilmente encontrado na realidade. Assim, o caráter pode ser alterado tanto pelo *excesso* de defesas contra a pulsão – é o caso da neurose – quanto pela *carência* dessas defesas, no caso da perversão.

Neste ponto, onde parece ter adotado uma postura moralista, Freud faz um giro citando o escritor Karl Krauss, que “enuncia a verdade com este cinismo: ‘o coito nada mais é que um substituto *defeituoso* do onanismo’ ”.¹⁰⁰ Fica desvelada uma questão importante: o coito,

⁹⁷ FREUD, S. La moral sexual ‘cultural’ y la nerviosidad moderna (1908). In: *Obras completas*. v.9. p.176.

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ Ibidem. p.178. (Destaques nossos).

¹⁰⁰ Ibidem. (Destaque nosso).

considerado a atividade sexual madura por excelência, pode, em muitas circunstâncias, não ser senão uma atividade masturbatória a dois.

Para além dessas duas possibilidades – a neurose e a perversão – seria possível uma saída pela sublimação? Pensamos que Freud a aponta quando salienta que “a luta contra a poderosa pulsão e a insistência em todos os poderes éticos e estéticos da vida anímica ‘temperam’ o caráter”.¹⁰¹ Sabemos, contudo, que obter “um cravo bem temperado”¹⁰² é tarefa nada fácil, pois existe uma tensão entre a sublimação *possível* e a atividade sexual *necessária*.

Dito isso, retomemos rapidamente a nossa exposição.

Até então abordamos a noção freudiana do caráter a partir da divisão do sujeito entre duas instâncias. Uma, o eu, liga-se à consciência e à vida de vigília decidindo sobre o agir no mundo, através da intencionalidade consciente. É também uma instância moral, que exerce o julgamento crítico; além disso, visa à coerência, à síntese e à unidade. A outra, uma instância demoníaca, de natureza sexual, é rechaçada pelo eu e relegada ao inconsciente. A contraposição entre estas diferentes instâncias, cada qual lutando por ser a prevalente, marca no sujeito uma discordância fundamental.

Trabalhamos também o contraste entre o caráter moral do adulto e a presença, nele, de um caráter infantil e imoral, perverso-polimorfo. As moções pulsionais fixadas na infância, em que pese poderem sofrer diferentes destinos, mantêm, entretanto, efeitos persistentes sobre o caráter do adulto. Isso é demonstrado de forma clara no caso de sujeitos perversos e de maneira menos evidente nos neuróticos. Passemos agora à consideração dos destinos da pulsão.

¹⁰¹ FREUD, S. La moral sexual ‘cultural’ y la nerviosidad moderna. In: *Obras completas*. v.9. p.175. OBS: na versão argentina das “Obras completas de S. Freud” (Amorrortu ed.) encontra-se “*templan*”. *Templar* (esp.) significa: temperar, moderar, suavizar a força de algo. Dar a algo o ponto de dureza ou de elasticidade necessárias para certos e determinados usos. Dispor um instrumento musical de modo que possa produzir com exatidão os sons que lhe são próprios. (Ver: TENÓRIO D’ALBUQUERQUE, A. *Dicionário espanhol-português*. Belo Horizonte: Itatiaia, [19--]. v.2. p.1266).

¹⁰² *Cravo*: Instrumento musical, de cordas e teclado, predecessor do piano.

4 Neurose e caráter

Em “A predisposição à neurose obsessiva” Freud deixa claro que as mesmas forças pulsionais operam na neurose e no desenvolvimento do caráter. Contudo,

... uma nítida separação teórica desses campos é oferecida pelo fato de que no caráter falta o que é peculiar ao mecanismo da neurose, a saber, o fracasso do recalque e o retorno do recalado. No caso da formação de caráter o recalque ou não entra em ação ou alcança com facilidade sua meta de substituir o recalado por formações reativas e sublimações. Por isso, tais processos de formação do caráter são menos transparentes e mais inacessíveis à análise que os processos neuróticos.¹⁰³

Portanto, a diferença entre neurose e formação de caráter não é dada pelas forças pulsionais em jogo, mas pelos *destinos* da pulsão, os quais são tributários das *defesas* em operação.

A neurose, enquanto produto do fracasso do recalque e expressão do retorno do recalado, constitui-se como *sintoma*. Nela, a pulsão encontra seu destino no sintoma. Em relação à formação de caráter a situação não é simples, pois ela pode ser resultado *ou* de um recalque que não entrou em ação *ou* de um recalque bem consumado. No primeiro caso a pulsão originária segue inalterada, o que resulta em perversão; no segundo, o recalque cumpre seu objetivo de substituir o recalado seja pela via da sublimação, seja pela formação reativa.

Seríamos tentados a discernir aqui quatro diferentes destinos pulsionais em quatro diferentes sujeitos, não fora pelo fato de Freud em “Três ensaios sobre a sexualidade” afirmar que “a análise do caráter de pessoas altamente dotadas, em particular as de disposição artística, revelará a mistura em distintas proporções de capacidade de rendimento, perversão e neurose”.¹⁰⁴

¹⁰³ FREUD, S. La predisposición a la neurosis obsesiva: contribución al problema de la elección de neurosis. (1913). In: *Obras completas*. v.12. p.343. OBS: o termo alemão *Verdrängung* é sempre traduzido na edição Argentina (Ammortu ed.) por *repression*. Optaremos pelos termos *recalque* ou *recalcamento*, que nos parecem mais adequados.

¹⁰⁴ _____. Tres ensayos de teoría sexual (1905). In: *Obras completas*. v.7. p.218.

Assim, num mesmo sujeito, a neurose não exclui as estruturações de caráter, sejam elas produtos da sublimação, da formação reativa ou da perversão.

Se na histeria essas contradições são difíceis de ser discernidas, na neurose obsessiva, em troca, elas se tornam patentes. Em “As neuropsicoses de defesa” Freud de início traz um paradoxo: a neurose obsessiva encerra um transfundo de sintomas histéricos, que reporta a uma cena de passividade sexual.

Sobre este fundo se desenvolve um período de imoralidade infantil que consiste na realização de atos prazerosos de agressão sexual. Esta fase é interrompida e às lembranças dos atos de agressão sexual se ligam auto-acusações, sobrevivendo o recalque. Segue-se um período de formação de um sintoma primário de defesa, caracterizado por conscienciosidade, vergonha e autodesconfiança, período “de *aparente* saúde, mas, na verdade, de defesa bem-sucedida”.¹⁰⁵ Finalmente, instala-se a doença propriamente dita, na qual as representações e os atos obsessivos são sintomas que atestam “o *retorno das lembranças recalçadas*, ou seja, o fracasso da defesa”.¹⁰⁶

É importante marcar que no próprio caminho de estruturação da neurose obsessiva, que culmina com os conhecidos sintomas, intervém um período de *formação caraterológica*, no qual se destaca a escrupulosidade. Freud, curiosamente, o denomina *sintoma primário de defesa*. Este período coincide com a latência sexual e presta contribuições significativas para a formação do caráter. Produto de uma defesa bem-sucedida, não se constitui como uma falha do recalque e um retorno do recalçado. Por que, então, Freud o nomeia sintoma? Supomos que seja para marcar a diferença entre a formação reativa – defesa aparentemente saudável mas, na verdade, coercitiva e patológica – e a sublimação.

Freud, ao conceber a neurose obsessiva como uma formação de caráter construída para lidar com as tendências imorais infantis, ressalta que “nossas melhores virtudes se

¹⁰⁵ FREUD, S. Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa (1896). In: *Obras completas*. v.3. p.170. (Destaque nosso).

¹⁰⁶ Ibidem.

desenvolveram, como *formações reativas e sublimações*, sobre o terreno das nossas piores disposições”.¹⁰⁷

Se tal passagem sugere uma colocação no mesmo plano dos dois processos, o autor se encarrega de desfazer o equívoco ao esclarecer que as pulsões associativas e perversas da criança trazem importantes contribuições para a formação do caráter “quando não são submetidas ao recalque, mas afastadas de suas metas originárias e dirigidas a outras mais valiosas através do processo da *sublimação*”.¹⁰⁸

Pois bem, em dois textos publicados no mesmo ano de 1913 Freud apresenta opiniões diametralmente opostas. No primeiro, “A predisposição à neurose obsessiva”, a sublimação é um destino de pulsão vinculado ao recalque; no segundo, “O interesse pela psicanálise”, ele a desatrela do recalque. Contudo, um aspecto enlaça os dois textos díspares: em ambos, a sublimação é uma formação de caráter.

Sabe-se que posteriormente Freud não mais relacionará a sublimação ao recalque. Este, enquanto fracassado, será vinculado ao sintoma mas, enquanto claramente consumado, será referido à formação reativa.

Como se não bastassem todos esses giros, Freud introduz em seu texto uma outra variante, a *regressão*, que é um outro destino de pulsão. O título de seu artigo ganha todo o sentido: a predisposição à neurose obsessiva é uma contribuição ao problema da escolha da neurose. A questão de Freud é saber como alguém contrai uma determinada neurose e não outra. O que o impressiona é a mudança insólita ocorrida numa de suas pacientes: antes desenvolve uma histeria, depois mostra todas as manifestações de uma neurose obsessiva.

Este, segundo Freud, não é um caso excepcional, pois é sabido há muito que as mulheres, depois de terem abandonado suas funções genitais, amiúde alteram seu caráter. Tornam-se brigonas, martirizadoras e querelantes, além de mesquinhas e avaras, demonstrando típicos

¹⁰⁷ FREUD, S. El interés por el psicoanálisis (1913). In: *Obras completas*. v.13. p.192. (Destques nossos).

¹⁰⁸ Ibidem. (Destques do autor).

traços sádicos e anal-eróticos. Estes traços de caráter representam uma regressão ao estágio pré-genital anal. A leitura da neurose torna-se complexa pois exige, agora, a consideração de dois fatores, o recalque e a regressão.

Se tanto na neurose obsessiva quanto na histeria observa-se a presença de formações caráterológicas, por que Freud insiste na separação neurose-caráter?

Ora, a distinção neurose-caráter é de grande precisão e alcance clínico pois sabemos que toda neurose se destaca – tanto para o sujeito quanto para o outro – justamente por seus sintomas. O sintoma, enquanto retorno do recalcado – e a histeria o mostra bem –, divide e desacomoda o sujeito. Assim, é o retorno do recalcado que institui a neurose, denunciando o fracasso do recalque.

Já as formações de caráter, por mais patológicas e prejudiciais que sejam, são estruturas estáveis e inaparentes; o sujeito está adaptado a elas. Compreende-se que sejam menos acessíveis à análise, pois são sólidas formações reativas, erigidas para impedir o retorno do recalcado na forma de sintoma.

No caso do período de escrupulosidade moral – que, como dissemos, é uma formação de caráter da neurose obsessiva – digamos que a neurose “já está lá, mas ainda não se instalou”. Isto porque o sujeito não se sente doente, pois não tem sintomas, é “apenas” demasiado escrupuloso; está adaptado e não tem porquê procurar tratamento. A doença, adverte Freud, só se torna aparente no período seguinte, quando retornam as moções recalçadas, sob a forma de sintomas obsessivos. Disso se pode concluir que na neurose obsessiva o recalque, apesar de ter sido eficaz por um tempo, acaba por falhar e não consegue impedir o aparecimento posterior do sintoma.

Freud observa que o mecanismo do recalque “só pode ser acessível para nós quando podemos *inferi-lo* retrospectivamente, a partir de seus *resultados*”.¹⁰⁹ Estes resultados constituem os sintomas, expressões da falha do recalque. Como afirma Vera Besset, “é pela

¹⁰⁹ FREUD, S. La represión (1915). In: *Obras completas*. v.14. p.149. (Destaques nossos).

via do fracasso, fracasso do recalque, mal-entendido do consciente, que algo de uma realidade outra, outra cena, se desvela”.¹¹⁰ Assim, o fracasso do recalque aponta para a outra cena que, segundo a autora, revela a Freud a estrutura de linguagem do inconsciente.

Tendo abordado o recalque em duas de suas vertentes, como mecanismo fracassado e como processo bem consumado, é necessário nos determos sobre a outra possibilidade apontada por Freud, o caso em que ele não entra em ação.

O que dizer de uma formação de caráter na qual o recalque não entrou em ação? Poderíamos facilmente relacioná-la à perversão; afinal, não é por demais aceito que nela as moções pulsionais infantis se expressam sem barreiras? O próprio Freud, em vários textos, nos dá ensejo a pensar assim.

Contudo, a partir de “Uma criança está sendo espancada” esta posição reducionista não mais se sustenta, pois a perversão também passa a ser situada no campo do complexo de Édipo e do recalque.

Algo não se encaixa aqui, o que nos leva a fazer uma conjectura: Seria possível pensar que o recalque foi tão bem-sucedido e eficaz, que não deixou qualquer furo, nenhum rastro de sua operação, tampouco alguma chance de retorno do recalcado? Ou teríamos que fazer a delimitação entre recalque primário e secundário?

Sabemos quanto é difícil lidar com a ambigüidade do texto freudiano. Talvez não tenha sido sem razão que tantos analistas – especialmente os partidários da *ego-psychology* – se apressaram em separar claramente as neuroses de caráter das neuroses sintomáticas. Isso acomoda, desfaz contradições.

Em “Os complexos familiares na formação do indivíduo” Lacan ressalta, a propósito das chamadas neuroses de caráter:

¹¹⁰ BESSET, V. L. Do horror ao ato: a sexualidade na etiologia da neurose obsessiva. In: *Latusa*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise. n.3. abr.1999. p.81.

Foi a investigação psicanalítica que permitiu reconhecer como neurose certos distúrbios do comportamento e do interesse que só se sabia relacionar com a idiosincrasia do caráter; ela encontrou nestes o mesmo efeito paradoxal de intenções inconscientes e objetos imaginários que se revelara nos sintomas das neuroses clássicas; e constatou a mesma ação do tratamento psicanalítico, que substitui, tanto na teoria quanto na prática, a idéia inerte de constituição por uma concepção dinâmica.¹¹¹

A neurose de caráter, escreve Lacan, é tanto mais pura quanto mais o sujeito integra, como sentimento de autonomia pessoal, os impasses decorrentes das suas relações com a realidade. Mas isso não quer dizer que ela exclua sintomas de desintegração, “visto que a encontramos cada vez mais como fundo nas neuroses de transferência”.¹¹²

Nota-se que Lacan, mesmo que faça um contraste entre as ditas neuroses de caráter e as neuroses clássicas (neuroses de transferência), não as separa radicalmente. Na verdade, quando emprega a expressão “neurose de caráter” o faz no sentido de alertar contra o uso abusivo do termo. Critica a tendência à separação radical entre neuroses de caráter – as “neuroses modernas”, segundo Otto Fenichel¹¹³ – e neuroses clássicas, tão apregoada pelos analistas da psicologia do ego.

Para Lacan a neurose é uma estrutura analítica que se apresenta nos atos e condutas do sujeito. Ela não é feita apenas “de sintomas decomponíveis em seus elementos significantes e nos efeitos de significado desses significantes [...], mas toda a personalidade do sujeito traz a marca dessas relações estruturais”.¹¹⁴

Jacques-Alain Miller, em “A experiência do real no tratamento analítico”, faz referência ao movimento da psicologia do ego, que começou no final dos anos 20, ganhando força máxima a partir do pós-guerra. Nele predominou “a ignorância do sujeito do inconsciente –

¹¹¹ LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 84.

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ FENICHEL, O. *Teoria psicanalítica das neuroses* (1945). Rio de Janeiro: Atheneu, 1981. p.431.

¹¹⁴ LACAN, J. As formações do inconsciente (1957-1958). In: *O seminário: livro 5*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p.486-487.

confundido, sacrificado ao eu”.¹¹⁵ Tal movimento levou a um desvio do caminho traçado por Freud.

Esse desvio, entretanto, começa bem antes, em 1911. Ele marca a ruptura de Freud com Alfred Adler. Julgamos, contudo, que foi Adler quem – como dissidente e opositor – instigou Freud a avançar na sua teorização do caráter. Não deixa de ser significativo que o debate Freud-Adler comece em 1909, atravesse a ruptura e persista até 1937. Dele trataremos em seguida.

¹¹⁵ MILLER, J-A . *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. p. 149. (Tradução nossa).

CAPÍTULO III

EU PROTESTO, EU TRIUNFO, EU FRACASSO

Em “A história do movimento psicanalítico” Freud discorre longamente sobre a sua ruptura com Adler, ocorrida em 1911. Reprocha àquele a tentativa de explicar, num só golpe, tanto as neuroses contraídas pelos homens quanto o seu comportamento e caráter. Compreendemos agora por que Freud, no texto “A predisposição à neurose obsessiva”, insiste na separação entre neurose e caráter. É, na verdade, uma resposta a Adler, que no ano anterior lançara “O caráter neurótico”, no qual refutava várias das concepções de Freud.

1 Freud *versus* Adler¹¹⁶

Propondo uma psicologia do indivíduo, que visava à obtenção de uma personalidade unitária, Adler concebia a evolução normal, bem como a patológica, como resultado de uma luta para manter o equilíbrio, a eficiência e a economia de forças. Partindo de uma concepção sobre a “inferioridade dos órgãos”, tomava as formações do caráter e os sintomas neuróticos como respostas psíquicas compensatórias diante do sentimento de inferioridade.¹¹⁷ Adler, em “O caráter neurótico”, refuta três concepções freudianas fundamentais:

¹¹⁶ No “Novo dicionário Aurélio” encontramos:

Verso (Do lat. *versus*): voltado, virado; página oposta à da frente.

Averso (Do lat. *adversu*): ao contrário, inverso, oposto; reverso, enverso.

Propomos que se leia “Freud *versus* Adler” sob duas vertentes: “Freud avesso a Adler” / “Freud avesso de Adler”.

¹¹⁷ ADLER, A. *La compensation psychique de l' état d'infériorité des organes* (1907). Paris: Payot, 1956.

1 *A libido como fonte e causa das manifestações neuróticas*: a este pressuposto objetiva dizendo que o neurótico só persegue a busca do prazer com a parte sã de seu aparelho psíquico, enquanto a parte enferma busca se compensar através de fins “superiores”. Afirma que o objetivo final de toda neurose é a exaltação do sentimento de personalidade, que se manifesta como afirmação da virilidade (protesto viril);

2 *A etiologia sexual da neurose*: aqui o autor entra em contradição com Freud afirmando ser a sexualidade apenas uma metáfora que reflete a distância que separa o neurótico de seu objetivo final fictício, o alcance da virilidade;

3 *A compulsão dos desejos infantis particularmente incestuosos*: para Adler os desejos infantis não passam de construções simbólicas a serviço de um objetivo único, qual seja, atingir um ideal masculino. A criança, diante de seu sentimento de inferioridade, agiria *como se fosse o marido da mãe ou a esposa do pai*, buscando através dessas ficções “ ‘estar acima’ dos demais, afirmar sua virilidade”.¹¹⁸

Em suma, a teoria de Adler remete a etiologia da neurose – tanto nos homens quanto nas mulheres – a um sentimento de inferioridade que deve ser compensado imaginariamente pela exaltação da personalidade e pelo protesto viril. Não sem razão Freud observa que seu trabalho dá uma impressão de *como se*, caracterizando-se por três elementos de valor desigual:

Boas contribuições para a psicologia do eu; traduções – supérfluas, contudo aceitáveis – dos fatos psicanalíticos para um novo jargão; desfigurações e distorções destes fatos quando eles não se adequam às premissas do eu.¹¹⁹

Freud concorda com o primeiro aspecto, reconhecendo que a psicanálise enfatiza demasiadamente os componentes libidinais do eu em detrimento dos egoísticos, valorizados por Adler e relacionados à vontade de poder. Segundo ele, a contribuição adleriana teria sido de grande valia caso não desmentisse cabalmente as teorias da libido e do inconsciente.

¹¹⁸ ADLER, A. *El carácter neurótico* (1912). Buenos Aires: Paidós, 1954. p.54.

¹¹⁹ FREUD, S. Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico (1914). In: *Obras completas*. v.14. p.50-51.

De fato, Adler parece ter ficado tão obcecado pelas respostas compensatórias à inferioridade que estas acabaram por servir-lhe de viseira contra tudo o que pudesse evocar a libido e o desejo. Não lhe interessava trabalhar o desejo, mas, sim, as distorções da personalidade regidas pela vontade de poder. Algumas de suas posições, tais como aquelas em que considera as relações do eu com o seu sintoma, devem, no entanto, ser levadas em conta.

Freud não deixa de reconhecer que o sintoma contempla de algum modo as exigências do eu, podendo ter uma função compensatória. Nesse sentido, o sintoma não é apenas realização de desejo, mas é também uma defesa útil e vantajosa para o eu.

É sobre este ponto que recai o acento principal da doutrina adleriana. Adler é sensível a tais questões quando nos alerta para os arranjos e artificios dos sintomas, construídos para satisfazer a um afã de superioridade. Refere-se “à tendência do enfermo a afirmar a sua superioridade mediante a neurose”.¹²⁰

Em contrapartida, Freud argumenta que seu oponente se descuida do fato de que, com freqüência, o eu “faz meramente da necessidade virtude consentindo, por imposição, com o sintoma mais indesejável, [...] por exemplo, quando aceita a angústia como meio de segurança”.¹²¹ Esta posição, contudo, Adler já houvera marcado ao dizer que o neurótico não se ancora senão numa aparência. Vale lembrá-lo:

Transformando-se de meio em fim, [o caráter] adquire um alto grau de autonomia e sofre uma espécie de *santificação* que lhe confere um valor inalterável, eterno. O caráter neurótico é, com efeito, incapaz de adaptar-se à realidade, pois trabalha em vista de um ideal irrealizável.¹²²

Pensamos que, a despeito das críticas de Freud, Adler estava atento ao aspecto fictício do protesto masculino empreendido pelo eu. Contudo, ele nada queria saber sobre as trilhas pulsionais que, fatalmente, o fariam se defrontar com a questão do feminino. Pretendia –

¹²⁰ ADLER, A. *Práctica y teoría de la psicología del individuo* (1920). 2.ed. Buenos Aires: Paidós, 1958. p.63.

¹²¹ FREUD, S. Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. In: *Obras completas*. v.14. p.51.

¹²² ADLER, A. *El carácter neurótico*. p.56. (Destaque do autor).

arriscamos afirmar – desmontar a tríade imaginária “masculino-superior-para cima”, mas sem tocar naquela real, a tríade “feminino-inferior-para baixo”.¹²³

Freud não desmente a existência do protesto masculino; pelo contrário, a confirma. Mas, em vez de concebê-lo como a *única* força motivadora – tanto da formação do caráter e da neurose quanto das condutas na vida em geral –, propõe que, na neurose, atuam duas moções concorrentes. Tratando-se de um menino, “uma é a moção de colocar-se no lugar do homem ativo e a outra a aspiração contrária, a de identificar-se com a mulher passiva”.¹²⁴ Só a primeira subordina-se ao protesto masculino. A segunda,

...cujo destino Adler não leva em conta ou simplesmente desconhece, é a que se torna a mais importante para a determinação da neurose subsequente. Adler se recolheu tão inteiramente na estreiteza ciumenta do eu que só leva em conta as moções pulsionais agradáveis para o eu e promovidas por este; é precisamente a neurose, onde essas moções se contrapõem ao eu, que fica fora de seu horizonte.¹²⁵

Assim, Adler toma partido da auto-afirmação viril do eu reduzindo a neurose a uma defesa de caráter baseada numa ficção ideal de superioridade. Estas observações, convenhamos, não devem ser desprezadas e são verificáveis na clínica das neuroses. O problema é que a teoria ficcionista adleriana assume proporções tamanhas que tanto a neurose quanto a própria sexualidade são reduzidas à simples imaginação. Ele chega a afirmar que “a trama sexual na psicologia da neurose – segundo Freud, a chave da questão – deve ser explicada como sendo simples resultado de uma ficção”.¹²⁶

Adler, ao derivar diretamente a neurose de uma defesa fictícia apoiada “no exaltado ideal da personalidade”,¹²⁷ reduz a neurose ao registro imaginário, desconsiderando dois dos principais fundamentos freudianos, o inconsciente e a pulsão. Tem do inconsciente uma mera noção descritiva. Senão, vejamos:

¹²³ As correlações “masculino-superior-para cima” e “feminino-inferior-para baixo” são claramente estabelecidas por Adler em “O caráter neurótico” (p.76).

¹²⁴ FREUD, S. Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. In: *Obras completas*. v.14. p.53.

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ ADLER, A. *El carácter neurótico*. p.102.

¹²⁷ Ibidem. p.109.

A freqüente contradição observada entre os impulsos conscientes e os inconscientes é apenas uma contradição de meios, sendo irrelevante desde o ponto de vista do objetivo final da exaltação da personalidade ao nível fictício de identidade com Deus.¹²⁸

Adler pensa ainda que “é efetivamente a coação à unidade da personalidade, imposta pela meta fictícia, o que domina a consciência e o inconsciente”.¹²⁹ Assim, torna-se objetivo da terapêutica adleriana esclarecer os arranjos e artifícios imaginários do paciente para que lhe seja possível mudar seu plano de vida. Em outras palavras, ele pretende, pela conscientização da personalidade, corrigir as distorções imaginárias inconscientes.

Pode-se dizer que Adler, ao reduzir a contradição consciente-inconsciente a uma simples “contradição de meios”, confunde o inconsciente com o pré-consciente, tomando-o como algo latente e facilmente susceptível de consciência. É nisso que Adler tem do inconsciente uma noção *descritiva*.

Freud não acredita numa possível “conscientização do inconsciente” a partir do eu. Propõe uma leitura *dinâmica* do inconsciente, onde o recalque marca uma divisão radical no sujeito, divisão esta que, nos artigos sobre metapsicologia, ele situa entre os sistemas *Cs-Pcs* e *Ics*. Não há possibilidade de tradução direta do sistema *Ics* para o sistema *Cs-Pcs*. Só após vencidas as resistências do eu é que o recalcado inconsciente poderá ser traduzido para algo consciente. E mesmo que o acesso ao inconsciente recalcado seja obtido por tradução, esta será sempre uma deformação e um mal-entendido.

Além disso, o recalcado, afirma Freud em “O inconsciente”, não abrange todo o inconsciente; este tem um alcance mais vasto. Assim, Freud, em 1915, já antecipa a sua concepção de um terceiro inconsciente – não um inconsciente ao qual o eu consciente se contrapõe, mas um inconsciente que governa o próprio eu. Escreve ele:

A verdade é que não só o recalcado psiquicamente permanece alheio à consciência, mas dela fica também alheia uma parte das moções que governam o nosso eu, ou seja, uma parte do que forma a mais forte oposição

¹²⁸ ADLER, A. *Práctica y teoría de la psicología del individuo*. p.230.

¹²⁹ *Ibidem*. p.231.

funcional ao recalçado. Se quisermos avançar na consideração metapsicológica da vida anímica, teremos que aprender a nos emancipar da significatividade do sintoma “condição de consciente”.¹³⁰

Em que pese a estranheza dessa afirmação, o que Freud traz de essencial é que o eu não tem consciência de que o seu principal atributo, a condição de ser consciente, é um sintoma. Eis aí o sintoma do qual dificilmente nos libertamos: o fato de sermos conscientes.

2 A condição de consciente: um sintoma

Pode-se dizer que o eu não é simplesmente a instância que rechaça o recalçado inconsciente, que sempre insiste em retornar como sintoma. Ele é fundamentalmente – através da sua “condição de consciente” – o próprio *produto* do inconsciente, que faz dele o seu sintoma.

Assim, quanto mais o eu se opõe ao retorno do recalçado inconsciente, mais ele se alheia do fato de que, nessa luta, ele é comandado pelo inconsciente, de que ele é o próprio sintoma do inconsciente. Este, retomando Besset na sua leitura da “Carta 79”,¹³¹ é o mal-entendido da parte do consciente, na verdade, um mal-entendido do eu. Do que o eu não sabe, na sua “condição de consciente”, é que o inconsciente é o hóspede indesejável que o comanda na sua própria casa.

Vale lembrar Lacan, que em “Os escritos técnicos de Freud” ressalta que todo progresso da psicologia do ego se resumiu em considerar o eu como estruturado exatamente como um

¹³⁰ FREUD, S. Lo inconciente (1915). In: *Obras completas*. v.14. p.189.

OBS: No original alemão encontramos “*Symptoms 'Bewußtheit'*” (Ver: FREUD, S. Das Unbewußte. In: *Gesammelte Werke*, Frankfurt am Main: Fischer, 1999. v.X. p.291). O termo *Bewußtheit* (condição de consciente), conforme nota de rodapé de James Strachey, apensa a “*Lo inconciente*” (p.159), significa “a consciência de um estado anímico, no sentido *passivo*”. Pode também significar “o atributo de ser consciente”, o “fato de ser consciente” ou simplesmente “ser consciente”, sempre considerados no sentido passivo. (Ver: FREUD, S. O inconsciente. In: *Obras completas* – ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV. p.189). Deve-se ainda assinalar o erro grosseiro da versão brasileira da *Standard Edition*, onde encontramos “*sistema de 'ser consciente'*” (p.221), ao invés de “*sintoma de 'ser consciente'*”. (Ver: FREUD, S. The unconscious. In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: Hogarth Press, 1957. Na p.193 pode-se ler “*symptom of 'being conscious'*”).

¹³¹ BESSET, V. L. Do horror ao ato: a sexualidade na etiologia da neurose obsessiva. In: *Latusa*. n.3. p.81.

sintoma. O eu, “no interior do sujeito, não é senão um sintoma privilegiado. É o sintoma humano por excelência, é a doença mental do homem”.¹³²

Mas, em que pese esta demonstração ter sido – nos termos de Lacan – fulgurante, os adeptos da psicologia do ego não se dispuseram – pensamos nós – a se emancipar da significatividade do sintoma “condição de consciente”. Pelo contrário, ao tomar o eu como um aliado do analista, não fizeram mais do que cristalizar este sintoma.

Lacan, em “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, observa que entre 1910-1920 há uma tendência, entre os próprios analistas, a reincorporar a concepção do eu às noções da psicologia geral, à noção de indivíduo. Cita Hartmann, que faz do eu uma entidade autônoma e central, em contraste com a concepção de freudiana.

Freud, contudo, seguia seu caminho. A noção do eu como uma entidade consciente e autônoma que se contrapõe ao recalcado inconsciente é definitivamente quebrada por Freud em “O eu e o isso”. Neste texto, o contraste já não pode ser estabelecido entre o eu consciente e o inconsciente. Pelo contrário, Freud marca agora “a oposição entre o eu coeso e o recalcado cindido [*abgespaltenen*] *dele*”.¹³³ Isto nos evoca a pergunta formulada por Lacan: “O que é o eu, senão algo que o sujeito experimenta primeiramente como estranho no interior de si próprio?”¹³⁴

Eis aí o terceiro inconsciente freudiano que, a rigor, não pode mais ser denominado “inconsciente recalcado”. Sigamos Freud:

Posto que nos vemos assim constrangidos a estabelecer um terceiro *Ics* não recalcado, devemos admitir que o caráter da inconsciência {*Unbewusstsein*} perde significatividade para nós. Passa a ser uma qualidade multívoca que

¹³² LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). In: *O seminário: livro 1*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.25.

¹³³ FREUD, S. El yo y el ello (1923). In: *Obras completas*. v.19. p.19. (Destaque nosso).

OBS: O termo usado por Freud é *abgespaltenen* (e não, *spaltenen*). Isto sugere não uma cisão *no* eu, mas uma expulsão *do* eu. Ou seja, esta cisão não divide internamente o eu em duas partes, uma consciente e outra inconsciente, mas expulsa, demite o eu, *dele próprio* (Ver: FREUD, S. Das Ich und das Es. In: *Gesammelte Werke*. v.XIII. p.244).

¹³⁴ LACAN, J. *O mito individual do neurótico* (1953). Lisboa: Assírio e Alvim, 1980. p.75.

não permite aplicar a ela as amplas e excludentes conclusões que gostaríamos.¹³⁵

Assim, o terceiro inconsciente freudiano não pode ser relacionado à inconsciência, ao recalçado inconsciente. É oportuno lembrar Lacan que, em “*L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*”, observa que “o inconsciente não tem nada a ver com a inconsciência; desde então, por que não traduzi-lo tranqüilamente por um-equívoco?”¹³⁶

Este inconsciente, pode-se dizer, é revelador. Diz respeito às mancadas, aos equívocos do eu coeso. Este, que pretendia falar ou fazer uma coisa, fala ou faz – num escorregão, num equívoco – outra. Não há nada de inconsciência aí. Pelo contrário, isso se apresenta na fulgurância de um ato falho, por exemplo.

Mais importante ainda é retornar ao Freud de “Recordar, repetir e perlaborar” que, aparentemente sem se dar conta, já houvera marcado esse terceiro inconsciente nos fenômenos da compulsão à repetição na transferência. O que o autor destaca nestas manifestações é um eu que, fora de seu controle, é levado a agir.

Em “O eu e o isso” Freud, recorrendo a Georg Groddeck, assinala que aquilo que chamamos nosso eu comporta-se na vida de maneira essencialmente passiva, uma vez que somos “vividos”¹³⁷ por poderes ignotos, ingovernáveis. Freud propõe denominar “eu” à entidade que parte do sistema *P* (percepção), e “isso”, em troca, “ao outro psíquico no qual aquele [o eu] continua e que se comporta como *Ics*”.¹³⁸

Não deixa de ser curioso que Freud qualifique o eu não apenas como uma entidade de superfície mas como sendo, “ele próprio, a projeção de uma superfície”.¹³⁹ Sabemos que o eu é a parte do isso modificada pela influência do sistema perceptivo e também o representante,

¹³⁵ FREUD, S. El yo y el ello. In: *Obras completas*. v.19. p.19-20.

¹³⁶ LACAN, J. *L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre* (1976-1977). In: *Ornicar?* Paris. n.12-13, p.5, 1977. (Tradução nossa).

¹³⁷ Ver: GRODDECK, G. *O livro d’Isso* (1923). São Paulo: Perspectiva, 1984. O autor diz: “O Isso vive o homem; é a força que o faz agir, pensar, crescer, sentir-se bem ou doente, numa palavra, que o vive” (p.229).

¹³⁸ FREUD, S. El yo y el ello. In: *Obras completas*. v.19. p.25.

¹³⁹ *Ibidem*. p.27.

no anímico, do mundo externo real. Além disso, percepção-consciência constituem-se como um único sistema (*pcpt-cs*).

Ora, se o sistema *pcpt-cs* é inapreensível e exclui qualquer possibilidade de memória, dizer “*eu* tenho consciência de algo” não seria um mal-entendido do eu consciente? Assim, a propalada consciência do eu não passa de uma função imaginária. Não sem razão, Lacan situa o eu como “*função de desconhecimento*”,¹⁴⁰ designando nele “o núcleo dado à consciência, mas opaco à reflexão, marcado por todas as ambigüidades que, da complacência à má-fé, estruturam no sujeito humano a vivência passional”.¹⁴¹

Onde o eu se vê como autônomo não está fazendo mais que “transpor em ação a vontade do isso como se fosse a sua própria vontade”.¹⁴² Pode-se mesmo dizer que muitas vezes o eu limita-se a acompanhar, atônito, algo que age na sua superfície e diante de seus próprios olhos e sobre o qual nada pode fazer. Não é isso o que se observa nos fenômenos da compulsão à repetição? Não se encontra aí o terceiro inconsciente freudiano, que leva o eu a agir à sua revelia?

Através de seu retorno sobre o eu, o inconsciente o pega no contrapé, passando a operar no mesmo sentido da força dominante do eu, que antes se erguia contra ele. Nesta circunstância Freud, em “O inconsciente”, afirma que

... o recalque fica *cancelado* pois a atividade recalçada é admitida como reforço daquela que está na intencionalidade do eu. Para esta última, o inconsciente passa a ser uma constelação acorde com o eu, sem que haja qualquer outra modificação em seu recalque.¹⁴³

Falar de cancelamento do recalque é, então, o mesmo que falar de acomodação do recalcado no eu. Em outras palavras, se o eu desaloja o recalcado inconsciente, este insistirá em fazer retorno; disso resulta um sintoma discordante em relação ao eu.

¹⁴⁰ LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.103. (Destaques do autor).

¹⁴¹ _____. A agressividade em psicanálise (1948). In: *Escritos*. p.112.

¹⁴² FREUD, S. El yo y el ello. In: *Obras completas*. v.19. p.27.

¹⁴³ _____. Lo inconciente. In: *Obras completas*. v.14. p. 191.

Mas, se a moção inconsciente fizer de seu opositor um aliado, pode conseguir casa permanente no eu passando inclusive a usar, como campo de ação, o próprio quartel-general de seu suposto senhor. O recalçamento torna-se, então, supérfluo, pois a moção recalçada conseguiu livre trânsito na casa do eu e passa a agir em sintonia com este. O recalçado inconsciente ganha um novo estatuto.

Não por acaso, Freud refere-se à *cooperação* entre “uma moção pré-consciente e outra inconsciente, mesmo que recalçada com intensidade”.¹⁴⁴ Nesse caso, o recalçado retorna “para ficar”. O inconsciente torna-se ego-sintônico, agindo em consonância com o eu. Não seria isso o caráter, um sintoma ego-sintônico, acorde com o eu?

Se Freud por vezes separou neurose e caráter, chegando mesmo a afirmar que as formações de caráter eram menos transparentes e mais inacessíveis à análise que os processos neuróticos, essa separação já não pode ser sustentada, pois não há neurose que não se estruture como caráter. Pode-se mesmo afirmar que, da neurose, o mais resistente à análise é o caráter.

Colocadas estas questões, restam-nos algumas perguntas:

1 Como fazer a passagem entre a segunda concepção do inconsciente – aquela do inconsciente recalçado que perturba o eu e contra o qual este se opõe – e a terceira concepção – a do inconsciente que age sobre o eu, ego-sintonicamente, de modo a que este sequer se dê conta dessa ação?

2 Por outro lado, como será possível passar do sintoma que perturba e desestabiliza o eu – o sintoma na sua primeira aceção – para o caráter, o qual Miller denomina “sintoma sintônico”¹⁴⁵ em relação ao eu?

São questões que tentaremos responder.

¹⁴⁴ FREUD, S. Lo inconciente. In: *Obras completas*. v.14. p. 191.

¹⁴⁵ MILLER, J-A. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. p.78. (Tradução nossa).

3 As atitudes do eu

Para Freud, não há ser humano que não adquira uma certa especificidade para o exercício de sua vida amorosa e que não estabeleça condições de amor e de satisfação pulsional, nas quais se fixará. Nesta determinação jogam fatores inatos e influências acidentais infantis, que se conjugam de tal maneira que “disposição e azar”¹⁴⁶ decidem sobre o destino de um ser humano. Disso resulta, segundo o autor,

um clichê (ou vários) que se repete – é reimpresso – de modo regular durante a vida, na medida em que as condições exteriores e a natureza dos objetos de amor acessíveis o consintam, ainda que não se mantenha totalmente imutável às impressões recentes.¹⁴⁷

Freud admite que os clichês repetitivos estão separados da personalidade consciente e da realidade objetiva e, como moções inconscientes, não são recordados. De início pretende integrá-los, pela rememoração, à personalidade consciente para, assim, atingir o objetivo da cura.

Mas, se almeja – como diz – obter a vitória pela via da rememoração, ele próprio, ao se referir à luta “entre médico e paciente, entre discernir e querer atuar, “que se desenvolve quase exclusivamente em torno dos fenômenos transferenciais”,¹⁴⁸ já nos abre os olhos para o fato de que essa luta será inglória. O analisante resiste à rememoração e esta resistência não é um mero não se lembrar; pelo contrário, ela é um atuar. Senão, vejamos: “O analisante não recorda, em geral, nada do que foi esquecido e recalcado, mas o *atua*. Não o reproduz como lembrança, mas, sim, como ação; ele o repete, sem saber que o faz”.¹⁴⁹

¹⁴⁶ Azar tomado aqui no sentido de casualidade, acaso, acidente. Também como fatalidade, revés e infortúnio, bem como, sortilégio, sina e fortuna.

¹⁴⁷ FREUD, S. Sobre la dinámica de la transferencia (1912). In: *Obras completas*. v.12. p.97-98.

¹⁴⁸ Ibidem. p. 105.

¹⁴⁹ FREUD, S. Recordar, repetir y reelaborar (1914). In: *Obras completas*. v.12. p.152.

Portanto, resulta redundante querer trazer o recalcado à consciência pois, na situação analítica, o recalcado é *atualizado* e *atuado* na transferência. Ele já está lá, na superfície, e se manifesta, como repetição de um clichê, na própria conduta do analisante.

Neste sentido, a simples interpretação do recalcado deixa o sujeito livre à atuação; é através dela que o analisante preserva o “querer gozar da pulsão”.¹⁵⁰

Não sem razão, Jacques-Alain Miller contrapõe a interpretação do recalcado ao desarranjo da defesa acrescentando que, para Freud, “a defesa qualifica uma relação com a pulsão em relação à qual a interpretação não é a operação prescrita na análise”.¹⁵¹ Segundo Miller, o analista tem como tarefa perturbar a defesa. Isto, no entanto, não deve ser estabelecido simplesmente na luta contra as resistências; esta, só favorece a atuação.

Freud já se dera conta disso ao ressaltar que o analista se vê confrontado com uma delicada tarefa. Ao mesmo tempo em que deve assentir à atualização dos clichês na transferência, cabe a ele também conservar uma posição de distanciamento, de modo que a realidade transferencial possa ser reconhecida como mero “reflexo de um passado esquecido”.¹⁵² Caso não o faça, simplesmente repetirá, na relação com o analisante, o jogo especular que alimentou seu analisante no passado e manterá intocado o querer gozar da pulsão. Isto porque o paciente “extraí do arsenal do passado as armas com as quais se defende contra a continuação da cura”.¹⁵³

Mas o que o analisante, na transferência, insiste em repetir? Freud responde:

Tudo o que, a partir das fontes do recalcado, abriu passagem até seu ser manifesto: as suas inibições e atitudes inviáveis, os seus traços patológicos de caráter. Além disso, durante o tratamento, repete todos os seus sintomas.¹⁵⁴

¹⁵⁰ MILLER, J-A . *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. p.69. (Tradução nossa).

¹⁵¹ Ibidem. p.52.

¹⁵² FREUD, S. Más allá del principio de placer (1920). In: *Obras completas*. v.18. p.19.

¹⁵³ _____ . Recordar, repetir y reelaborar. In: *Obras completas*. v.12. p.153.

¹⁵⁴ Ibidem.

Ora, se os sintomas são repetições – ou seja, atuações – de nada adiantará revelar as suas fontes recalçadas, em nada resultará remontá-los à neurose infantil. O que agora está em jogo é uma nova neurose – atualizada – a neurose de transferência, contra cujos sintomas a interpretação histórica se mostra infrutífera.

Note-se que Freud nivela, na passagem citada, *sintoma* e *caráter*, colocando-os no mesmo solo, o da repetição. Isto nos remete a “Resistência e recalque”, conferência na qual Freud ressalta que, quando nos propomos a restabelecer um enfermo e liberá-lo de seus sintomas, ele nos opõe uma tenaz resistência. Este mesmo paciente, que tanto sofre com seus sintomas e tanto sofrimento causa aos que convivem com ele, empreende uma luta no interesse de sua doença. Às vezes tem-se a impressão de que “o propósito de desencaminhar o médico, de fazê-lo sentir a sua impotência, de triunfar sobre ele, substitui completamente seu melhor propósito de pôr fim à doença”.¹⁵⁵

Tais comportamentos, muitas vezes latentes, manifestam-se em toda análise. Consistem, ressalta Freud, em propriedades do caráter e atitudes do eu e se formaram em conexão com as condições da neurose, como reação diante de suas exigências. Portanto, podemos dizer, com Freud, que não há uma única análise em que não tenhamos que lidar com as resistências do caráter. Lacan, atento ao texto de Freud, assinala: “É claro que é com o eu do sujeito, com suas limitações, suas defesas, seu caráter, que temos a ver”.¹⁵⁶

Estamos diante de um fato inusitado pois, se o sujeito insiste na manutenção daquilo que lhe causa prejuízo, ou seja, os seus sintomas, estes não mais podem ser concebidos como manifestações de moções pulsionais indesejáveis, nem como mera expressão do fracasso do recalque. Ao contrário, contribuem para o reforço da defesa. O retorno do recalçado passa a cumprir aqui uma função de estabilização. É nessa medida que o sintoma é assimilado ao caráter do eu.

¹⁵⁵ FREUD, S. Resistencia y represión (1916-1917). In: *Obras completas*. v.16. p.266.

¹⁵⁶ LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. In: *O seminário*: livro 1. p.77.

Segundo Freud, as mesmas forças que se opõem à eliminação do sintoma são as que, no passado, o formaram. Elas visam à conservação de uma satisfação pulsional. Por isso, Freud afirma que os sintomas servem à satisfação sexual dos enfermos e são um substituto de uma satisfação perdida um dia.

Assim, o sintoma “repete, de algum modo, uma modalidade de satisfação infantil desfigurada pela censura que nasce do conflito e que é, via de regra, transformada em uma sensação de sofrimento”.¹⁵⁷ Eis aí os dois aspectos do sintoma: ao desfigurar a satisfação sexual, transformando-a em sofrimento, ele é um disfarce sendo, portanto, interpretável. Mas, ao ser o veículo desta satisfação desfigurada, ele é uma modalidade de gozo.

Se Freud admite a importância das atitudes do eu e das formações de caráter na manutenção da neurose, não as toma, porém – como o faz Adler –, como causa da neurose, mas sim como sua consequência. Conceber a neurose unicamente sob a perspectiva do eu implicaria em descuidar da importância da libido e julgar todas as constelações conforme elas se afiguram ao eu.

Para Freud, “o eu é o poder que desmentiu o inconsciente e o rebaixou ao nível do recalcado”.¹⁵⁸ Por isso, não é uma instância confiável, está sujeito a falsificações. Delas, talvez a mais importante seja ocultar, através da auto-afirmação, a sua passividade e submissão ao inconsciente.

Vale lembrar o aforismo freudiano, presente em “Uma dificuldade da psicanálise”: *o eu não é o senhor de sua própria casa*¹⁵⁹. O eu, sendo mais exatamente “o síndico das mais móveis funções pelas quais o homem se adapta à realidade, revela-se a nós como uma força

¹⁵⁷ FREUD, S. Los caminos de la formación de síntoma (1916-1917). In: *Obras completas*. v.16. p.333.

¹⁵⁸ _____ . El estado neurótico común (1916-1917). In: *Obras completas*. v.16. p.346.

¹⁵⁹ _____ . Una dificultad del psicoanálisis (1917 [1916]). In: *Obras completas*. v.17. p.135.

de ilusão ou de mentira”.¹⁶⁰ É compreensível então que, a título de defesa, ele próprio “não outorgue seu favor à psicanálise e se obstine a recusar-lhe crédito”.¹⁶¹

Freud sabe, outrossim, quanto é difícil, mas igualmente necessário, lidar com as falsificações do eu – afinal, não se deve esquecer que ele é o grande mediador dos processos que atuam em nossa vida. Mas, sem abrir concessões, propõe uma psicologia do eu que “não deve se basear nos dados da nossa autopercepção, mas sim – como no caso da libido – na análise das perturbações e desorganizações do eu”.¹⁶² Neste sentido, contrapõe-se a Adler, que propõe uma psicologia do indivíduo, do indiviso.

Ao decompor o aparelho anímico em um *eu* dirigido para o mundo exterior e dotado de consciência e um *isso* inconsciente governado por necessidades pulsionais, Freud afirma que “a psicanálise deverá ser qualificada como uma psicologia do isso (e de suas ações eficazes sobre o eu)”.¹⁶³

Apesar de não haver nada que nos dá mais certeza que o sentimento de nosso próprio eu, que nos parece autônomo e unitário, Freud observa que esta aparência é um engano pois o eu, na verdade, “prolonga-se para dentro, sem fronteira nítida, em um ser anímico inconsciente que designamos ‘isso’ e ao qual serve, por assim dizer, como fachada”.¹⁶⁴

4 Recalque e defesa

Onde Adler atribui a gênese do sintoma a uma defesa caraterológica – compensação imaginária do eu perante o sentimento de inferioridade, traduzida pelo protesto masculino –, Freud remonta sua origem ao fracasso do recalque. Para o primeiro, o sintoma, concebido como uma defesa do eu, remedeia uma impotência primária; para o segundo, o sintoma, como

¹⁶⁰ LACAN, J. Intervenção no I Congresso Mundial de Psiquiatria (1950). In: *Outros escritos*. p.134.

¹⁶¹ FREUD, S. Una dificultad del psicoanálisis (1917[1916]). In: *Obras completas*. v.17. p.135.

¹⁶² _____. La teoría de la libido y el narcisismo (1916-1917). In: *Obras completas*. v.16. p.384.

¹⁶³ _____. Breve informe sobre el psicoanálisis (1924 [1923]). In: *Obras completas*. v.19. p.220.

¹⁶⁴ _____. El malestar en la cultura (1930 [1929]). In: *Obras completas*. v.21. p.67.

resultado do fracasso do recalque, denuncia a tentativa de recuperação de uma onipotência perdida, que tem como base a libido narcísica.

O sujeito, não admitindo ser privado da perfeição narcísica de sua infância, na qual era o seu próprio ideal, procura pela via do sintoma “recobrá-la sob a nova forma do ideal do eu”¹⁶⁵. Neste sentido, o fracasso do recalque já não pode ser lido apenas como uma manifestação do recalcado inconsciente, que desestabiliza o eu. Esse fracasso deverá também ser concebido como uma tentativa de recomposição do eu.

Lacan esclarece essa difícil questão ao dizer, em “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, que o recalque toma para si uma parte da estrutura narcísica. Essa estrutura faz falta na síntese do eu, o qual se esforçará para se unificar novamente, através do retorno do recalcado. O sintoma “exprime, simultaneamente, essa falta e esse esforço, ou melhor, sua composição na necessidade primordial de fugir da angústia”¹⁶⁶.

Lacan observa que da primeira concepção de Freud ficou a idéia de que o sintoma neurótico representa no sujeito uma forma de divisão da personalidade. Mas, “... à medida que a análise discerniu mais de perto a produção do sintoma, sua compreensão recuou da clara função de expressão do inconsciente para uma função mais obscura de defesa contra a angústia”¹⁶⁷.

Ao conceber o sintoma como defesa contra a angústia Lacan demonstra, a partir de Freud, “a gênese da divisão que introduz o sintoma na personalidade”¹⁶⁸. Sendo a angústia o que marca a divisão, o sintoma, introduzido e integrado à personalidade, não mais divide, mas tenta unificar o eu. Daí sua função de defesa contra a angústia.

Em decorrência disso, a divisão do eu não pode ser situada no retorno do recalcado inconsciente, mas, sim, no exato ponto de incidência do recalque, lugar de emergência da

¹⁶⁵ FREUD, S. Introducción del narcisismo (1914). In: *Obras completas*. v.14. p.91.

¹⁶⁶ LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*. p.81.

¹⁶⁷ Ibidem. p.77.

¹⁶⁸ Ibidem. p.81.

angústia.

Freud esclarece, no entanto, que o recalque não é um mecanismo de defesa presente desde o início. Antes dele, “a reversão da pulsão a seu oposto e seu retorno em direção à própria pessoa tomam a seu exclusivo cargo a tarefa de defesa contra as moções pulsionais”.¹⁶⁹ Estes destinos de pulsão dependem da organização narcisista do eu e correspondem a “tentativas de defesa que em etapas mais elevadas do desenvolvimento do eu se executam por outros meios”.¹⁷⁰

Sabemos que os processos primários inconscientes se caracterizam pela ausência de contradição e pelos investimentos livremente móveis. Ora, a reversão ao oposto e o retorno ao próprio eu são recursos defensivos que têm essas propriedades, as quais permitem que o equilíbrio libidinal seja mantido diante de eventuais perdas. Basta que lembremos o valor compensatório e apaziguador da sucção sensual do polegar, diante do afastamento da mãe.

Mas, se estas defesas iniciais fracassam, ocorre um excedente libidinal que se manifesta como angústia. O recalque é acionado justamente no ponto de surgimento da angústia, ponto em que a libido acumulada é sentida, agora, como um perigo.

É preciso, então, que se dê um emprego a este excedente. Isso é possibilitado pela formação do sintoma que, através de um contra-investimento, recebe a carga libidinal excedente. Sobre este contra-investimento recai, agora, “a tarefa de executar as diversas formas de proteção contra o desenvolvimento de angústia, após o recalque”.¹⁷¹ É neste sentido que o sintoma é uma defesa contra a angústia.

Portanto, é do fracasso econômico das defesas narcísicas primárias – que, até então, equilibravam os investimentos libidinais do eu ideal – que nasce o recalque. A isto se seguirá a tentativa de recuperação do narcisismo perdido, sob a forma de um ideal do eu. Não sem

¹⁶⁹ FREUD, S. La represión (1915). In: *Obras completas*. v.14. p. 142.

¹⁷⁰ _____ . Pulsiones y destinos de pulsión. In: *Obras completas*. v.14. p.127.

¹⁷¹ _____ . La angustia (1916-1917). In: *Obras completas*. v.16. p.374.

razão, Freud afirma que aquilo que o homem projeta diante de si como seu ideal “é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele foi seu próprio ideal”.¹⁷²

A formação do ideal do eu é uma tentativa de recuperação da satisfação perdida. Ocorre *a posteriori*, no tempo do retorno do recalado, que coincide com a formação de sintoma. Assim, o sintoma emerge no ponto de divisão do sujeito, para, a partir daí, tentar recompô-lo narcisicamente. Não por acaso, Freud assinala que os motivos que lutam para manter o contra-investimento através do retorno do recalado “são os antigos motivos que, no passado, impuseram o recalque”.¹⁷³

Pode-se dizer que o recalque situa-se entre duas defesas. Por um lado, marca o fracasso da defesa narcísica primária; por outro, é o ponto de partida para a recuperação do narcisismo perdido, que se faz pela via da defesa secundária.

Estamos, com efeito, fazendo referência ao recalque propriamente dito, situado como uma espécie de dobradiça entre as duas defesas. Sabemos quanto são ambíguas as formulações de Freud sobre o recalque, mas desperta-nos a atenção a passagem de “O recalque”, em que Freud afirma que “uma etapa anterior ao juízo de condenação, algo intermediário entre a fuga e o juízo de condenação, é isso o recalque”.¹⁷⁴

Ora, no “Projeto de psicologia” Freud faz uma equivalência entre *defesa primária e recalque*, definindo-o como “o fato de uma imagem-recordação hostil ser sempre abandonada pelo investimento o mais rápido possível”.¹⁷⁵ Trata-se aqui, não do recalque propriamente dito – secundário –, mas do recalque primário, que é uma fuga, uma defesa reflexa.¹⁷⁶

Parece-nos que essas defesas reflexas são o que Freud, em “Pulsões e destinos de pulsão”, situa como reversão da pulsão a seu oposto e retorno em direção ao eu, defesas

¹⁷² FREUD, S. Introducción del narcisismo. In: *Obras completas*. v.14. p.91.

¹⁷³ _____. La transferencia (1916-1917). In: *Obras completas*. v.16. p.398.

¹⁷⁴ _____. La represión. In: *Obras completas*. v.14. p.141.

¹⁷⁵ _____. Proyecto de psicología (1950 [1895]). In: *Obras completas*. v.1. p.367.

¹⁷⁶ Em “Os chistes e sua relação com o inconsciente” Freud refere-se ao recalque como “o estágio intermediário entre o reflexo de defesa e o juízo de condenação” (Ver: FREUD, S. El chiste y su relación con lo inconciente. In: *Obras completas*. v.8. p.167).

regidas pelos processos primários e livremente móveis. Tais defesas – como já vimos – em etapas mais elevadas do desenvolvimento do eu se executam por outros meios. Esses meios, superiores, são os juízos de condenação.

Considerando que as moções pulsionais sucumbem ao destino do recalque ao entrar em conflito com as representações culturais e éticas do indivíduo, Freud afirma que a formação de ideal seria, da parte do eu, a condição do recalque. Acrescenta que “o recalque parte do eu; dizendo com mais precisão: da dignidade do eu”.¹⁷⁷ Eis aí o juízo de condenação; o ditatorial “deves ser digno!” eleva o homem a uma condição superior. Seu narcisismo perdido fica secundariamente ressarcido.

O termo usado – dignidade – é rascante e exigente e ganha maior dimensão através de outra passagem: “onde não se desenvolveu um ideal assim a aspiração sexual correspondente ingressa imodificável na personalidade como perversão”.¹⁷⁸ Estamos mergulhados no campo do caráter e da moral, seja em relação à neurose, seja em relação à perversão.

A partir desta consideração é conveniente retomarmos o texto “A predisposição à neurose obsessiva”, no qual Freud estabelece um paralelo entre a alteração do caráter e a neurose obsessiva. Em ambos os casos trata-se do trabalho da regressão. Não obstante, ressalta Freud:

No primeiro [alteração do caráter] há uma regressão plena após um recalque (ou sufocação) claramente consumado; no caso da neurose há conflito, empenho em não permitir a regressão, formações reativas contra esta e formações de sintoma por via de compromissos entre ambas as partes, cisão das atividades psíquicas em susceptíveis de consciência e inconscientes.¹⁷⁹

Voltamos a tropeçar em dificuldades. A qual alteração de caráter Freud estará se referindo quando fala de uma regressão plena após um recalque (ou sufocação) claramente consumado? Estará ele se reportando à perversão?

¹⁷⁷ FREUD, S. Introducción del narcisismo. In: *Obras completas*. v.14. p.90.

OBS: Na versão argentina (Amorrortu ed.) pode-se ler: “... do respeito do eu por si mesmo”. O termo empregado por Freud é *Selbstachtung*, ou seja, *dignidade*, que consideramos mais forte e preciso. (Ver: FREUD, S. Zur Einführung des narzißmus. In: *Gesammelte Werke*. v.X. p.160).

¹⁷⁸ Ibidem. p.97.

¹⁷⁹ FREUD, S. La predisposición a la neurosis obsesiva. In: *Obras completas*. v.12. p.344.

Note-se que o termo *regressão* diz respeito à pulsão; é um destino de pulsão e significa regresso, reversão, retorno, fuga para trás, volta. Nesta medida, está estreitamente relacionado às defesas primárias e livremente móveis, onde a pulsão, diante de obstáculos, reverte a seu oposto e retorna para o eu.

Regredir é voltar à fase de fixação marcada pelo recalque originário, fase que é “a precursora e condição de cada ‘recalque’ ”.¹⁸⁰ Este, o recalque propriamente dito, “parte dos sistemas do eu de desenvolvimento mais alto, susceptíveis de consciência”.¹⁸¹

Freud afirma que quando o recalque propriamente dito fica fortalecido, sucumbem à sua ação os brotos das pulsões originárias – aquelas da primeira fase, a fase precursora do recalque – devido ao estabelecimento do conflito entre estas pulsões e o eu. Mas o recalado tende a *retornar* e o faz irrompendo, como sintoma, a partir das fixações dadas pelo recalque primário.

Bem, na perversão temos este paradoxo: uma regressão plena às pulsões originárias, apesar – ou melhor, por causa – do recalque bem consumado. Mas isto nos conduz a outro paradoxo: o das formações reativas presentes no caráter obsessivo. Aqui também, pode-se dizer, há uma regressão plena, a despeito – ou, por causa – do recalque claramente efetivado.

Digamos que, através do juízo de condenação, o próprio agente superior provoque a resposta regressiva, incitando à compulsão – processo primário e livremente móvel – por intermédio do “obedeço!” (no caso do caráter obsessivo) ou do “desobedeço!” (no caso do caráter perverso).

O que queremos dizer com isso é que quanto mais severa é a defesa – quanto menos ela falha – mais ela incita ao gozo, seja pela via do “obedeço!”, seja pela do “desobedeço!”. É neste sentido que o imperativo categórico do supereu é: “goza!”

¹⁸⁰ FREUD, S. Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente. In: *Obras completas*. v.12. p.62.

¹⁸¹ Ibidem.

Vimos que no caso da neurose – ou melhor, no caso das formações de sintomas neuróticos – há conflito, esforço em não permitir a regressão; daí a cisão das atividades psíquicas em “susceptíveis de consciência e inconscientes”. Mas há também compromisso entre ambas as partes.

Assim, o sintoma se insere exatamente no ponto de dobradiça, que é o do recalque propriamente dito, marcando, ao mesmo tempo, a divisão e a recomposição do sujeito. Este irá oscilar entre regredir em direção ao ideal perdido (eu ideal) ou progredir no sentido de um ideal a ser alcançado (ideal do eu). O recalcado retorna, no terceiro tempo, mas a partir do primeiro tempo, o do recalque originário. É neste sentido que entendemos a afirmação de Lacan de que “o recalque e o retorno do recalcado são uma só e mesma coisa, o direito e o avesso de um só e mesmo processo”.¹⁸²

5 O protesto masculino: resposta à castração

O que chama a atenção de Freud no estudo do Homem dos Lobos é a mudança de seu caráter. Ele, até certa época, fora um menino dócil e cordato. Após ser rejeitado numa tentativa de seduzir sua babá, vingava-se, assumindo um comportamento sádico em relação a seus próximos e aos animais.

Nos termos de Adler, poder-se-ia dizer que ele faz simplesmente um protesto viril. Mas, para Freud, o que salta à vista é que, paralelamente, ele apresenta fantasias masoquistas, nas quais meninos são castigados e espancados. Seu sadismo volta-se, em fantasias, para sua própria pessoa e transforma-se em masoquismo. O Homem dos Lobos faz uma regressão.

Esta regressão, a reversão pulsional do sadismo ao masoquismo, ganha agora uma leitura mais complexa. O menino, que tomara o pai como seu modelo admirável, muda sua orientação: “este objeto de *identificação* de sua corrente ativa passou a ser o objeto *sexual* de

¹⁸² LACAN, J. As psicoses (1955-1956). In: *O seminário: livro 3*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p.75.

uma corrente passiva na fase sádico-anal”.¹⁸³ Através de seu comportamento sádico, aparentemente masculino, ele tenta obrigar o pai a castigá-lo, buscando com isso, ao mesmo tempo, “o apaziguamento de sua consciência de culpa e a satisfação de sua aspiração sexual masoquista”.¹⁸⁴

O curioso é que sua tendência masoquista em relação ao pai segue imperturbada, ao lado da conduta sádica. A angústia só aparece após o sonho dos lobos, o qual desperta uma cena há muito esquecida, que lhe mostra a conseqüência de uma possível relação sexual com o pai. Trata-se da imagem do coito entre os pais onde pôde ver os genitais da mãe, bem como o membro do pai. Agora, observa Freud, “via com seus próprios olhos a ferida de que lhe falara sua babá e compreendia que sua presença era uma condição necessária para a relação sexual com o pai”.¹⁸⁵ Instala-se a angústia de castração.

Diante da angústia advinda da ameaça de perda de seu membro viril sua atitude passiva em relação ao pai sucumbe ao recalque e é substituída pela fobia, o medo de ser comido pelo lobo.

Neste ponto do texto Freud faz uma observação: seu paciente, a partir da cena do coito entre os pais, passa a vincular *passivo a feminino e ativo a masculino*. A passividade, antes ligada ao “ser espancado pelo pai”, agora se ata ao “ser copulado pelo pai”, numa atitude francamente feminina. Freud imagina o seu paciente dizendo para si mesmo: “ ‘Se queres ser satisfeito pelo pai tens que consentir com a castração, como a mãe; porém, eu não quero isso’. Um nítido protesto da masculinidade, então!”¹⁸⁶

Assim, “do narcisismo ameaçado ele extraiu a masculinidade com a qual se defendeu da atitude passiva em relação ao pai”.¹⁸⁷ O Homem dos Lobos – que antes fazia um nítido

¹⁸³ FREUD, S. De la historia de una neurosis infantil (1918[1914]). In: *Obras completas*. v.17. p.26. (Destaques nossos).

¹⁸⁴ *Ibidem*. p.27.

¹⁸⁵ *Ibidem*. p.44.

¹⁸⁶ *Ibidem*. p.45-46.

¹⁸⁷ *Ibidem*. p.45.

protesto masculino através do comportamento sádico – após a ameaça de castração mantém o protesto mas, agora, pela via do sintoma, o medo de ser comido pelo lobo. Porém, o triunfo da masculinidade só pode ser entrevisto nas reações de angústia diante das exigências passivas; nele, “não existiu qualquer moção sexual masculina triunfante, mas apenas uma moção passiva e uma revolta contra ela”.¹⁸⁸

O modo em que se expressa a fobia, o medo de ser comido pelo lobo, não é mais que uma transposição regressiva “do desejo de ser possuído sexualmente pelo pai, ou seja, de ser satisfeito da mesma maneira que a mãe”.¹⁸⁹ Contra este desejo, ele protesta com o medo.

Freud observa que, no Homem dos Lobos, foram a atitude feminina e o homossexualismo que se mostraram dominantes, mesmo que recalcados. Devido a isso, diz Freud, a reação contra a feminilidade e a passividade não tinha nele, propriamente, o caráter da masculinidade; ela era sobretudo uma reação do *eu* que, como tal, “não tem aspirações sexuais, mas somente interesse em sua autopreservação e na conservação de seu narcisismo”.¹⁹⁰ Assim, aquilo que, às vezes, mostra ser um triunfo da masculinidade pode não passar de uma defesa, ou mesmo uma bravata¹⁹¹ do eu.

Pois bem, no Homem dos Lobos o pai tem papel central: primeiro como suporte da identificação, depois como perturbador de uma tendência libidinal ativa e, finalmente, como agente que apassiva o sujeito. Estes temas são retomados por Freud em “Uma criança é está sendo espancada”.

No texto citado, pode-se dizer que a menina aborda o pai munida da seguinte fantasia: “meu pai não ama a criança que eu odeio porque lhe bate; portanto ama a mim”. Entretanto,

¹⁸⁸ FREUD, S. De la historia de una neurosis infantil (1918[1914]). In: *Obras completas*. v.17. p.101.

¹⁸⁹ Ibidem. p.44.

¹⁹⁰ Ibidem. p.102.

¹⁹¹ Bravatear: dizer bravatas, jactar-se de valente; fanfarronar, blasonar, brasonar; dizer com arrogância, ameaçar. (Ver: FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. p. 210 e 226).

diante da frustração de sua demanda de amor ao pai, o seu sadismo em relação à criança rival transforma-se, pela intervenção do sentimento de culpa, em masoquismo: “meu pai me bate”.

Freud observa que esta fantasia é recalçada. Afinal, ser espancada por seu objeto de amor incestuoso implica em destituição de amor e humilhação. No entanto, estes não são motivos suficientes para o recalque da fantasia “meu pai me bate”. Isto porque um particular ressentimento ou irritabilidade diante de pessoas que possam ser inseridas na série paterna são demonstrados *claramente* no caráter de muitos sujeitos, ou seja, não são necessariamente recalçados. Escreve Freud: “É fácil que se deixem humilhar por essas pessoas e assim realizem a situação fantasiada, a de serem espancados pelo pai, produzindo-a em seu próprio prejuízo e para seu sofrimento”.¹⁹²

O principal motivo do recalque da fantasia de espancamento é o fato de ela conjugar sentimento de culpa e *erotismo*. O espancamento não é “*somente o castigo pela relação genital proibida, mas também o seu [dela] substituto regressivo*”.¹⁹³ A organização genital sofreu tal rebaixamento regressivo que, agora, “bater” significa “amar”, e “ser batido” remete a “ser amado”. É neste sentido que o castigo torna-se, ele próprio, o substituto da relação genital proibida. No entanto, a associação “meu pai me bate... logo, me ama... logo, o amo” é intolerável. Sendo assim, a fantasia é recalçada e relegada ao inconsciente. O sujeito se divide, mas seu gozo permanece intacto.

Freud observa, contudo, que em alguns casos o “ser espancada pelo pai”, enlaçado ao erotismo, podia aventurar-se até a consciência “toda vez que o próprio eu se tornava irreconhecível mediante um ligeiro disfarce”.¹⁹⁴ É o que ocorre quando a menina se imagina observando meninos desconhecidos sendo açoitados e é tomada de intensa excitação sexual, que pode culminar numa atividade masturbatória. O “ligeiro” disfarce consiste em que a

¹⁹² FREUD, S. “Pegan a un niño”. In: *Obras completas*. v.17. p.192.

¹⁹³ Ibidem. p.186. (Destaques do autor).

¹⁹⁴ Ibidem. p.187.

menina só pode admitir seu prazer masoquista através da identificação com meninos açoitados. Donde a conclusão de Freud sobre certas meninas:

Quando se afastam do amor incestuoso pelo pai, entendido genitalmente, é fácil que rompam por completo com o seu papel feminino, reanimem seu “complexo de masculinidade” e a partir de então só queiram ser meninos. Por isso, são somente meninos os bodes expiatórios que as substituem.¹⁹⁵

Estamos diante de algo perturbador: para esta futura mulher, ser possuída por um homem pode passar a significar estar no lugar de um garoto batido. Não sem razão, Freud assinala que a menina “escapa da exigência da vida amorosa, fantasia ser homem sem se tornar virilmente ativa e agora só pode presenciar como espectadora a ação que toma o lugar de um ato sexual”.¹⁹⁶ Mas nem todas as mulheres – talvez uma minoria – se conformam com este papel.

Passemos, então, ao menino. Nele, a fantasia de ser espancado, associada a um intenso prazer sexual, pode tornar-se consciente e ser, inclusive, realizada desde que – esta é a condição – o espancador seja uma mulher. Para muitos homens, é só através deste recurso que conseguem a realização do coito. O curioso é que nestas fantasias o homem se coloca numa posição passiva e feminina – mesmo que se sustente na cena como um menino malvado, que simplesmente merece ser castigado.

Surpreende encontrar, justamente em homens, uma fantasia de açoitamento plenamente consciente e desejada. Na verdade, ela é uma fantasia encobridora e ocupa, na consciência, o lugar de uma outra – ser espancado pelo *pai* – largada ao inconsciente sobretudo porque encerra a moção pulsional passiva de ser amado pelo pai no sentido genital. Assim, o menino, que tentou fugir da escolha homossexual de objeto e fez questão de permanecer homem, “sente-se, contudo, como mulher na sua fantasia consciente e dota as mulheres espancadoras com atributos e propriedades masculinas”.¹⁹⁷

¹⁹⁵ FREUD, S. “Pegan a un niño”. In: *Obras completas*. v.17. p.188.

¹⁹⁶ Ibidem. p.195.

¹⁹⁷ Ibidem. p.196.

Temos então um paradoxo: um homem muitas vezes só consegue realizar a sua função viril no coito com uma mulher se, como condição prévia, se deixa tratar como mulher, fazendo de sua própria mulher, seu homem espancador. Eis aí uma forma de inversão sexual!

É oportuno lembrar que a servidão sexual em homens resultaria, freqüentemente, “da superação de uma impotência psíquica, por obra de uma determinada mulher, a quem o homem em questão permanece ligado desde então”.¹⁹⁸ Essa “determinada mulher” – pode-se dizer – é aquela diante da qual “tais homens costumam exhibir uma conduta masoquista [...], uma franca e clara servidão”.¹⁹⁹

Note-se que Freud deriva a fantasia de espancamento, tanto na menina quanto no menino, da relação incestuosa com o pai. Surpreende que a mãe, no caso do menino, apareça secundariamente e, no caso da menina, sequer apareça.

6 O caráter sexual

Ao término de “Uma criança está sendo espancada” Freud coloca em questão o *caráter sexual*. Como defini-lo, diante de tantos giros? Tentando se desembaraçar desta difícil questão, o autor coloca em debate duas teorias que tratam, ambas, do vínculo entre *recalque* e *caráter sexual*.

A primeira teoria, que encontra em Fliess o porta-voz, sustenta que o motivo do recalque, em cada um, seria a luta entre os caracteres sexuais. Partindo da bissexualidade inerente aos seres humanos, este autor sustenta que no homem estão recalcadas as moções pulsionais femininas e na mulher, as masculinas. É uma teoria simplista, que se baseia nas clássicas concepções biológicas do predomínio do masculino no homem e do feminino na mulher. Nela não há lugar para impasses.

¹⁹⁸ FREUD, S. El tabú de la virginidad (1918[1917]). In: *Obras completas*. v.11. p.190.

¹⁹⁹ _____. Análisis terminable e interminable (1937). In: *Obras completas*. v.23. p.254.

Para este autor, um homem se reduz à sua genitália masculina e uma mulher, à sua genitália feminina; tudo o que evoque o sexo contrário ao biológico é abafado. Apesar de supor uma bissexualidade inata em todos os seres humanos, Fliess acredita firmemente que o sexo biológico presente no indivíduo derrota todas as outras manifestações do sexo contrário. Do outro sexo, só restariam vestígios inoperantes.

A segunda teoria, tributária de Adler, é sociológica. Baseada no protesto masculino, assevera que tanto homens quanto mulheres resistem a permanecer na linha feminina – segundo ele, inferior – e se esforçam em direção à masculina, única satisfatória.

Do ponto de vista sociológico sua teoria tem sua validade – diríamos, universal – pois sabemos que os homens se apóiam numa pretensa superioridade, concedendo “favores” à mulher através do subterfúgio cortês ou da clara depreciação feminina; da parte das mulheres, conhecemos suas incontáveis reivindicações e sua insistente afirmação sobre a igualdade entre os sexos. Assim, o arranjo de *um* dia internacional para a mulher – em que pese sua inegável função de alerta – não revelaria o desmentido social sobre o feminino para todos os *outros* dias?

Lacan afirma que as origens de nossa cultura estão por demais ligadas à aventura da família patriarcal para que ela não imponha “uma prevalência do princípio masculino, cuja parcialidade o peso moral conferido ao termo virilidade é suficiente para aquilatar”.²⁰⁰

A teoria adleriana do protesto masculino funciona eficazmente em relação às estabilizações de caráter, que podem ser vistas como vigorosas formações reativas contra a feminilidade. Ela, no entanto, falha em relação ao sintoma neurótico. Isto porque Adler parte do pressuposto de que o agente recalador é uma moção pulsional masculina e o recalado, uma feminina.

Ora, sendo o recalque uma defesa fracassada, o recalado, ou seja, o feminino, faria retorno no sintoma. Assim, num homem o protesto masculino, quando aplicado ao sintoma,

²⁰⁰ LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*. p.89.

resulta em fracasso impondo-se nele o feminino, que retorna, enquanto inconsciente, através do sintoma. Por isso, Freud pontua que no homem “a linha feminina não é abandonada e o menino, por certo, não está ‘por cima’ em sua fantasia masoquista consciente”.²⁰¹

Já no que toca à mulher, a teoria adleriana a deixaria duplamente sem recursos, pois – por um lado – o seu protesto masculino tornar-se-ia um projeto destinado ao fracasso, por não encontrar suporte em seu sexo biológico; por outro, o feminino, correspondendo ao componente recalcado, se apresentaria na mulher como um sintoma. Restaria à mulher ser um sintoma de mulher?

Assim, a teoria adleriana, partidária da hegemonia do masculino, promove um verdadeiro estrago na mulher. Mas, curiosamente, ela não deixa de evocar algumas considerações de Lacan no seminário “*Le sinthome*”. Senão, vejamos:

Eu me permito dizer que o sinthomem é muito exatamente o sexo ao qual eu não pertença, ou seja, uma mulher. Se uma mulher é um sinthomem para todo homem, é completamente claro que há necessidade de encontrar um outro nome para isto que é o homem para uma mulher, posto que o sinthomem se caracteriza justamente pela não-equivalência.²⁰²

Continua Lacan:

Pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que lhes agrada, a saber, uma aflição pior que um sinthomem. Vocês podem articulá-lo como lhes convenha. Pode ser até mesmo um estrago. Se não há equivalência vocês são forçados a especificar o que disto é sinthomem.²⁰³

Freud, à volta com a teoria adleriana do protesto masculino já não sabe o que pensar. Chega a dizer que se em ambos os sexos a fantasia de espancamento é recalcada, não obstante, “o protesto masculino parece encontrar pleno êxito *apenas* na menina, a qual apresenta um exemplo quase ideal da ação de tal protesto”.²⁰⁴

²⁰¹ FREUD, S. “Pegan a un niño”. In: *Obras completas*. v.17. p.198.

²⁰² LACAN, J. *Le sinthome* (1975-1976). In: *Le séminaire*: livre XXIII. Paris: Seuil, 2005. p.101. (Tradução nossa). OBS: Sabemos que *sinthome* é traduzido freqüentemente por *sinthoma*. Na passagem citada achamos mais adequado traduzi-lo por *sinthomem*.

²⁰³ Ibidem. (Tradução nossa).

²⁰⁴ FREUD, S. “Pegan a un nino”. In: *Obras completas*. v.17. p.198. (Destaques nossos).

Termina por afirmar que Fliess e Adler sexualizam os motivos do recalque, e é peremptório ao assinalar que “não é lícito sexualizar os motivos do recalque”, completando: “O núcleo do inconsciente anímico é constituído pela herança arcaica do ser humano; desta, sucumbe ao processo de recalque tudo quanto, no progresso até fases evolutivas posteriores, é relegado por ser inconciliável com o novo e prejudicial a ele”.²⁰⁵

Assim, é recalcado tudo aquilo que, no caminho da evolução, é contrário às novas aquisições. Ora, sendo a genitalidade – diferença radical entre masculino e feminino, a serviço da reprodução – o último termo da evolução da libido, não há sentido em falar – como querem Fliess ou Adler – em recalque do carácter feminino ou masculino. Pelo contrário, da sexualidade é recalcado tudo aquilo que é inútil ou prejudicial à consecução da genitalidade.

Entendemos que quando Freud critica os dois autores por estes sexualizarem os motivos do recalque, ele está nos alertando para o fato de que o recalque ocorre muito antes da diferenciação sexual masculino-feminino, ou seja, ele incide num tempo em que estas categorias ainda não existem.

A operação de recalque incide, sem dúvida, sobre a pulsão sexual, mas numa época em que o sexual não é ainda significado como tal. Nesta medida, ganha sentido a distinção feita por Freud entre genital e pré-genital. Digamos que o pré-genital é o sexual “por vir”.

No entanto, nós sabemos quão problemáticos são os conceitos de “masculino” e “feminino”. Freud, em nota de rodapé (1915) aos “Três ensaios”,²⁰⁶ tenta concebê-los em três vertentes:

1 no sentido de *atividade-passividade* a libido é sempre ativa – portanto, “masculina” – apesar de perseguir também metas passivas;

2 no sentido *biológico* masculino e feminino se caracterizam pela presença do sêmen ou do óvulo;

²⁰⁵ FREUD, S. “Pegan a un nino”. In: *Obras completas*. v.17. p.199.

²⁰⁶ _____ . Tres ensayos de teoría sexual. In: *Obras completas*. v.7. p.200.

3 no sentido *sociológico* existem indivíduos masculinos e femininos encontráveis na realidade, apesar de que não há masculinidade ou feminilidade puras. Todo indivíduo, homem ou mulher, apresenta uma mistura dos dois caracteres sexuais biológicos, bem como de atividade e passividade.

Em vista da dificuldade em se definir – mesmo no adulto – “masculino” e “feminino” poderíamos ser tentados a concluir que na criança seria irrisório distinguir estas categorias. Entretanto, enquanto virtualidades,²⁰⁷ elas lá se encontram, em potência.

No bebê, o que está em ação em princípio são simplesmente zonas erógenas, auto-eróticas, onde os dois grupos pulsionais – pulsões de autoconservação e pulsões sexuais – estão em tal harmonia que uma função vital específica é, ela própria, uma satisfação sexual. Assim, em relação à nutrição, o que é prazeroso é ingerido, sendo o desprazeroso vomitado.

Digamos que no plano da autoconservação a pulsão sexual não precisa esperar pelo orgânico. Ela é a condição mesma para o exercício da função corporal. Daí poder-se dizer que a pulsão auto-erótica é egoísta; não visa nada além do gozo e não “ama” seu objeto, apenas goza dele, consumindo-o para fins que são, num só tempo e movimento, sexuais e auto-conservadores.

Vale aqui lembrar a primeira oposição pulsional estabelecida por Freud entre pulsões de autopreservação e pulsões sexuais. Se no plano da autopreservação o sexual já está, desde o início, integrado a uma função vital, no que tange à preservação da espécie o pequeno ser terá que esperar pela maturação sexual, ou seja, há um tempo de latência. A pulsão sexual, impossibilitada de ser aplicada imediatamente na reprodução, fica desnaturalizada, torna-se inútil, ou mesmo, nociva. É este excedente sexual, que não é acolhido pelas funções

²⁰⁷ *Virtual*: que existe como faculdade, porém sem exercício ou efeito atual; o que é suscetível de se realizar; potencial. Diz-se do que está predeterminado e contém todas as condições essenciais à sua realização. (Ver: FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. p.1465).

biológicas de autopreservação e tampouco pode cumprir uma função genital, que está fadado ao recalque.

Estas moções pulsionais, o eu as recalcou porque elas “não puderam se adequar à unidade orgânica do indivíduo ou porque se rebelaram contra as suas metas culturais”.²⁰⁸

Entretanto, tais moções, em revolta, podem romper o recalque, exigindo satisfação. O eu, incapaz de exterminá-las, deve se contentar em erigir contra elas barreiras protetoras ou procurar acordos através de satisfações substitutivas.

Assim, não é simplesmente pelo fato de serem sexuais que as moções pulsionais infantis são recalcadas. O que é recalcado é o que, enquanto sexual, não pode ser integrado à unidade orgânica, nem está pronto para o exercício genital. Dois fatores impedem este exercício: por uma parte, o inacabamento das pulsões sexuais infantis, que as incompatibiliza com a consecução genital com fins de reprodução; por outra, a coerção da cultura, que encontra seu representante no próximo. Ouçamos Freud:

...os fatos biológicos da longa heteronomia e da lenta maturação da criatura humana, bem como do complexo caminho de desenvolvimento de sua capacidade amorosa, se expressam no realce do vínculo com os pais. Em consequência disso, a superação do complexo de Édipo coincide com um domínio mais adequado sobre a herança arcaica, animal, do ser humano.²⁰⁹

Eis aí o pequeno egoísta, à mercê da lei, mas também, da influência e dos caprichos do próximo. Já não pode ser apaziguado apenas pelo fato de estar bem nutrido. Demanda algo para além de sua autopreservação. Demanda amor irrestrito. Mas nisto, devido a seu inacabamento, encontrará seus limites e sua angústia.

Assim, do sexual, é recalcado tudo aquilo que, inútil ou prejudicial, se presta ao deleite do pequeno sujeito humano, as chamadas pulsões parciais pré-genitais. Há uma impossibilidade

²⁰⁸ FREUD, S. Prólogo a Theodor Reik, *Probleme der Religions psychologie* (1918). In: *Obras completas*. v.17. p.256.

²⁰⁹ *Ibidem*. p.258.

em relação a sua satisfação porque a sexualidade – paradoxalmente – ao chegar muito cedo, chegará tarde demais.

Além disso, o próximo – mesmo que não falte em relação à manutenção vital do pequeno ser dependente – faltará fatalmente no que tange a esse “a mais a gozar”, que ultrapassa a necessidade e que se refere ao desejo sexual.

Não sem razão, Freud ressalta que a eflorescência da sexualidade infantil presente durante o período edípico é interrompida pela decepção e pelo desengano. Chega um tempo em que “a geada estraga essa precoce floração”²¹⁰ e os vínculos amorosos ficam destinados ao sepultamento. Talvez sucumbam porque seu tempo expirou, “porque as crianças entram numa nova fase de desenvolvimento em que se vêem premidas a repetir, a partir da história da humanidade, o recalque da escolha incestuosa de objeto, do mesmo modo que antes se viram forçadas a empreendê-la”.²¹¹

Estamos, com “Uma criança está sendo espancada”, em 1919. Retrocedamos a 1895, quando, no “Projeto”, Freud ressalta que o objeto é um próximo e, como tal, “é *simultaneamente* o primeiro objeto-satisfação e o primeiro objeto hostil, bem como o *único* poder auxiliador”.²¹² De quebra, ele antecipa que “o desamparo inicial do ser humano é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*”.²¹³

Conforme Rabinovich, existem dois grandes articuladores teóricos do caráter na obra de Freud. O primeiro diz respeito “a um impulso libidinal que se transforma em traços de caráter diante dos ‘diques’ impostos pela defesa”²¹⁴; o segundo, está contextualizado pelo complexo de Édipo e pelo complexo de castração e é inseparável da teoria da identificação.

²¹⁰ FREUD, S. “Pegan a un niño”. In: *Obras completas*. v.17. p.185.

²¹¹ Ibidem. p.185-186.

²¹² FREUD, S. Proyecto de psicología. In: *Obras completas*. v.1. p.376. (Destques nossos).

²¹³ Ibidem. p.363. (Destques do autor).

²¹⁴ RABINOVICH, D. El carácter en la obra freudiana: algunas conclusiones clínicas. In: *Escansión*: nueva série. Buenos Aires: Manantial, 1989. p.41.

Deste modo, “a teoria freudiana do caráter surge como solidária dos destinos do objeto – seja no nível da pulsão, do desejo ou do Ideal – objetos todos confundidos em um na maré pós-freudiana”.²¹⁵

Veremos que esta questão não é nada fácil, uma vez que ela remete, em vários níveis, ao objeto como o outro do sujeito. É o que desenvolveremos no próximo capítulo.

²¹⁵ RABINOVICH, D. El carácter en la obra freudiana: algunas conclusiones clínicas. In: *Escansión*: nueva série. Buenos Aires: Manantial, 1989. p.41.

CAPÍTULO IV

CARÁTER E IDENTIFICAÇÃO

Na vida anímica de qualquer indivíduo, observa Freud, “o outro [*der Andere*] conta, com total regularidade, como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário”.²¹⁶ E na medida em que, segundo o autor, toda psicologia individual é simultaneamente psicologia social, cai por terra a própria noção de individualidade. Este, pensamos nós, é o tom que Freud imprime a “Psicologia das massas e análise do eu”, texto no qual o termo análise (Do gr. *análysis*) deve ser tomado, ao pé de letra, como ação de dissolução ou decomposição do eu.

1 O eu e seu outro

A abordagem freudiana do eu, longe de privilegiar o indivíduo, ou seja, um eu indiviso, aponta para a sua divisão. Este será tributário do outro (*der Andere*) que, tomado sob as quatro vertentes apontadas por Freud, exercerá sobre ele a sua influência:

- 1 Como modelo de identificação;
- 2 Como objeto de investimento libidinal;
- 3 Como adversário e depositário da agressão;

²¹⁶ FREUD, S. Psicología de las masas y análisis del yo (1921). In: *Obras completas*. v.18. p.67. OBS: No dicionário *Langenscheidts* encontramos os verbetes *ander* (outro) e *anders* (outro, diferente, outrem, outra pessoa, outra forma); não consta nele a forma substantivada *der Andere* (o Outro), empregada por Freud na passagem citada. Não saberíamos dizer se teria sido a partir do emprego, por Freud, da forma substantivada que Lacan destacou *l'Autre*, em maiúscula, em contraposição a *l'autre*. Seja como for, *der Andere* bem merecia ser traduzido por “o Outro”, tamanha a sua abrangência. Mas, como na língua portuguesa não se emprega a maiúscula no substantivo (ao contrário do alemão), talvez seja abusivo traduzi-lo por “o Outro”. (Ver: FREUD, S. Massenpsychologie und Ich-Analyse. In: *Gesammelte Werke*, v. XIII, p. 73).

4 Como prestador de auxílio e socorro.

As quatro vertentes do outro (*der Andere*) estão desde sempre colocadas para o eu, mesmo que este delas tenha um desconhecimento radical. Freud tenta desenvolvê-las através da sua intrincada e obscura teoria da identificação, a qual é também uma teoria do investimento objetal.

Freud observa que num primeiro tempo, inapreensível, a identificação é “a exteriorização mais precoce de uma ligação afetiva com outra pessoa”.²¹⁷ É uma identificação com o pai, tomado como ideal. Mas é o próprio Freud quem diz que, *ao mesmo tempo*, há um cabal investimento de objeto na mãe. Ou seja, na fase primitiva oral do indivíduo “é completamente impossível fazer a distinção entre investimento de objeto e identificação”,²¹⁸ uma vez que identificação e investimento objetal coincidem.

Nesta medida, se o outro (*der Andere*) – neste tempo do indivíduo-indiviso – é o modelo primeiro da identificação, o pai da pré-história pessoal, ele é, também, o objeto primeiro da pulsão, a mãe, igualmente pré-histórico. Se aqui o objeto ansiado e apreciado “é incorporado por devoração e assim aniquilado como tal”,²¹⁹ o outro (*der Andere*) é, ainda, num e só movimento, o auxiliador da necessidade e o inimigo devorado. Não à toa, Freud qualifica este tempo originário como canibalístico; nele, o que se ama é o que se devora, ou seja, as aspirações eróticas são sentidas como necessidades.

Portanto, na fase oral-canibalística não há qualquer intervalo ou divisão. Por isso, nela tem-se tudo e não se tem nada, se é tudo e não se é nada. O outro (*der Andere*), através de seus quatro termos, lá está em potência plena e, paradoxalmente, só advirá depois.

Neste tempo auto-erótico o objeto da pulsão coincide com a sua fonte, o sujeito coincide com o objeto, o amor coincide com o ódio e o desejo coincide com a necessidade. Se Freud,

²¹⁷ FREUD, S. Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*. v.18 p.99.

²¹⁸ _____. El yo y el ello. In: *Obras completas*. v. 19. p.31.

²¹⁹ _____. Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*. v.18. p.99.

com razão, o qualifica como anobjetal, pode-se ainda acrescentar que é um tempo “a-sujeito”. Isto porque o sujeito da identificação equívale ao objeto do investimento libidinal: o sujeito é o que *tem*, o objeto. Pode-se dizer que, neste primeiro tempo, *ter* o objeto-mãe é a causa imediata de *ser* o sujeito-pai. Eis aí o sujeito, causado por seu objeto.

Portanto, neste primeiro momento o que há é *isso*. Isso que, por aproximações, Freud algumas vezes denominou *Real-Ich* e, em outras, eu ideal. Estado pleno, no qual, justamente porque o outro (*der Andere*) não falta, o outro (*der Andere*) não existe.

No início todo o bom é “eu” e todo o mau, “não-eu”. O objeto, se é fonte de prazer, incorpora-se ao eu, sendo expulso caso gere desprazer. Daí Freud afirmar que “o eu é o reservatório genuíno e originário da libido”,²²⁰ afirmação que ele retifica em “O eu e o isso” ao dizer que é o isso este reservatório original.

Pois bem, é apenas quando o objeto prazeroso se desprende do eu – quando ser o sujeito da identificação não mais coincide com ter o objeto do investimento libidinal – que se instala a segunda identificação. Esta, não apenas marca a *divisão* do eu entre sujeito e objeto, como a sua tentativa de *recomposição*: o objeto perdido “volta a se erigir no eu, ou seja, um investimento de objeto é substituído por uma identificação”.²²¹ A escolha de objeto regride para uma identificação. Em outros termos, o eu recupera seu objeto, mas à custa de se identificar com ele. Aquele que antes se conduzia como sujeito-pai, agora coloca-se no lugar do objeto-mãe.

Por isso, Freud afirma que a primeira identificação ao pai pode se perder de vista quando o menino se dirige ao pai “numa atitude feminina”.²²² A diferença depende “de que a ligação recaia sobre o *sujeito* ou sobre o *objeto* do eu”.²²³ No primeiro caso, o menino quer ser como o pai; no segundo, se oferece ao pai como objeto e o complexo de Édipo experimenta uma

²²⁰ FREUD, S. Más allá del principio de placer. In: *Obras completas*. v.18 p.50.

²²¹ _____. El yo y el ello. In: *Obras completas*. v.19. p.30.

²²² _____. Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*. v.18. p.100.

²²³ *Ibidem*. (Destaque nossos).

inversão. A identificação secundária é tão complexa que Freud a ilustra através de três parâmetros: a formação histórica de sintoma, a homossexualidade masculina e a melancolia. Trabalharemos os dois primeiros.

1.1 *A formação histórica de sintoma*

Na identificação histórica encontramos três termos: o sujeito, seu outro rival e o objeto da disputa. O que surpreende é que Freud a vincula ao *sintoma* de um dos pais (Como no caso da menina que apresenta a mesma tosse martirizadora da mãe, ou de Dora, que imita a tosse do pai). Portanto, na histeria, a identificação se dá pelo sintoma. Se há sintoma, pode-se dizer que o processo de regressão de uma escolha objetual para uma identificação foi recalcado e relegado ao inconsciente.

A concepção da identificação histórica como um sintoma é um achado precioso. Contudo, Freud se confunde ao descrever o seu mecanismo. Para explicá-lo, ele parte do pressuposto de que a menina ama o pai e rivaliza com a mãe; desconsidera a primeira fase da identificação, na qual a menina, identificada ao pai, toma a mãe como objeto de amor. Se a levamos em conta podemos compreender que a menina, quando introduzida na segunda identificação, fica duplamente lesada: perde, para o rival paterno, sua identificação-pai, como também seu objeto-mãe. Diante disso, é o sintoma que pode recompô-la.

Freud diz que a identificação secundária se caracteriza por ser parcial e extremamente limitada, “pois toma emprestado um único traço [*einzigem Zug*] da pessoa-objeto”.²²⁴ Ora, este único traço é o sintoma de um dos pais. Assim se expressa Freud: “Se querias ser sua mãe, agora o és, *ao menos* em seu sofrimento”.²²⁵ Isso vale também para o pai.

²²⁴ FREUD, S. Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*. v.18. p.101. OBS: No original alemão encontra-se *einzigem Zug*, e não, *einziger Zug*. (Ver: FREUD, S. Massenpsychologie und Ich-Analyse. In: *Gesammelte Werke*. v. XIII. p.117).

²²⁵ Ibidem. p.100. (Destques nossos).

A menina já não se encontra sozinha em sua falta. Ao outro também algo falta. Eles são solidários no sintoma.

Lacan lembra que a criança percebe certas situações afetivas com uma perspicácia bem mais imediata que a do adulto. É por isso que

... o caráter de um homem pode desenvolver uma *identificação* parental que deixou de se exercer desde a idade limite de sua lembrança. O que se transmite por essa via psíquica são os traços que, no indivíduo, dão a forma particular de suas relações humanas, ou, dito de outra maneira, sua *personalidade*. Mas, o que a conduta do homem reflete então não são apenas esses traços, embora eles freqüentemente estejam entre os mais ocultos, porém a situação efetiva em que se encontrava aquele dos pais que foi objeto da identificação quando ela se produziu – uma situação de conflito ou de inferioridade no grupo conjugal, por exemplo.²²⁶

Em “As formações do inconsciente” Lacan observa que a identificação secundária funda o ideal do eu, o qual “se constitui na relação com o terceiro termo, que aqui é o pai, e implica sempre o falo”.²²⁷ Mas, na identificação secundária, trata-se do pai imaginário, que vai do melhor ao pior, na medida em que é o objeto da rivalidade e da concorrência. Trata-se de um jogo especular no qual o sujeito, diz Lacan, tenta restabelecer no outro a unidade perdida de si mesmo. O que se insinua aqui é o ideal da imagem do duplo em que o eu “se confunde com essa imagem que o forma, mas que o aliena primordialmente”.²²⁸

Portanto, na segunda identificação o pai tropeça, faz sintoma. É preciso assegurá-lo como ideal. Isto nos conduz ao terceiro tipo de identificação. Nele, diz Freud, se prescinde por completo da relação de objeto com a pessoa copiada. É o caso da moça do internato que, após receber uma carta do secreto amado, é tomada de ciúmes e tem um ataque histérico. As amigas, que também queriam ter uma relação secreta, repetem o ataque. Assim, “a identificação pelo sintoma passa a ser o indício do ponto de coincidência entre os dois eus, que deve manter-se recalcado”.²²⁹

²²⁶ LACAN, J. Para-além do “princípio de realidade” (1936). In: *Escritos*. p.92. (Destques do autor).

²²⁷ _____. As formações do inconsciente (1957-1958). In: *O seminário*: livro 5. p.310.

²²⁸ _____. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*. p.49.

²²⁹ FREUD, S. Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*. v.18. p.101.

Ora, esta parece ser uma identificação de máximo fracasso, pois o sujeito adquire o sintoma de um outro que não é sequer objeto de seu investimento pulsional. Sua importância, no entanto, consiste na consolidação de um ideal paterno, abalado na segunda identificação. Se nesta última o pai não assegura um ideal, pois é objeto de rivalidade, a terceira identificação pode devolver a esses pequenos eus/pequenos outros o seu ideal. No entanto, com uma condição: a de que tal ideal seja prerrogativa de um grande outro. Esta é a fórmula da constituição libidinal de uma massa. Em que consiste ela?

*Uma massa primária dessa índole é uma multidão de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do eu e, em consequência disso, se identificaram entre si em seu eu.*²³⁰

Enlaçados num único sintoma, vão em busca de seu outro (*der Andere*) inesquecível e inigualável para nele colocarem, em massa, seu desejo, que já não é próprio, mas uno. Tal é o modelo da identificação histérica.

Para a histérica, diz Lacan, o problema é fixar seu desejo em algum lugar e ela só pode realizar esta fixação sob a condição de se identificar a uma coisa qualquer, a um pequeno traço. Lacan acrescenta: “Onde lhes falo de uma *insígnia*, Freud fala de um traço, um traço único, *einzigster Zug*, não importa qual, num outro qualquer em quem ela possa pressentir que existe o mesmo problema do desejo”.²³¹ Este é o caso das moças do internato que, identificadas ao desejo de *uma*, fazem *todas* a mesma crise histérica. Elas sequer conhecem seu objeto de desejo. Desejam por procuração.

Em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘psicanálise e estrutura da personalidade’ ” Lacan é mais preciso na sua definição de insígnia ao afirmar que a questão que Freud inaugura em “Psicologia das massas e análise do eu” é a seguinte:

²³⁰ FREUD, S. *Psicología de las masas y análisis del yo*. p. 109-110. (Destaques do autor).

²³¹ LACAN, J. As formações do inconsciente. In: *O seminário*: livro 5. p.447. OBS: Insígnia (Do lat. *insignia*): sinal distintivo de uma função de dignidade, de posto, de comando, de poder, de nobreza. Símbolo, emblema, divisa. Sinal distintivo dos membros de uma associação, irmandade ou grupo. Insigne (Do lat. *insigne*): muito distinto, notável, célebre, assinalado. (Ver: FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. p.770).

Como um objeto, reduzido a sua realidade mais estúpida, porém colocado por um certo número de sujeitos numa função de denominador comum, que confirma o que diremos de sua função de insígnia, é capaz de precipitar a identificação com o Eu Ideal, inclusive no débil poder do infortúnio que no fundo ele revela ser.²³²

Nesta medida, a garantia dada pelo simbólico é falaciosa.

Sabe-se que a terceira identificação proposta por Freud é a identificação histórica. Entretanto, não se deve esquecer que na segunda identificação o autor também se refere à histeria, ao ilustrar “o mecanismo completo da formação histórica de sintoma”.²³³

Ambas são o que denominaremos “identificação-sintoma”. Mas diferem num ponto. Enquanto a segunda identificação é, digamos, uma “identificação-sozinha” – particular e, portanto, associal –, a terceira é uma “identificação-sintoma de massa”. Ela é um sintoma que faz laço social, expressando uma comunhão de vários eus, em sua ligação com um líder. De uma a outra, tem-se um deslocamento do particular para o coletivo. Perguntamos: a “identificação-sintoma de massa” não nos remeteria ao plano do caráter?

A passagem da segunda para a terceira identificação é correlata à passagem do individual para o coletivo, do sintoma particular para o sintoma universal, ou ainda, do sintoma para o caráter. Isto nos evoca as fórmulas lacanianas da sexuação:

1 *Para toda* a massa supostamente submetida à função da castração *existe um*, o líder, a quem se supõe não estar submetido à castração: terceiro modo de identificação. Neste caso, o pai é insigne, distinto, notável – mesmo que “reduzido a sua realidade mais estúpida”.

2 A função da castração faz de um, *não-todo*, mas *não existe um* que não seja submetido à castração: segundo modo de identificação. O pai é colocado em questão, pois ele também faz sintoma.

²³² LACAN, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “psicanálise e estrutura da personalidade” (1960). In: *Escritos*. p.684.

²³³ FREUD, S. Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*. v.18. p.100.

Mas, por que fizemos o deslizamento do sintoma para o caráter? Ora, se uma crise histórica individual é um sintoma desestabilizador, as notáveis histerias de massa, por mais patológicas que possam ser, estão integradas ao corpo social. Os grandes festivais populares são histerias de massa permitidas e valorizadas, com data marcada no calendário oficial. Aliviam e estabilizam uma coletividade ou um povo, chegando mesmo a dar a este um caráter nacional.

Não sem razão, Freud observa que o crente está, em grande medida, protegido do perigo de contrair neuroses, pois “a aceitação da neurose universal o dispensa do trabalho de formar uma neurose pessoal”.²³⁴

Retomemos a segunda identificação, não mais na perspectiva do sintoma histórico, mas na da homossexualidade masculina.

1.2 A homossexualidade masculina

Trata-se aqui também de um objeto perdido que se instala no eu. O jovem, até então fixado na mãe, vendo-se obrigado a abandoná-la, não o faz; identifica-se com ela e, transformado nela, passa a buscar “objetos que possam substituir seu eu, objetos a quem ele possa amar e cuidar como foi amado e cuidado por sua mãe”.²³⁵ Lacan observa que nesta modalidade de identificação há uma ambivalência narcísica mediante a qual “o sujeito se identifica com a mãe e identifica o objeto amoroso com sua própria imagem especular”.²³⁶

Freud assinala que esta identificação não toma emprestado um traço único e mínimo do objeto; pelo contrário, o que se destaca nela é a sua amplitude: ela “transforma o eu no tocante a um componente sumamente importante, o *caráter sexual*, segundo o modelo do que, até então, era o objeto”.²³⁷ Com isso, o próprio objeto do investimento libidinal é abandonado.

²³⁴ FREUD, S. El porvenir de una ilusión (1927). In: *Obras completas*. v.21. p.44.

²³⁵ . Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*. v.18. p.102.

²³⁶ LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*. p.89.

²³⁷ FREUD, S. Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*. v.18. p.102. (Destques nossos).

O modelo do homossexualismo masculino permite-nos pensar que, se na primeira identificação o sujeito *é* o objeto que *tem*, na segunda identificação – diante da interdição do pai – lhe resta ser o objeto que já não tem. É neste sentido que se pode compreender que na identificação secundária a escolha de objeto regrida para a identificação, a saber, para a primeira identificação. Só que agora o menino está identificado não com o pai, mas com a mãe.

Fica uma pergunta: “por que a menina histérica, diante da perda de seu objeto libidinal materno, não se identifica amplamente, como o faz o homossexual masculino, ao objeto-mãe?” Ora, porque ao objeto-mãe falta, agora, o único traço da sua primeira identificação, o falo paterno. Daí a sua profunda decepção com a mãe – aspecto que Freud só virá a trabalhar claramente nos seus textos sobre a sexualidade feminina.

Quando Freud fala da inicial fase masculina da menina, não quer dizer outra coisa senão isto: para todos, sejam homens ou mulheres, a primeira identificação é com o pai, este que possui a mãe.

A saída da menina histérica seria, então, a identificação ampla com o pai? Também não, porque, para se identificar secundariamente ao pai, vai lhe faltar um único traço, o falo. O menino, mesmo tendo sido privado do objeto materno, pode realizar, no segundo tempo, a fantasia onipotente do primeiro tempo: ele é a mãe fálica. Mas a menina ficaria sem recursos caso não fizesse sintoma. Através deste, pode reaver, sob recalçamento, o traço perdido da primeira identificação.

2 Caráter e bissexualidade

É possível ressignificar, à luz da teoria da identificação, dois dos textos freudianos de 1908. No primeiro, “As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade”, Freud

ressalta que um sintoma histérico só pode ser concebido, em última instância, como sendo a expressão de duas fantasias sexuais inconscientes, uma masculina e outra feminina.

No segundo texto, “Apreciações gerais sobre o ataque histérico”, o autor assinala que o ataque histérico é o substituto de uma satisfação auto-erótica e que sua descarga motora segue o mecanismo reflexo do coito. Além disso, o sintoma, bem como a histeria em geral, re-instala na mulher, diz Freud, um fragmento de atividade sexual que existiu na infância e que tinha um caráter masculino por excelência.

Em grande número de casos a neurose histérica “não é senão uma resposta a uma cunhagem excessiva daquele influxo típico de recalçamento, que faz nascer a mulher por remoção da sexualidade masculina”.²³⁸ Ou seja, a histeria é uma resposta fálica perante o surgimento da mulher.

É muito comum que na neurose histérica das mulheres “sobrevenha uma reativação desta sexualidade masculina recalçada e contra ela se dirige em seguida a luta defensiva das pulsões acordes com o eu”.²³⁹ Se há conflito, a masculinidade da mulher histérica só pode se manifestar em sintomas. É só através destes que a fantasia da mãe fálica pode ser realizada.

Assim, a distância que separa a solução da mulher histérica daquela do homem homossexual torna-se menor: ambos, por diferentes vias, realizam a fantasia da mãe fálica.

Estamos diante da bissexualidade e, ao supor uma disposição bissexual universal nos seres humanos, Freud derruba todos os esforços de caracterização e diferenciação precisas entre masculino e feminino. Ao falar de algo aparentemente banal como a masturbação, ele lembra que um masturbador, em suas fantasias conscientes, “tenta concentrar-se empaticamente tanto no homem como na mulher da situação representada”.²⁴⁰

Podemos ir mais longe neste paradoxo e dizer que, ao se masturbar, um homem, mesmo que *se imagine* numa relação sexual com uma mulher, *efetivamente* toca, não numa mulher,

²³⁸ FREUD, S. Apreciações gerais sobre el ataque histérico (1909 [1908]). In: *Obras completas*. v.9. p.211.

²³⁹ _____ . La predisposición a la neurosis obsesiva. In: *Obras completas*. v.12. p.345.

²⁴⁰ _____ . Las fantasias histéricas y su relación con la bissexualidad (1908). In: *Obras completas*. v.9. p.146.

mas num pênis excitado de outro homem, o dele mesmo. Neste sentido, ele (ou ela?) é, num só movimento, sujeito e objeto, passivo e ativo, masculino e feminino, homossexual e heterossexual. Abre-se o campo do narcisismo e da escolha objetal de base narcísica.

Seguindo a mesma lógica, lembremos um caso observado por Freud, no qual uma mulher, durante uma crise histérica, “com uma mão apertada o vestido contra o ventre (no papel de mulher) e com a outra tenta arrancá-lo (no papel de homem)”.²⁴¹

Posto isso, cabe perguntar sobre a gênese da bissexualidade. Seria tentador referi-la apenas a fatores inatos e constitucionais bastando, para tanto, recorrer à embriologia para confirmá-la cabalmente. Freud, apesar de não negar esta possibilidade, está, no entanto, muito mais interessado na complexidade das relações do sujeito com o outro. Nestas, um sujeito, homem ou mulher, sofrerá sempre a influência dos dois sexos, seja em suas escolhas objetais, seja em suas identificações.

Coutinho Jorge, ao se perguntar sobre a *bissexualidade psicológica* proposta por Freud, a situa como sendo a “oposição entre a heterossexualidade e a homossexualidade, presente para cada sujeito em sua *escolha de objeto*”.²⁴²

Já vimos que o homossexual, num período precoce de sua infância – posteriormente esquecido –, manteve uma relação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente sua mãe. Quando a relação sucumbe o menino recalca justamente aquilo que não se esperaria que um homem recalcasse, a sua ligação libidinal com uma mulher. Temos aí um tipo de homem, o homossexual, esse que ama à maneira da mulher que o amou, sua mãe. Mas, certamente, ele não esgota todas as possibilidades do tipo homossexual.

²⁴¹ FREUD, S. Las fantasías histéricas y su relación con la bissexualidad (1908). In: *Obras completas*. v.9. p.147.

²⁴² JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p.35. Para maiores detalhes, remetemos o leitor ao tópico “Freud e Fliess: o recalque e a bissexualidade” (p. 27-39).

Passemos agora a outro tipo de homem – este, heterossexual – descrito por Freud em “Sobre um tipo particular de escolha de objeto feita pelo homem”, texto publicado no mesmo ano de seu ensaio sobre Leonardo da Vinci. Neste artigo, o autor ressalta certas peculiaridades de conduta da vida amorosa de homens neuróticos, qualidades que podem ser aplicadas ao comportamento amoroso do homem em geral. Traça o perfil de um tipo específico de homem a partir de sua escolha de objeto. Portanto, pode-se dizer que este é um artigo sobre o *tipo*.

A primeira condição de amor exigida no tipo estudado é a de que no campo amoroso exista um terceiro prejudicado. Por isso, estes homens só escolhem mulheres comprometidas, sobre as quais um outro possa reivindicar direitos de posse seja como marido, namorado ou amigo. Tem-se aqui um jogo especular, pois é difícil, pelo desenvolvimento dado por Freud, decidir sobre quem é o prejudicado: seria o rival ou o próprio sujeito?

O tipo só fica completo, observa Freud, quando à primeira condição se conjuga uma outra, o amor à prostituta. Apenas mulheres de má reputação sexual se tornam objetos amorosos e o valor dado à mulher, bem como a intensidade da paixão, só atingem seu apogeu se esses homens são invadidos por intenso ciúme. O notável é que “esses ciúmes jamais se dirigem ao possuidor legítimo da amada, mas a estranhos recém-chegados”.²⁴³ Confirma-se o jogo especular entre o sujeito e seu rival. O sujeito, antes usurpador, é agora o usurpado.

A terceira condição imposta ao tipo em questão é a sua fidelidade à mulher de má fama, a única que ele pode amar. E, fato curioso, mesmo que ele a traia com outras mulheres continua sendo-lhe fiel, pois a nova amada é apenas parte de uma infinita série intercambiável de objetos, “cada uma das quais sendo a exata cópia das anteriores”.²⁴⁴ Em todas as mulheres procuradas apenas uma é encontrada, a mulher comprometida e prostituta cujo primeiro modelo é a mãe. Elas não são senão reflexos do objeto materno: nova especulação.

²⁴³ FREUD, S. Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre. In: *Obras completas*. v.11. p.160.

²⁴⁴ *Ibidem*. p.161.

Finalmente, como quarta condição, esses amantes anseiam ardentemente salvar a amada de sua posição moral degradada, devolvendo-lhe a virtude. Para tanto, o matrimônio pode ser uma boa solução.

O incessante jogo especular observado nestes tipos remete-nos ao texto de Lacan sobre uma modalidade de relação em que há dois parceiros presentes, mas a relação revela-se, não como um conflito entre dois indivíduos, mas, em cada sujeito, como um conflito entre duas atitudes opostas e complementares. Cada parceiro “confunde a pátria do outro com a sua e se identifica com ele”.²⁴⁵

Seguindo o mesmo jogo especular pode-se de “um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem” chegar a “um tipo especial de homem à luz de sua escolha específica de objeto”. Eis aí o sujeito, determinado por seu objeto erótico.

A fixação infantil à mãe faz dela o arquétipo da escolha de objeto e “os traços característicos de nosso tipo, tanto suas condições de amor quanto sua conduta neste terreno, surgem efetivamente da constelação materna”.²⁴⁶

Porém, diante da presença do pai, terceiro prejudicado e prejudicial, o nosso futuro tipo heterossexual coloca-se contra o rival, pela posse da mãe, da qual não renuncia. Nesta luta, sua arma é retirada do próprio pai, passando a ser “sua própria personalidade idealizada, imaginada como adulta e elevada ao nível do pai”.²⁴⁷ Quer ser o pai e retira deste o seu tipo. Suas mulheres, entretanto, são, todas elas, posse do pai. Este é o pedágio que paga ao pai.

Quanto ao homossexual, abre mão de seu objeto erótico feminino. Não quer saber de litígio com o pai. Assume o tipo materno, posição que, em princípio, poderia parecer colocá-lo em prejuízo. Sabemos, no entanto, que o caráter afeminado de um garoto é também uma arma que transtorna o pai; mas, por paradoxal que seja, muitas vezes tranqüiliza – e mesmo alegre – a mãe oprimida que não tem mais nada a perder.

²⁴⁵ LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*. p.44.

²⁴⁶ FREUD, S. Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre. In: *Obras completas*. v.11. p.162.

²⁴⁷ *Ibidem*. p.165.

3 O caráter sexual: é possível definir o sexo?

Já vimos que, para todos nós, o primeiro sujeito é o pai e o primeiro objeto é a mãe. Pois bem, se no primeiro tempo da identificação o sujeito-canibal come seu objeto, estamos diante de um impasse. À pergunta “quem é o pai?” só cabe uma resposta: “a mãe comida”. Esse *papamama* – homemulher – é, então, um ser mítico, impossível.

Sabemos das dificuldades que a identificação primária traz para Freud. Ao dizer que é uma identificação com o pai da pré-história, ele escreve uma nota de rodapé para esclarecer que talvez “fosse mais prudente dizer ‘com os progenitores’, pois pai e mãe não são valorados como diferentes antes de se ter notícia certa sobre a diferença dos sexos, a falta de pênis”.²⁴⁸ Cita o caso de uma jovem que, depois de notar sua própria falta de pênis, passou a atribuir essa falta não a todas as mulheres, mas apenas àquelas a quem depreciava. Achava que sua mãe, valorizada, possuía um pênis. Entretanto, essas considerações sobre a jovem já não se referem à identificação primária, mas ao segundo tempo da identificação.

Portanto, a fantasia da mãe fálica ocorre num período em que o pai, portador do pênis, já interveio. De igual modo, quando falamos de identificação com a mãe ou com o pai, estamos num registro secundário. É preciso que se tome a identificação primária ao pai como um tempo direta e imediatamente equivalente à escolha primária do objeto-mãe. Ou seja, pai e mãe acoplados num e só movimento, nesse tempo *papamama*, onde não há intervalo entre sujeito e objeto, e no qual, a rigor, nada pode ser discernido, mas apenas construído e deduzido *a posteriori*.

Daí a importância das identificações secundárias, tomadas no plural, tamanha a sua diversidade. Já nos referimos a duas delas, a identificação da menina histérica e a do menino homossexual. Ambas são resultantes de uma escolha objetual que teve que ser abandonada.

²⁴⁸ FREUD, S. El yo y el ello. In: *Obras completas*. v.19. p.33.

Vimos que a identificação homossexual muda de maneira evidente o caráter sexual do menino. No entanto, ele não se transforma em mulher; trata-se de um homem com características femininas. O que está em jogo aqui é a combinação imaginária dos dois sexos.

Já na identificação histérica isto aparentemente não ocorre. Porém, tudo que o sintoma histérico demonstra é a combinação, no plano da fantasia inconsciente, dos dois sexos. Assim, a bissexualidade está presente nos dois casos. Em um, como característica sexual manifesta; em outro, como fantasia inconsciente realizada no sintoma.

Passemos agora a um outro tipo de identificação secundária, o homossexualismo feminino. Em “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” a jovem atendida por Freud, que alimentava a esperança de obter um filho do pai, tendo sido frustrada no seu amor por ele “se transformou em homem e tomou a mãe, em lugar do pai, como objeto de amor”.²⁴⁹ Tornou-se homossexual por um desafio contra o pai, adotando, diante da dama venerada, o tipo masculino de amor.

Em relação a este tipo, surpreende que Freud o destaque como aquele em que sobressaem “a humildade e a desmedida supervalorização sexual própria do amante homem, a renúncia a toda satisfação narcisista, a preferência por amar em vez de ser amado”.²⁵⁰ Este é o tipo de amor no qual a mulher amada traz a marca da mãe, tão bem descrito em “Um tipo particular de escolha de objeto feita pelo homem”. Por isso, é também aquele em que a rivalidade com o pai não foi liquidada e no qual o mandamento “amar a mulher do próximo” impera. Nele, a mulher adquire valor supremo por ser o prêmio da disputa. Ela tem valor fálico.

Não deixa de ser curioso que Freud, através da jovem homossexual, nos lance aos neuróticos obsessivos, homens que, submissos ao pai, alimentam seu desejo impossível, qual

²⁴⁹ FREUD, S. Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina (1920). In: *Obras completas*. v.18. p.151.

²⁵⁰ *Ibidem*. p.148.

seja, encontrar em cada mulher procurada aquela de quem o pai tem a posse. Estão submetidos ao desejo do pai, em que pese a sua atitude ostensivamente desafiadora.

Os quatro tipos apresentados dão sentido à discussão que Freud propõe ao final do artigo sobre a jovem homossexual, no qual subverte todas as tentativas de se estabelecer um nítido conceito de masculino e feminino, bem como qualquer pretensão no sentido de uma rígida tipologia do caráter sexual.

Em primeiro lugar o autor ressalta que a bibliografia disponível sobre a homossexualidade não distingue de modo satisfatório o problema da escolha de objeto, por um lado, e o do caráter e atitudes sexuais, por outro. Com freqüência, um dos aspectos é deduzido diretamente do outro. Para Freud, escolha de objeto e caráter sexual podem se apresentar, num sujeito, de maneira inteiramente discordante. Ouçamo-lo:

Um homem com qualidades predominantemente viris e que mostre também o tipo masculino de vida amorosa, pode, mesmo assim, ser um invertido em relação ao objeto, amar só homens e não mulheres. Um homem em cujo caráter prevaleçam de modo evidente as qualidades femininas e que se conduz no amor como uma mulher, em virtude dessa atitude feminina deveria estar destinado ao homem como objeto de amor; não obstante, apesar disso, pode ser heterossexual...²⁵¹

Estamos diante de paradoxos: o tipo masculino de vida amorosa pode ser compatível com a escolha homossexual e modo feminino de ser e amar pode predominar em homens heterossexuais. O mesmo raciocínio, diz Freud, vale para as mulheres, pois tampouco nelas caráter sexual e escolha de objeto coincidem em uma relação fixa.

Freud está à volta com o problema da sexuação e propõe três séries de caracteres: caracteres sexuais somáticos (hermafroditismo físico), caráter sexual psíquico (atitude masculina e feminina) e tipo de escolha de objeto. As três séries, segundo ele, variam com independência entre si e se apresentam, em cada indivíduo, sob múltiplas permutações. A bissexualidade é assim elevada à sua máxima potência, ultrapassando seus próprios limites.

²⁵¹ FREUD, S. Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. In: *Obras completas*. v.18. p.162.

Portanto, restam abaladas tanto a banal alternativa heterossexual (um homem masculino feito para a mulher / uma mulher feminina feita para o homem) quanto a comum alternativa homossexual (um homem feminino feito para o homem / uma mulher masculina feita para a mulher).

4 Eu me afirmo fálico

O que Freud desenvolve sobre a identificação secundária tem como objetivo demonstrar que o eu se compensa de uma perda objetal substituindo-a por uma identificação. Tal substituição “participa, em considerável medida, da conformação do eu e contribui essencialmente para produzir o que se denomina seu caráter”.²⁵² O caráter do eu seria uma sedimentação dos investimentos de objeto abandonados e traria a história destas escolhas objetais.

Porém, nem todo objeto abandonado se precipita no eu como identificação. Das escolhas eróticas de objeto abandonadas – diz Freud – o caráter de uma pessoa pode adotar algumas, mas se defender de outras. Já vimos quão complexos são os destinos do objeto no eu.

Por outro lado, a transposição de uma escolha erótica de objeto em uma alteração do eu permite ao eu dominar o isso e aprofundar seus vínculos eróticos com ele. Ganhando os traços do objeto o eu “impõe-se ao isso como objeto de amor e busca reparar a perda do isso”.²⁵³ O eu, que antes supúnhamos empenhado em ser o sujeito da identificação, agora se oferece ao isso como objeto da pulsão.

Freud, em “A decomposição da personalidade psíquica”, formula uma pergunta: “Se o eu é, com certeza, o sujeito mais genuíno, como poderia se tornar objeto?”.²⁵⁴ A resposta é fornecida com um termo, *Spaltung*. O eu sempre foi, para Freud, produto da divisão; mesmo

²⁵² FREUD, S. El yo y el ello. In: *Obras completas*. v.19 . p.30-31.

²⁵³ Ibidem. p.32.

²⁵⁴ FREUD, S. La descomposición de la personalidad psíquica. In: *Obras completas*. v.22. p.54.

que ele se pronuncie como sujeito indiviso, ao se pronunciar “eu” ele já se faz objeto de seu discurso.

A tríplice divisão da personalidade em um *eu*, um *isso* e um *supereu* aparentemente foi feita para representar a estrutura do aparelho psíquico. Seu alcance, no entanto, é muito maior e mostra, sobretudo, o jogo pulsional estabelecido entre as três instâncias. O eu se revela, em sua *passividade*, largado à influência pulsional do *isso* – por um lado – e do *supereu* – por outro. É compreensível que, a partir daí, ele se rebele e proteste.

Se, como vimos, o menino se apodera do pai por identificação e elege a mãe como objeto erótico, a intervenção do pai no complexo de Édipo, interditando o filho, precipitaria no menino uma identificação feminina, a identificação com o objeto abandonado. Este não seria, segundo Freud, o resultado normal do complexo de Édipo, do qual o menino deveria sair identificado ao pai.

Por outro lado, sair do Édipo identificado ao pai nem sempre significa um resultado normal pois, muitas vezes, o menino leva do complexo de Édipo uma dívida impagável sob a forma de um supereu atormentador. Este, freqüentemente, é o preço pago pelo obsessivo, pela sua identificação ao pai. Portanto, a resolução do Édipo é uma questão problemática. As possibilidades são várias. Às vezes, é preciso que se faça até mesmo um pacto com o diabo.

Em “Uma neurose demoníaca no século XVII” Freud se refere a um destino edípico inusitado. Trata-se do pintor Christoph Haizmann, cujo pai é figurado pelo demônio portando dois grandes pares de seios femininos.

Representação tão insólita conduz Freud a supor que aquilo contra o que Haizmann se rebela diz respeito à sua atitude feminina para com o pai. A partida do pai em certa época e seu anseio por ele reativam no pintor uma fantasia recalcada de gravidez, da qual Haizmann se defende através da neurose e da degradação do pai. Esta atitude feminina inicial sofre recalçamento quando o garotinho compreende que competir com a mãe pelo amor do pai traz

como condição a castração, ou seja, ter que renunciar ao próprio órgão genital masculino. Perante a revolta diante da castração, ele produz uma fantasia oposta, a de castrar o próprio pai – diz Freud – fazê-lo mulher.

Freud chama a atenção para o fato de que, entre tudo o que a psicanálise observou sobre a vida sexual do menino, “nada soará tão chocante e inacreditável para o adulto normal como a atitude feminina do menino para com o pai”.²⁵⁵

A partir deste ponto ele retoma seu debate com Adler sobre o protesto masculino. Este protesto, como vimos, é uma formação de caráter, que pode se manifestar como formação reativa. Como tal, não deixa de ser importante uma vez que, segundo Freud, ele vem à luz como resistência vigorosa na análise de homens neuróticos. Assim, o achado adleriano é da máxima valia para Freud, pois constata-se nele incidências clínicas inegáveis.

O problema é que Adler coloca o protesto masculino no centro da sua teoria das neuroses, como se toda neurose fosse simplesmente um esforço em direção à linha masculina. Para ele o feminino é uma negatividade. Já Freud, ao conceber a neurose como um conflito entre duas tendências contrárias, a masculina e a feminina, não prioriza o masculino, em detrimento do feminino.

A teoria adleriana do protesto masculino guarda, no entanto, um valor primordial. Ao fazer uma correspondência e um reducionismo entre o fálico e o masculino, Adler não expressa senão aquilo que, em uma época da vida, se teoriza como masculino, ou seja, aquilo que diz respeito à posse do falo.

Sabe-se que a polaridade masculino-feminino não está presente na criança – seja ela homem ou mulher – desde o começo. Freud, em “A organização genital infantil”, concebe quatro modalidades de oposição sexual.

²⁵⁵ FREUD, S. Una neurosis demoníaca en el siglo XVII. (1923[1922]). In: *Obras completas*. v.19. p.92.

A primeira, introduzida pela escolha de objeto, se dá entre *sujeito* e *objeto*. A segunda, característica do estágio sádico-anal é uma antítese *ativo-passivo*. Num terceiro estágio, fálico, existe algo masculino, mas não algo feminino; a oposição se dá entre *genital masculino* e *castrado*. Finalmente, só após a puberdade é possível encontrar-se a polaridade masculino-feminino. Nela – diz Freud – o sujeito, a atividade e a posse do pênis remetem retroativamente ao *masculino* e o objeto, a passividade e a vagina valorizada como albergue do pênis remetem ao *feminino*. A vagina “recebe a herança do ventre materno”.²⁵⁶

A importância dessas considerações reside no fato de que, com elas, Freud faz uma distinção entre o fálico e o genital. A primazia fálica reconhece como único órgão sexual o pênis, fazendo corresponder o masculino ao não-castrado e o feminino ao castrado. Portanto, neste registro, o feminino é depreciado, desmentido e, até mesmo, considerado inexistente.

Já no plano genital pode-se dizer que não há sentido em se fazer o contraste castrado/não-castrado. Masculino e feminino são, aqui, funções sexuais incomparáveis e, por isso, não passíveis de serem submetidas a qualquer julgamento de valor. Sujeito-atividade-posse do pênis não predominam sobre objeto-passividade-vagina como receptáculo; pelo contrário, cada umas das tríades tem seu lugar no exercício da função sexual.

Portanto, a alternativa castrado/não-castrado é essencialmente uma categoria fálica e, como tal, valorativa. Nivelando-se pelo falo, desconsidera a radical diferença sexual, dada pelo masculino-feminino. Não sem razão, Freud observa que “*só se pode apreciar corretamente a significatividade do complexo de castração se, ao mesmo tempo, se leva em conta a sua origem na fase do primado do falo*”.²⁵⁷

A partir desta marcação pode-se dizer que a castração é fundamentalmente da ordem do registro fálico, sendo que, no registro genital, este conceito se torna supérfluo. Isto porque no registro genital o contraste se faz entre masculino-feminino e não entre castrado/não-castrado.

²⁵⁶ FREUD, S. La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad) (1923). In: *Obras completas*. v.19. p.149.

²⁵⁷ Ibidem. p.147. (Destaques do autor).

Algumas formulações podem ser feitas a partir de “A organização genital infantil”:

1 A teoria de Adler, ao comparar masculino-superior-para cima com feminino-inferior-para baixo, apóia-se no registro fálico, desconsiderando a genitalidade. Seu protesto “masculino” é, na verdade, um protesto fálico. No plano genital não há necessidade de protesto, seja ele masculino ou feminino. Com isso, diremos também que todo protesto, mesmo que “feminino” (melhor dizendo, feminista) é igualmente fálico.

2 Ao fazer a distinção entre o fálico – onde só há um órgão sexual, o pênis – e o genital – a presença do masculino e do feminino no exercício da função sexual – Freud delimita dois tempos para a sexualidade: um período infantil (fálico) e um tempo que chega “só depois”, com a maturação sexual. Estes tempos estão, em teoria, divorciados pelo período de latência mas, na prática, podem se debruçar um sobre o outro.

3 A maturação sexual biológica não garante, em absoluto, o acesso à genitalidade. Tal fato pode ser verificado nas atividades sexuais ditas pré-genitais de adultos, mas, lamentavelmente, passa despercebido nas relações sexuais com fins de reprodução. As últimas, por poderem resultar em procriação, geralmente são consideradas genitais; no entanto, muitas vezes, o que predomina nelas é o registro fálico.

4 O problema da delimitação entre fálico e genital seria bem solucionado caso partíssemos do pressuposto de que o adulto, tendo chegado à maturidade sexual orgânica, estaria apto para o exercício da genitalidade, ou seja, para a função geratriz. Contudo, mesmo que, de fato, possa exercê-la, o sujeito transporta para a vida adulta a sua sexualidade infantil, desconsiderando freqüentemente o registro genital e a radical diferença masculino-feminino, em favor de uma mera afirmação fálica.

Daí a ambigüidade do texto freudiano quando se ressalta que

... no apogeu do processo de desenvolvimento da sexualidade infantil o interesse pelos genitais, bem como a atividade genital, ganham uma significatividade dominante, que está pouco aquém da sexualidade da idade madura. O caráter principal dessa “organização genital infantil” é, ao mesmo

tempo, sua diferença em relação à organização genital definitiva no adulto. Consiste em que, para ambos os sexos, só desempenha algum papel um *genital*, o masculino. Portanto, não há um primado genital, mas sim um primado do *falo*.²⁵⁸

Tamanha ambigüidade levou a mal-entendidos. Muitos analistas, particularmente aqueles ligados a *ego-psychology*, concebem o genital como ligado à plenitude, à harmonização e à maturidade. Para Otto Fenichel o caráter genital diz respeito à capacidade de alcançar a satisfação total pelo orgasmo e nele se destaca “o pleno desenvolvimento do amor (e do ódio), ou seja, a superação da ambivalência”.²⁵⁹

Pensamos que, se Freud, em “A organização genital infantil”, faz “uma interpolação na teoria da sexualidade”, é para marcar – de modo ambíguo – uma diferença radical.

Lacan parece tê-la percebido bem quando diz que “é pela simbolização a que é submetida, como uma exigência essencial, a realização genital – que o homem se viriliza, que a mulher aceita verdadeiramente sua função feminina”.²⁶⁰

Já na fase fálica, conforme Lacan, “não existe realização do macho e da fêmea, existe aquele que é provido do atributo fálico e aquele que é desprovido, e ser desprovido dele é considerado como equivalente a ser castrado”.²⁶¹

Talvez o mais importante a ser considerado no registro fálico não seja o fato de os homens se situarem como não-castrados – por terem um pênis – e atribuírem à mulher a condição de castrada, por não tê-lo. O fundamental neste registro é que os homens *dotam* a mulher de um falo. Isto pode ser verificado em “Fetichismo”, em que Freud mostra-se de uma sutileza exemplar. Acompanhem-lo:

Se agora comunico que o fetiche é um substituto do pênis, sem dúvida provocarei desilusão. Por isso me apresso, a acrescentar que não é um substituto de um qualquer, mas de um pênis determinado, muito particular, que teve grande significatividade na primeira infância, porém foi perdido

²⁵⁸ FREUD, S. La organización genital infantil. In: *Obras completas*. v.19. p.146. (Destques do autor).

²⁵⁹ FENICHEL, O. *Teoria psicanalítica das neuroses*. p.460.

²⁶⁰ LACAN, J. As psicoses. In: *O seminário*: livro 3. p.203.

²⁶¹ _____. A relação de objeto. In: *O seminário*: livro 4. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p.96.

mais tarde [...] Para dizê-lo com maior clareza: o fetiche é o substituto do falo da mulher (da mãe).²⁶²

Em seguida, ao considerar que talvez a nenhum homem seja poupado o terror à castração diante dos genitais femininos, ele faz uma pergunta: “Por que apenas alguns, em consequência dessa impressão, se tornam homossexuais, outros se defendem dela criando um fetiche, sendo que a imensa maioria dos homens a supera?”²⁶³

A resposta vem no último parágrafo do texto, na forma de um enunciado atordoante: “O modelo normal do fetiche é o pênis do homem, bem como esse órgão inferior, o pequeno pênis real da mulher, o clitóris”.²⁶⁴

Ou seja, a “superação” do terror à castração, na maioria dos homens, ocorre por uma dupla via de afirmação fálica: tomar, por um lado, seu próprio pênis como um fetiche e, por outro lado, garantir que a mulher também o tem, apesar de que – isso é um alívio – em menor tamanho. Estamos longe do registro genital. Fica confirmada, no adulto normal, a primazia do falo.

Não deixa de ser curioso Freud afirmar que o próprio pênis do homem pode funcionar como um fetiche. Isto, contudo, é confirmado no dia-a-dia, através de múltiplos recursos. O homem freqüentemente se crê no comando pelo fato de “tê-lo” e fará tudo para prová-lo, mesmo que tema perdê-lo.

Talvez o recurso mais inusitado do qual o homem lança mão diante do temor à castração esteja descrito na pequena jóia “A cabeça de Medusa”. Diante da visão da cabeça cortada de Medusa o homem, horrorizado, se petrifica. O petrificar-se, porém, “significa a ereção e na Situação original é, portanto, o consolo daquele que mira. É que ele possui, não obstante, o

²⁶² FREUD, S. Fetichismo (1927). In: *Obras completas*. v.21. p.147-148.

²⁶³ Ibidem. p.149.

²⁶⁴ Ibidem. p.152. OBS: Na versão da edição *standard* brasileira lemos: “o protótipo normal dos fetiches é um pênis de homem, assim como o protótipo normal dos órgãos inferiores é o pequeno pênis real de uma mulher, o clitóris”. Tal tradução vai contra o sentido do texto alemão, que marca que tanto o pênis do homem como o clitóris da mulher são modelos do fetiche. (Ver: Freud, S. Fetischismus. In: *Gesammelte Werke*. p.317. v.XIV).

pênis e o assegura por sua petrificação”.²⁶⁵

5 Do recalçamento do Édipo ao seu naufrágio: a passagem do fálico ao genital²⁶⁶

Como se sabe, a organização sexual infantil, caracterizada pelo primado do falo, é contemporânea do complexo de Édipo. Porém, diante da ameaça de castração e no interesse narcísico de preservação do seu órgão genital, o menino abandona seus investimentos libidinais parentais e seu complexo edípico é sepultado.

Tenderíamos a pensar que o processo que ocasiona a liquidação do complexo de Édipo ocorre devido ao recalque. Mas, se o eu “não conseguiu efetivamente muito mais que um recalque do complexo, este subsistirá inconsciente no isso e mais tarde exteriorizará seu efeito patogênico”.²⁶⁷ Ele deve ser destruído.

Julgamos que a passagem do recalçamento do complexo de Édipo para a sua destruição é correlativa ao salto do fálico ao genital. Em outros termos, o recalçamento do complexo, diante da ameaça de castração, visa à preservação do interesse narcísico do menino, ou seja, para preservar seu falo, ele faz, através do recalque, uma fuga do complexo, mas não uma renúncia. Afasta-se dos objetos parentais sem, contudo, desligar-se libidinalmente destes. Prova disso é que, freqüentemente, após este afastamento, o menino se isola entregando-se às atividades masturbatórias e fantasias incestuosas, como tentativa de compensar esse afastamento.

Pode-se então afirmar que o recalque deixa intocado o narcisismo ou, para ser mais preciso, ele está a serviço da manutenção do gozo narcísico, portanto fálico. Parece-nos que Freud, ao se referir à destruição do complexo de Édipo, propõe-nos pensar algo para além do recalque, algo da ordem de um esvaziamento de gozo.

²⁶⁵ FREUD, S. La cabeza de Medusa. (1940[1922]). In: *Obras completas*. v.18. p.270.

²⁶⁶ Neste tópico retomamos alguns pontos explorados em nossa dissertação de mestrado.

²⁶⁷ FREUD, S. El sepultamiento del complejo de Edipo (1924). In: *Obras completas*. v.19. p.185.

Deve-se notar que, logo após colocar em discussão o contraste entre recalque e destruição do complexo edípico, Freud, que até então falava dos destinos do complexo no menino, passa a discorrer sobre a organização fálica e o complexo de castração na menina.

Diante da constatação da presença do pênis no menino e de sua ausência nela, a menina sente-se prejudicada e inferiorizada. Ela “não compreende sua falta atual como um *caráter sexual*”,²⁶⁸ mas imagina que antes possuiu um pênis e o perdeu por castração. Ou seja, como o menino, ela também desconhece a diferença radical masculino-feminino, reduzindo a partilha sexual entre aqueles que têm e aqueles que não têm o falo. Assim, durante a fase fálica, a feminilidade, também para a menina, é uma negatividade.

Durante o estágio fálico da libido, a castração se impõe para a menina, desprovida do pênis, como um fato consumado e para o menino, detentor do pênis, como uma possibilidade de consumação. Daí termos complexo de castração e inveja do pênis na menina e angústia de castração no menino.

É importante ressaltar que a etapa fálica da criança caracteriza-se por uma intensa atividade auto-erótica centrada nos genitais e que a castração relaciona-se à punição (já consumada na menina e ameaçada no menino) contra esta atividade. A destruição do complexo de Édipo implica no abandono do auto-erotismo, portanto na renúncia pulsional, entrando a criança num tempo de espera, a latência, que posteriormente conduzirá à genitalidade.

O recalque do complexo mantém operante a fase fálica, trazendo conseqüências na vida sexual do adulto. Delas, a mais importante no homem é a persistência do sentimento de culpa. Mas Freud refere-se também a dois outros resultados, quais sejam, o horror à mulher enquanto criatura mutilada, no caso do homossexualismo, ou o menosprezo triunfante em relação a ela.

²⁶⁸ FREUD, S. El sepultamiento del complejo de Edipo (1924). In: *Obras completas*. v.19. p.186. (Destques do autor).

Por outro lado, na mulher, os efeitos da fase fálica podem se manifestar, primeiro, como esperança inarredável de um dia obter um pênis para se igualar ao homem; em segundo lugar, no firme rechaço em aceitar o fato de sua castração, onde a mulher aferra-se à convicção de realmente possuir um pênis.

Por fim, uma terceira possibilidade é a mulher insistir na sua ferida narcísica e aferrar-se a um sentimento de inferioridade irremovível que, quando generalizado para todas as outras mulheres, leva à depreciação da mulher como um ser mutilado e inferior. Ela passa a valorizar apenas o homem, tomando sempre partido dele; em suma, faz um verdadeiro protesto masculino, às avessas.

Neste ponto, Freud rende homenagem a Adler, dizendo ser este “o núcleo de verdade”²⁶⁹ de sua doutrina. Denuncia, contudo, os dois pontos fracos de sua teoria: fazer do protesto masculino a explicação de todo o universo, bem como desprezar a sexualidade em favor do afã de poder.

Porém, o valor máximo da crítica de Freud se refere à castração. Se alguns analistas negam a existência de qualquer complexo de castração, Adler toma o feminino como o sexo inferior, portanto castrado, e o protesto masculino como a reação universal à inferioridade. As duas visões, observa Freud, “resultam num interessante par de opostos: na primeira, nenhum traço de um complexo de castração; na última nada mais que as conseqüências dele”.²⁷⁰

Desta observação concluímos que Freud estaria alertando-nos para dois aspectos aparentemente contraditórios: por um lado, jamais devemos negar importância à castração – na medida em que ela é tributária da fase fálica infantil, da qual nenhum ser humano escapa; por outro, no plano do registro genital, onde não existe prerrogativa de um sexo sobre o outro, não há qualquer sentido em se referir à castração.

²⁶⁹ FREUD, S. Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos (1925). In: *Obras completas*. v.19. p.272.

²⁷⁰ Ibidem.

Isto nos evoca a observação de Freud de que “no caso normal – melhor dizendo: no caso ideal – já não subsiste mais no inconsciente *nenhum complexo de Édipo*, o supereu tornou-se seu herdeiro”.²⁷¹

A destruição do complexo edípico é correlata à sua dessexualização, da qual brota, não uma moral sexual “civilizada”, mas uma ética em que o supereu funciona como ponto de suspensão do gozo e não mais como imperativo de gozo.

É através de seu artigo “O humor” que Freud nos mostra uma outra faceta do supereu. Um supereu, sem dúvida, herdeiro do agente paterno, mas não um severo senhor. Freud assinala que “se é de fato o supereu que, no humor, fala de maneira tão carinhosa e consoladora para o eu amedrontado, isso nos adverte que ainda temos muito que aprender sobre a essência do supereu.”²⁷²

Através do humor, diz Freud, o sujeito pode tratar-se a si mesmo como criança e simultaneamente desempenhar perante esta criança o papel de um adulto superior. E mesmo se mediante o humor, “o supereu quer consolar o eu e colocá-lo a salvo do sofrimento, isso não contradiz sua descendência da instância parental”.²⁷³

Assim, o delinqüente, diante das agruras do mundo, pode dizer para si mesmo, ao se dirigir ao cadafalso numa segunda-feira: “Eis aí, a semana começa muito bem!”.²⁷⁴ Isto, que poderia parecer um simples cinismo, leva-nos, contudo, ao próximo capítulo.

²⁷¹ FREUD, S. Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos (1925). In: *Obras completas*. v.19. p.275. (Destaque nosso).

²⁷² *Ibidem*. El humor (1927). In: *Obras completas*. v.21. p.162.

²⁷³ *Ibidem*.

²⁷⁴ *Ibidem*. p.157.

CAPÍTULO V

CARÁTER E GOZO

Em “Alguns tipos de caráter elucidados pelo trabalho analítico” Freud afirma que quando tomamos um neurótico em tratamento não dirigimos primeiramente nossa atenção para o seu caráter; interessa-nos muito mais descobrir o significado de seus sintomas e as suas conexões com as moções pulsionais ocultas. Porém, quando nossas investigações esbarram nas resistências do paciente, resistências que podemos imputar ao seu *caráter*, este passa ao primeiro plano de nosso interesse.

Desperta a atenção de Freud o fato de que aquilo que se mostra mais renuente ao tratamento nem sempre são os traços de caráter que o sujeito confessa ou que lhe são atribuídos pelas pessoas que o rodeiam, mas aqueles dos quais sequer se suspeita.

1 Três modos de gozo

Partindo da premissa de que o trabalho analítico exige de todos uma renúncia ao ganho fácil e imediato de prazer, Freud passa a descrever três tipos de caráter encontrados em análise.

O primeiro tipo é constituído pelas exceções. São sujeitos que dizem que já sofreram privação demasiada e que agora merecem ser ressarcidos. O que chama a atenção é que todos

estes neuróticos relatam um acontecimento infantil no qual foram as vítimas injustiçadas, atribuindo a essa ocorrência a origem de sua neurose.

Ora, não é isso que observamos cotidianamente na clínica da histeria? A novidade é Freud destacar aí um traço de caráter que trava o trabalho analítico. Esses sujeitos não se dispõem a fazer qualquer sacrifício e teimam em manter, na análise, a sua posição de prejudicados. Segundo eles, são exceções e pretendem obter privilégios, devido aos danos sofridos. Os argumentos do analista nada conseguem diante dessa convicção.

O texto vai adquirindo conotações embaraçosas a partir de três aspectos levantados por Freud. Primeiro evoca Ricardo III, de Shakespeare, que, mal aquinhoado pela natureza, exige reparação por sua deformidade física. Já que a ele foi feito um mal, sente-se no direito de cometer todos os excessos, chegando mesmo ao assassinato.

Mas Freud nos conduz mais longe, ao tomar a conduta de Ricardo III como um *protótipo universal*: todos nós exigimos total ressarcimento pelas afrontas precoces causadas ao nosso narcisismo e tal exigência torna-se tanto maior quanto menos admitimos a nossa participação em tais prejuízos.

Outro ponto inquietante é a analogia que o autor faz entre a deformação do caráter, resultante de um dano causado na infância, e o comportamento de povos inteiros, que se apegam a um passado de graves sofrimentos e injustiças. Fazendo do prejuízo sua bandeira, arrogam-se o direito a todas as transgressões e violências.

Por fim, encerra seu estudo das “exceções” tocando num tema dos mais delicados, a pretensão das mulheres em obter privilégios e serem dispensadas dos incômodos da vida. Segundo ele, “as mulheres se consideram danificadas na infância, cerceadas de um pedaço e humilhadas, sem que tivessem nisso qualquer culpa”.²⁷⁵ O autor remonta a amargura de tantas

²⁷⁵ FREUD, S. Algunos tipos de carácter dilucidados por el trabajo psicoanalítico (1916). In: *Obras completas*. v.14. p.322.

filhas contra sua mãe à censura àquela, por terem sido trazidas ao mundo como mulheres e não como homens.

Freud passa em seguida à consideração de um segundo tipo caraterológico, os “fracassados pelo êxito”, mas não sem antes fazer um sutil deslizamento. Tendo considerado “as exceções” como neuroses resultantes de um prejuízo sofrido, introduz uma outra variante destacando, de maneira absolutamente ambígua, que “a privação [*Entbehrung*], a frustração [*Versagung*] de uma satisfação real, converte-se na primeira condição da gênese da neurose, ainda que esteja longe de ser a única”.²⁷⁶

A neurose é tomada agora como conseqüência da frustração (recusa, desistência) da satisfação libidinal. O sujeito se priva dessa satisfação, uma vez que há um conflito entre seus desejos libidinais e “aquela parte de seu ser que chamamos seu ‘eu’ ”.²⁷⁷

O fato surpreendente é que os “fracassados pelo êxito” caem enfermos justo quando um desejo, há muito tempo acalentado, finalmente pode ser realizado.

É o caso da jovem mulher que, bem-nascida, foge de casa e se entrega a toda sorte de desregramentos e aventuras, até que passa a ter um relacionamento estável com um amante, do qual vem a ser a fiel companheira. Porém, quando este lhe propõe uma reabilitação social, ou seja, o casamento, ela se furta à oferta arruinando toda a estabilidade até então conseguida e caindo doente.

Freud cita ainda a situação do professor universitário que por anos desejou ocupar o lugar de seu mestre. Quando este se aposenta e seus colegas o elegem sucessor do mestre, ele se declara incapaz e indigno, sucumbindo numa melancolia.

²⁷⁶ FREUD, S. Algunos tipos de carácter dilucidados por el trabajo psicoanalítico (1916). In: *Obras completas*. v.14. p.323. OBS: *Entbehrung* é privação. Já *Versagung* é traduzido por *frustração*. Deve-se notar, contudo, que *versagen* significa: negar, recusar; privar-se de algo, desistir de algo; ter outro compromisso; falhar, não funcionar, fraquejar. No dicionário *Langenscheidts* não aparece o termo *frustrar*. Talvez se possa traduzir a passagem citada por: “A privação, o recusar-se uma satisfação real, converte-se...” (Ver: FREUD, S. Einige Charaktertypen aus der psychoanalytischen Arbeit. In: *Gesammelte Werke*. v.X. p.370).

²⁷⁷ Ibidem.

Nos dois casos “a doença segue de perto a realização de desejo e aniquila o gozo do mesmo”.²⁷⁸ São os poderes da consciência moral os que proíbem ao sujeito esta fruição do desejo.

Não por acaso Freud refere-se a Lady Macbeth, de Shakespeare, que também sucumbe ao atingir o triunfo pelo qual tanto lutou, não tendo poupado, para tanto, condutas criminosas. Quando finalmente se torna rainha – e já não teria que prestar contas a ninguém – ela se desilude e é invadida pelo remorso e pela consciência de culpa.

Shakespeare, em “Macbeth” – diz Freud –, “parte um carácter em dois personagens, cada um dos quais [...] parece ficar incompleto até que se possa recompô-lo em unidade com o outro”.²⁷⁹ Assim, a mudança operada em Lady Macbeth só pode ser compreendida a partir de seu outro complementar, o marido. Após o crime, do qual participam os dois, ela assume toda a culpa e Macbeth, o rei, se tranqüiliza. Enquanto ele dorme, ela, sonâmbula, delata sua própria culpa. Assim, os dois, “como duas partes desunidas de uma única individualidade psíquica e, talvez, cópias de um só modelo”,²⁸⁰ esgotam, juntos, todas as possibilidades de reação ao crime.

A partir daí pode-se dizer também que dos dois tipos de carácter apresentados, um – as “exceções” – é o complemento do outro, os “fracassados pelo êxito”. No primeiro, o crime fica inteiramente referendado pela injustiça sofrida pelo sujeito e o dano a ser ressarcido justifica qualquer transgressão à lei. No segundo, o sujeito, justamente quando é vitorioso em seus propósitos, abstém-se de gozá-los. Isso nos coloca diante de um contra-senso, que Freud só pode esclarecer recorrendo a uma personagem de Ibsen, Rebecca Gamvik.

²⁷⁸ FREUD, S. Algunos tipos de carácter dilucidados por el trabajo psicoanalítico. In: *Obras completas*.v.14. p.324. OBS: Os termos usados aqui são, primeiramente, *Wunsch-erfüllung* (realização de desejo) e, depois, *Genuß* (gozo). (Ver: FREUD, S. Einige Charakertypen aus der psychoanalytischen Arbeit. In: *Gesammelte Werke*. v.X. p.371).

²⁷⁹ Ibidem. p.330.

²⁸⁰ Ibidem. p.331.

Criada pelo pai adotivo, Rebecca, que tivera uma educação licenciosa, vai trabalhar para um casal de tradicionais beatos após a morte do pai. Apaixonada pelo patrão consegue, através de ardis, eliminar a patroa, que comete suicídio.

Rebecca passa, então, a viver sozinha com o devoto patrão, numa amizade puramente espiritual. Logo que surgem as primeiras bisbilhotices em torno da situação, este lhe propõe casamento e ela, surpreendentemente, recusa.

Agora que toda a felicidade lhe é oferecida ela está mudada; sua consciência moral fora despertada e é tomada por uma culpa, “que lhe denega o gozo”.²⁸¹ Sua vontade, antes ousada e livre, foi paralisada pelo ambiente respeitável que a cercava e que a tornou – diz Freud – serva de leis que antes não tinham qualquer poder sobre ela. Confessa seu plano criminoso, que culminou na indução do suicídio da patroa; seu patrão a perdoa mas ela se recusa o perdão, não tanto pelo que tinha feito à patroa, mas porque considerava ter tido um passado indigno.

Sua reação torna-se incompreensível não fora pelo fato de um reitor amigo da família ter lhe revelado ser ela uma bastarda, filha natural do próprio homem que a adotou após a morte de sua mãe e de quem se tornara amante. Assim, o crime incestuoso do passado a conduz, sem que ela o saiba, a interditar seu gozo na situação presente.

Portanto, é devido a um delito inconsciente do passado e não ao crime do presente (o ardil contra a patroa) que Rebecca se recusa a felicidade ao lado do patrão amado e parte. Deixamos, entretanto, uma lição: é pelo sacrifício da felicidade que lhe é oferecida que ela, reconciliando-se com o seu passado criminoso, encontra a lei.

²⁸¹ FREUD, S. Algunos tipos de carácter dilucidados por el trabajo psicoanalítico. In: *Obras completas*. v.14. p.332. OBS: *Genuß*, no original alemão. (Ver: FREUD, S. Einige Charaktertypen aus der psychoanalytischen Arbeit. In: *Gesammelte Werke*. v.X. p.382).

Posto isso, passemos ao terceiro tipo de caráter encontrado por Freud em análises, “os criminosos por sentimento de culpa”. Ressalta ele que, com muita frequência, analisantes adultos *muito decentes* lhe informavam sobre delitos (roubos, fraudes, até mesmo incêndios criminosos) cometidos na infância ou adolescência e dos quais se sentiam culpados. Mas o que o surpreende é que alguns desses analisantes cometiam tais delitos já adultos e durante o tratamento analítico.

A explicação que Freud fornece para essa situação é desconcertante: estes crimes eram praticados principalmente porque eram proibidos e sua execução trazia alívio. O sujeito, longe de se culpar pelo delito cometido, sentia-se, pelo contrário, aliviado de um sentimento de culpa que lhe oprimia, mas do qual não sabia a causa.

Freud se pergunta sobre a origem desse obscuro sentimento de culpa, anterior à ação criminosa, sugerindo a inquietante hipótese de que sobre esta base pode se assentar a motivação do crime humano *em geral*. Remonta esta culpa atávica ao complexo de Édipo, que encerra os dois crimes essenciais da humanidade, quais sejam, matar o pai e ter relações sexuais com a mãe. Todos os outros delitos seriam, digamos, menores. Pode-se afirmar que executá-los implicaria em deixar de efetivar os dois crimes fundamentais, daí o alívio.

Assim, estes atos delituosos – que agora chamaremos “menores”, mesmo que sejam assassinatos – cumprem duas funções. Por um lado, como substitutos, impedem a realização do crime parental, na medida em que tomam para si a energia que estaria destinada ao crime magno. Por outro, se a sua realização traz como consequência o castigo, o sujeito pode encontrar alívio e paz nesse acerto de contas.

Formulemos, então, que para os criminosos que reconhecem seus delitos e se submetem à punição pode haver possibilidade de retificação subjetiva. Com muito acerto, Freud observa que aqueles para os quais as medidas punitivas foram realmente criadas – e nós acrescentamos, aqueles que costumamos situar claramente como criminosos a serem punidos,

ou seja, os nossos bodes expiatórios – para eles, a motivação criminosa a partir do sentimento inconsciente de culpa deve ser levada em conta.

Entretanto, existem os criminosos – e não são poucos – que, sem qualquer sentimento de culpa, “acreditam-se, em sua luta contra a sociedade, justificados em seus atos”.²⁸² Para estes, pensamos nós, a possibilidade de retificação subjetiva é escassa. A referência de Freud a Nietzsche é preciosa. Estes poderiam ser “criminosos pálidos”, limpos, e que, do alto de seus “colarinhos brancos”, racionalizam e antecipam seus crimes apelando para os prejuízos que sofreram ou que poderiam vir a sofrer.

Vale lembrar o estudo de Jacques-Alain Miller sobre os tipos de caráter descritos por Freud. São tipos complementares, que se justapõem e que representam diferentes posições subjetivas em relação ao gozo. As “exceções” reivindicam, segundo este autor, o “direito imprescritível ao gozo”,²⁸³ neste sentido, recusam sacrificar-se à castração. Inversamente, os “fracassados pelo êxito” são regidos pelo mandato “*não tens direito a gozar*”.²⁸⁴ Já nos “criminosos por sentimento de culpa” há um gozo impossível de suportar, que é aliviado com a execução do delito e a consecução da pena.

Miller localiza no terceiro tipo freudiano o “criminoso pálido” nietzschiano, aquele que prefere o castigo à má consciência e no qual “Nietzsche destaca a preexistência da consciência culpada em relação ao ato criminoso, que só intervém para racionalizar este sentimento enigmático originário”.²⁸⁵ Nós, no entanto, achamos necessário avançar nesta questão a partir mesmo da ambigüidade do texto de Freud. Ouçamo-lo:

A preexistência do sentimento de culpa e a utilização de uma ação a fim de racionalizar esse sentimento cintilam diante de nós nas máximas de Zaratustra “Sobre o criminoso pálido”. Deixemos para uma futura pesquisa a

²⁸² FREUD, S. Algunos tipos de carácter dilucidados por el trabajo psicoanalítico. In: *Obras completas*.v.14. p.339.

²⁸³ MILLER, J-A . *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. p.121. (Tradução nossa).

²⁸⁴ Ibidem. p.123. (Destaques do autor).

²⁸⁵ Ibidem. p.124. (Tradução nossa).

decisão quanto ao número de criminosos que devem ser incluídos entre esses “pálidos”.²⁸⁶

Note-se que Freud se refere à “utilização de uma ação” (*Verwendung der Tat*)²⁸⁷ com o intuito de racionalizar o sentimento de culpa. Ora, essa ação pode ser vista sob duas perspectivas: a ação do criminoso, mas também a ação criminal contra o infrator.²⁸⁸ Daí Freud deixar em suspensão a localização dos criminosos pálidos. Estariam eles entre os infratores ou entre os reclamantes, ou ainda, os legisladores, os juízes e os executores da lei? É importante ressaltar que Nietzsche, ao falar do criminoso pálido, interpela *os juízes*, representantes da lei:

“Vós, juízes e sacrificadores, não quereis matar enquanto a besta não haja inclinado a cabeça? Vede: o pálido delinqüente inclinou a cabeça; em seus olhos fala o supremo desprezo [...] Assim falam os olhos dele. O seu momento maior foi aquele em que a si mesmo se julgou. [...] Para aquele que tanto sofre por si, só há salvação na morte rápida. [...] O vosso homicídio, ó juízes, deve ser compaixão e não vingança. E, ao matar, tratai de justificar a própria vida [...] E tu, vermelho juiz, se disseses em voz alta o que fizeste já em pensamento, toda a gente gritaria: Abaixo essa imundície e esse verme venenoso! [...] Uma imagem fez empalidecer esse homem pálido. Ele estava à altura do seu ato quando o realizou, mas não suportou a sua imagem depois de o ter consumado [...] E agora pesa sobre ele o chumbo do seu crime; mas a sua pobre razão está tão paralisada, tão torpe! [...] Mas isto, [juízes], não quer entrar nos vossos ouvidos; prejudica, dizeis, os vossos bons; mas que me importam a mim os vossos bons? Nos vossos bons há muitas coisas que me repugnam, e decerto não é o seu mal. Queria que tivessem uma loucura que os levasse a sucumbir, como esse pálido criminoso [...] Eu sou um anteparo na margem do rio; aquele que puder prender-me, que o faça. Saiba-se, porém, que não sou vossa muleta”. Assim falou Zaratustra.²⁸⁹

Portanto, o “criminoso por sentimento de culpa”, pálido diante da execução da pena de morte, é o retrato cintilante – para usar o termo de Freud – que encobre uma outra criminalidade, aquela que não se deixa revelar. Esta, a “exceção” – criminoso pálido – apaga seu crime ao justificá-lo, seja pelo prejuízo sofrido, seja pela ocupação do cargo de

²⁸⁶ FREUD, S. Sobre alguns tipos de caráter encontrados no trabalho analítico. In: *Obras completas-ESB*. v. XIV. p.376-377. OBS: Optamos, nesta passagem, pela tradução da Edição *Standard* Brasileira, que julgamos mais precisa que a versão argentina (Amorrortu ed.).

²⁸⁷ Ver: FREUD, S. Einige Charaktertypen aus der psychoanalytischen Arbeit. In: *Gesammelte Werke*. v.X. p.391.

²⁸⁸ *Ação*: atuação, ato. No sentido jurídico: faculdade de invocar o poder jurisdicional do Estado para fazer valer um direito que se julga ter; meio processual pelo qual se pode reclamar à justiça o reconhecimento, a declaração, a atribuição ou a efetivação de um direito, ou, ainda, a punição de um infrator das leis penais. (Ver: FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. p.17-18).

²⁸⁹ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2003. p.43-45.

regulamentador da lei. Daí reivindicar sempre, e cada vez mais, o que Miller chama de seu direito imprescritível ao gozo.

Vale a observação de Freud sobre a simpatia ilimitada de Dostoievski pelo criminoso:

O criminoso é para ele quase um redentor que tomou sobre si a culpa que os outros deveriam ter carregado. Depois que ele já matou, ninguém mais precisa matar; é preciso então agradecer-lhe, pois do contrário ver-nos-íamos obrigados a matar. Isto não é apenas compaixão indulgente; é identificação sobre a base dos mesmos impulsos assassinos, na verdade, um narcisismo ligeiramente deslocado.²⁹⁰

Portanto, o criminoso é conveniente para a manutenção da “compaixão indulgente” da maioria bem-comportada. Por trás dela se entoca uma economia de gozo narcísica.

Não seriam os verdadeiros criminosos aqueles cujos crimes são empalidecidos pela fachada da bondade e do prejuízo e, principalmente, por aquela da lei, da qual se arrogam ser os legítimos representantes? Não poderiam ser situados aí os criminosos de colarinho branco, ditos cidadãos limpos e exemplares, bem como aqueles que, por medidas “preventivas” e a bem da paz mundial, perpetuam as práticas de terrorismo de Estado?

Um mandatário pode fazer bom uso de suas prerrogativas e se comportar, observa Freud, como os bárbaros dos tempos das invasões, “que assassinavam e, como penitência, pagavam uma multa, técnica que era um recurso que possibilitava um novo assassinato”.²⁹¹

Vale, mais uma vez, retomar o texto freudiano:

O Estado proíbe ao indivíduo valer-se da injustiça, não porque queira eliminá-la, mas porque pretende monopolizá-la, como o faz com o sal e o tabaco. O Estado beligerante se entrega a todas as injustiças e violências que desonrariam os indivíduos. Não só lança mão da astúcia permitida, como da mentira consciente e da fraude deliberada contra o inimigo...²⁹²

O Estado e seus mandatários colocam-se, assim, como exceções. A mitologia dá mostras de que o incesto é, sem dúvida, permitido aos deuses e soberanos. Este privilégio é, contudo, proibido ao ser humano comum.

²⁹⁰ FREUD, S. Dostoievski y el parricidio. In: *Obras completas*. v.21. p.187.

²⁹¹ Ibidem. p.175.

²⁹² FREUD, S. De guerra y muerte. Temas de actualidad (1915). In: *Obras completas*. v.14. p.281.

Freud se pergunta sobre a razão de a peça de Sófocles, que trata do incesto e do parricídio, não despertar indignação nos homens. É que ela os absolve da responsabilidade moral, ao colocar os deuses como os promotores do crime e demonstrar a importância dos impulsos morais dos homens, que lutam contra o crime. Nela, “a eticidade suprema seria dobrar-se à vontade dos deuses, ainda que esta ordene algo criminoso”.²⁹³

A peça, entretanto, toca o espectador em um ponto secreto, recalcado. A vontade dos deuses e do oráculo não passam, diz Freud, de disfarces exaltados de seu próprio inconsciente. Nisto consiste a verdade psicológica do drama de Édipo pois, mesmo que o homem tenha recalcado suas moções malignas e não queira responder por elas, “sofrerá forçosamente essa responsabilidade com um sentimento de culpa cujo fundamento desconhece”.²⁹⁴ Por outro lado – acrescentemos – é a partir de seu inconsciente que o homem comum, interdito, pode gozar da exceção de ser deus, do direito imprescritível ao gozo.

2 Sintoma e gozo

Como já é sabido, na neurose o eu afasta-se da moção pulsional objetável, barrando-lhe o acesso à consciência e à motilidade. O recalcado procura uma satisfação substitutiva no sintoma. A insistência desse retorno desestabiliza o eu, que tem interesse em manter o recalcado sob controle. O papel do eu é, no entanto, ambíguo.

Freud, em “Inibição, sintoma e angústia”, ressalta que, se em certas ocasiões foi preciso separar o eu do isso, deve-se considerar, contudo, que “o eu é idêntico ao isso, não é mais que uma parte especialmente diferenciada do mesmo”.²⁹⁵ Esta identidade também se aplica à relação entre o eu e o supereu.

²⁹³ FREUD, S. Desarrollo libidinal y organizaciones sexuales (1916-1917). In: *Obras completas*. v.16. p.302.

²⁹⁴ Ibidem.

²⁹⁵ FREUD, S. Inhibición, síntoma y angustia (1926 [1925]). In: *Obras completas*. v.20. p.93.

Mas, ao dizer que o eu é idêntico ao isso, Freud não está sublinhando qualquer desorganização no eu; pelo contrário, concebe-o como a parte organizada do isso e esta condição é possibilitada pelo recalque. Por um lado, o recalque marca a diferenciação entre o eu e o isso. Por outro, o recalque que retorna no eu após a operação de recalque, fica sujeito à sua organização, mas também passa a extrair dela algo para si, ampliando-se a expensas do próprio eu.

Este é o caso do sintoma, comparado por Freud a “um corpo estranho que alimenta, sem cessar, fenômenos de *estímulo* e de *reação* no tecido em que está encravado”.²⁹⁶ Em outros termos, o sintoma se nutre, por uma parte, dos estímulos pulsionais do isso e, por outra, das formações de reação do supereu.

Conforme Freud, a luta defensiva contra a moção pulsional desagradável pode ser eliminada com a formação do sintoma, caso se possa cumprir um compromisso “entre a necessidade de satisfação e a necessidade de castigo”.²⁹⁷ Atende-se, assim, tanto às exigências do isso quanto às do supereu. Mas, como o autor ressalta em “Inibição, sintoma e angústia”, a formação reativa no interior do eu, que se contrapõe à tendência pulsional que deve ser recalçada, leva, inevitavelmente, a uma alteração do eu.

É fato que o sujeito sofre com o seu sintoma. Mas, para além desta evidência, o que Freud destaca é que o sintoma ganha um valor para auto-afirmação do eu, tornando-se indispensável para este. O eu se comporta como se estivesse guiado pela seguinte consideração: “O sintoma já está aí e não pode ser eliminado; resta concordar com a situação e tirar dela a máxima vantagem possível. Ocorre uma adaptação ao fragmento do mundo interior que é alheio ao eu e está representado pelo sintoma”.²⁹⁸

²⁹⁶FREUD, S. Inhibición, sintoma y angustia (1926 [1925]). In: *Obras completas*. v.20. p.94. (Destaques nossos).

²⁹⁷ Ibidem.

²⁹⁸ Ibidem. p.95.

Por esta razão, não é de estranhar que o sujeito resista à dissolução de sua formação sintomática, pois ela o estabiliza, o livra de sua divisão. Mas, sobretudo, deve-se considerar que, ao atender tanto ao isso quanto ao supereu, o sintoma torna-se um núcleo de gozo, que consiste em satisfações libidinais do isso, reforçadas pelas exigências agressivas do supereu através da necessidade de punição.

Isto só pode ser compreendido se levamos em conta que todo masoquismo – obtenção de prazer a partir da própria punição – é, como Freud já houvera marcado, erógeno e, portanto, suporte de recuperação de gozo.

Freud assinala que a formação de sintoma *triunfa* ao combinar satisfação e proibição, de tal modo que “a ordem ou a proibição originalmente rechaçantes adquirem também o significado de uma satisfação”.²⁹⁹ Diríamos que a proibição, que deveria ser o veículo da castração, torna-se, ela própria, aquilo que desfaz a interdição, recuperando gozo ao sujeito.

Não sem razão, Freud observa que uma luta incessante é travada contra a moção pulsional recalcada – que situaremos como o que força, indomável, no sentido da recuperação do gozo –, na qual as forças recalcadoras vão perdendo terreno, pois é a partir delas mesmas que se tentará, agora, reaver o gozo perdido quando da incidência do recalque.

Mais interessante ainda é a observação que o autor faz sobre as formas que os sintomas assumem na neurose obsessiva, as quais obtêm para o eu uma satisfação narcísica. Os sistemas montados pelos neuróticos obsessivos “afagam seu amor próprio, dando-lhes a ilusão de que eles, homens particularmente puros e escrupulosos, seriam melhores que os outros”.³⁰⁰ Observamos aqui o enlace entre sintoma e caráter. O sujeito, longe de sofrer com os seus sintomas, orgulha-se deles. Eis aí, um homem digno.

²⁹⁹ FREUD, S. Inhibición, síntoma y angustia. In: *Obras completas*. v.20. p.107.

³⁰⁰ *Ibidem*. p.95.

É oportuno recorrermos a “Moisés e o monoteísmo”. Neste texto Freud afirma que quando há uma exigência pulsional do isso, de natureza erótica ou agressiva, é natural que o eu, que tem os aparelhos cognitivo e muscular à sua disposição, satisfaça a exigência através de uma ação. Porém, se um obstáculo externo se opuser à satisfação, o resultado inevitável será o desprazer. Neste caso, a renúncia pulsional não será aceita sem transtornos.

Entretanto, uma renúncia pulsional por razões internas, ou seja, em obediência ao supereu, tem efeito econômico diferente. Junto aos efeitos desprazerosos, ela também traz ao eu um rendimento de prazer, uma satisfação substitutiva, por assim dizer. O eu “sente-se enaltecido, a renúncia pulsional o enche de orgulho como se ela fosse uma realização valiosa”.³⁰¹ Esta elevação narcísica, continua Freud, torna o sujeito merecedor do amor de seu senhor supremo, mas também o leva a pedir cada vez mais recompensa em amor.

Tal passagem nos evoca “Kant com Sade”, no qual Lacan se refere à “Crítica da razão prática”, citando Kant: “O homem só se sente *bem* no *Bem*”. Esse bem-estar só é suposto como o Bem (moral) por se propor, “a despeito de qualquer objeto que lhe imponha sua condição [...] como superior por seu valor universal”.³⁰² Ele exclui todo o padecimento do sujeito em seu interesse por um objeto. Acrescenta Lacan:

Esse Bem não age como contrapeso, mas, por assim dizer, como antipeso, isto é, pela subtração de peso que ele produz no efeito de amor-próprio (*Selbstsucht*) que o sujeito sente como satisfação (*arrogantia*) de seus prazeres, porquanto um olhar para esse Bem torna esses prazeres menos respeitáveis.³⁰³

Assim, para o moralista, fazer o bem funciona mais propriamente como antipeso, por garantir, pela via da arrogância e da presunção, a convicção de que ele não se conduziria como um criminoso e não se entregaria aos prazeres incertos trazidos pelos objetos. No entanto, como observa Lacan, o gozo extraído dessa arrogância torna esse Bem pouco respeitável.

³⁰¹ FREUD, S. Moisés y la religión monoteísta (1939 [1934-38]). In: *Obras completas*. v.23. p.113.

³⁰² LACAN, J. Kant com Sade (1963). In: *Escritos*. p.777.

³⁰³ *Ibidem*. p.778.

Por que seria esse Bem pouco respeitável? Ora, é por demais conhecido o período de imoralidade infantil na neurose obsessiva onde, junto aos propósitos eróticos, encontram-se também os destrutivos. A hipermoralidade presente nos obsessivos não passa de uma resposta – a formação reativa – à severa exigência do supereu.

Mas o que salta à vista é que, onde esperávamos encontrar apenas um sujeito atormentado pelos maus pensamentos, que se impõem com força compulsiva, aflora outro que se jacta das suas boas intenções morais. Provavelmente não haja um só obsessivo que não demonstre tal comportamento em análise. Esse bom sujeito não é tão bem-intencionado assim.

Sabemos do entrave que este tipo de comportamento coloca à análise. Muitos analistas se precipitaram em romper essas barreiras da resistência a “ferro e fogo”. Deles, talvez o mais ilustre tenha sido Wilhelm Reich.

3 A análise reichiana do caráter

Segundo Miller, Reich foi o teórico por excelência da transferência negativa. Em termos lacanianos Reich, em sua experiência inicial, “encontrou a identificação inaugural ao sintoma e a considerou um obstáculo essencial à análise”.³⁰⁴

Miller ressalta que a abordagem de Reich é válida por sustentar que a operação analítica encontra como primeiro obstáculo o caráter, já que evidencia o sintoma harmonizado ao eu, sintoma “que o sujeito não experimenta como tal, que não é estigmatizado, mas, sim, aprovado por seu ideal”.³⁰⁵

Uma vez que o sujeito integra seus sintomas à personalidade – fato notório, como Freud já observara, em neuróticos obsessivos – Reich pretende isolá-los, de modo a que o sujeito

³⁰⁴ MILLER, J-A. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. p.79.

³⁰⁵ Ibidem.

passa a “sofrer de seu caráter”.³⁰⁶ Para ele, todo sintoma se apóia numa couraça caraterológica, concebida como defesa do eu. É preciso, então, desestabilizar esta defesa.

Em “Análise do caráter”, Reich propõe que se desfoque o interesse da interpretação dos sintomas, para centrá-lo no que ele denomina a “barreira narcisista” do caráter. Como ele próprio se expressa, trata-se logo de “destruir o mecanismo de defesa narcisista”³⁰⁷ para posteriormente reduzir o comportamento atual do sujeito a seu protótipo infantil, ligando o material infantil ao material contemporâneo. Só depois de se tornar claro o significado contemporâneo da resistência, ressalta ele, “é que se deve interpretar a sua origem infantil à luz do material que foi produzido”.³⁰⁸

Reich, ao forçar o sujeito a sintomatizar seu caráter, acaba por fazer da sua análise do caráter uma tentativa de interpretação de sentido. Em sua insistência pretende, pela ruptura da barreira imaginária, chegar a uma redução simbólica do caráter. Para tanto, baseia-se – segundo Lacan – na descoberta de que “a personalidade do sujeito estrutura-se como o sintoma que ela sente como estranho, ou seja, ela abriga inadvertidamente um sentido, o de um conflito recalcado”.³⁰⁹

Não por acaso, Lacan adverte que Reich cometeu apenas um erro:

Aquilo que denominou de “armadura” (*character armor*) e que tratou como tal não passava de armaria. O sujeito, depois do tratamento, conserva o peso das armas que extrai da natureza e apenas apaga a marca de um brasão.³¹⁰

Reich, na verdade, cometeu um duplo equívoco: primeiro, tomou o simbólico pelo imaginário, tratando a armaria do sujeito – suas insígnias, emblemas e brasões – como se

³⁰⁶ MILLER, J-A. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. p.80.

³⁰⁷ REICH, W. *Análise do caráter* (1933). Lisboa: Martins Fontes, 1979. p.100.

³⁰⁸ Ibidem. p.113.

³⁰⁹ LACAN, J. Variantes do tratamento-padrão. In: *Escritos*. p.343.

³¹⁰ Ibidem. p.344-345. OBS: Armaria diz respeito à arte heráldica, ao conjunto de insígnias, de emblemas simbólicos que distinguem uma família nobre ou uma coletividade. (Ver: FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. p.133, 509, 719 e 770).

fosse a própria armadura; em segundo lugar, ao pretender destruir suas armas – as defesas narcisistas – deixava o sujeito aos cacos e entregue, sem recursos, ao peso de seu gozo.

Ouçamos Reich em sua orientação terapêutica:

No decurso da dissolução das formações reativas a potência do homem, isto é, o que quer que resta dela, sucumbe. Tenho o hábito de informar sobre este fato aos doentes com potência erétil, para poder evitar uma reação que pode ser muito intensa.³¹¹

Através da “orgonoterapia”³¹², Reich tentou atingir o que ele denominava “o *âmago biológico* do organismo”,³¹³ pretensão que Freud jamais teve, uma vez que, para este, a redução da castração encontrava seu limite exatamente na rocha de base biológica. Reich visava o franqueamento desse limite para que se pudesse atingir a plenitude sexual.

Lacan assinala que Reich foi o grande artífice da análise do caráter, tendo trazido preciosas contribuições a este campo. No entanto, foi muito longe “no princípio de buscar para-além da fala a inefável expressão orgânica”,³¹⁴ a fim de livrá-la de sua armadura. A concepção reichiana da pulsão “implica na substituição do aparelho de linguagem pelo aparelho sensório-motor, contrapondo-se a Freud, que sempre inscreveu os avatares da pulsão no aparelho de linguagem”.³¹⁵

Obsedado por liberar, através da efusão orgástica, a tensão sexual acumulada, Reich faz da sua meta terapêutica algo ilimitado. Ele acredita numa relação sexual adequada e harmônica entre o homem e a mulher.

Antonio Quinet define bem a proposta reichiana: “ ‘Há relação sexual’ – é o que faz o fio do pensamento de Reich”.³¹⁶ Ressalta ainda o sucesso das teorias e práticas derivadas das concepções reichianas. Isto se deu porque elas propagam esta mistificação da existência da

³¹¹ REICH, W. *Análise do caráter*. p.168.

³¹² Terapia baseada na concepção reichiana do orgônio.

³¹³ REICH, W. *Análise do caráter*. p.428. (Destaques do autor).

³¹⁴ LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem (1953). In: *Escritos*. p.317.

³¹⁵ ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. *Os Poderes da Palavra: textos reunidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p.174.

³¹⁶ QUINET DE ANDRADE, A. Le rejet d’un concept fondamental. In: *Ornicar?* Paris, n.35, oct-dec. 1985, p.149. (Tradução nossa).

relação sexual, “apoiando-se na fascinação que exerce o registro imaginário em que o homem é cativado por seu reflexo nas formas da natureza, onde todos os comportamentos são adaptados e determinados segundo ciclos fixados”.³¹⁷

O problema da terapêutica reichiana, contudo, consiste na sua violência. Neste sentido, ela pode oferecer um “prato cheio” para os masoquistas – especialmente os morais – reforçando a reação terapêutica negativa e congelando o gozo.

4 O Masoquismo moral: uma modalidade de gozo

Em “O problema econômico do masoquismo” Freud considera o masoquismo moral como uma norma de comportamento na vida. Por isso, ao nos referirmos a ele, continuaremos atrelados ao campo do caráter.

Os masoquistas morais, Freud já os houvera descrito, sem nomeá-los, em “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho analítico”. Trata-se dos “criminosos por sentimento de culpa”.

A novidade é que, agora, ele aumenta a sua galeria de “criminosos pálidos”. Entre estes, se incluem, obviamente, os delinquentes sociais, aqueles que geralmente são detectados claramente como criminosos. Mas devem ser acrescentados à lista todos os que se vêem compelidos a praticar ações inapropriadas, a trabalhar contra seu próprio benefício, a destruir as perspectivas que se apresentam no mundo real e, eventualmente, aniquilar sua própria existência real. Afinal, o suicídio é considerado um crime.

O que dá o tom enigmático a este tipo de masoquismo é o sentimento inconsciente de culpa, traduzido por Freud como “necessidade de ser castigado por um poder parental”.³¹⁸

³¹⁷ QUINET DE ANDRADE, A. Le rejet d'un concept fondamental. In: *Ornicar?* n.35, p.149-150. (Tradução nossa).

³¹⁸ FREUD, S. El problema econômico del masoquismo (1924). In: *Obras completas*. v.19. p.175.

Aqui, há um desejo de ser espancado pelo pai, que se relaciona a outro desejo, “o de ter com ele uma relação sexual passiva (feminina)”.³¹⁹

Freud, que inscreve o masoquismo no marco edípico, observa – como vimos – que a superação do complexo de Édipo só ocorre com a dessexualização das moções pulsionais infantis, cujo resultado é a formação da consciência moral.

No caso do masoquismo moral, caracterizado pela necessidade de punição, “a moral é ressexualizada, o complexo de Édipo é reanimado e abre-se a via para uma regressão da moral para o complexo de Édipo”.³²⁰ O sujeito será tentado a efetuar ações pecaminosas, que devem ser expiadas pela punição.

Se esperávamos encontrar os “criminosos por sentimento de culpa” apenas entre perversos ou psicóticos, já se pode achá-los também entre os neuróticos. São aqueles masoquistas nos quais a satisfação do sentimento inconsciente de culpa torna-se o mais poderoso bastião no ganho auferido pela enfermidade. Eles apresentam o que Freud denomina reação terapêutica negativa e se recusam a ceder de seu estado de doença, desafiando todas as tentativas de cura. Freud afirma que “o sofrimento que a neurose acarreta é justamente o que a torna valiosa para a tendência masoquista”.³²¹

Pode parecer abusivo chamar de criminosos a esses neuróticos, mas não podemos recuar do fato de que onde há culpa, há crime e, também, necessidade de castigo – mesmo que apenas em pensamentos ou intenções – e o neurótico obsessivo o mostra bem. Trata-se aqui de uma posição subjetiva diante do crime.

Nesta medida, pode-se dizer que “o homem normal não só é muito mais imoral do que crê, como também mais moral do que sabe”.³²² Afinal, não se deve esquecer que a tragédia de

³¹⁹ FREUD, S. El problema económico del masoquismo. In: *Obras completas*. v.19. p.175.

³²⁰ Ibidem.

³²¹ Ibidem. p.172.

³²² FREUD, S. El yo y el ello. In: *Obras completas*. v.19. p.53.

Édipo, que Freud toma como referência na neurose, refere-se aos dois crimes magnos, assassinar o pai e deitar-se com a mãe.

De quebra, o parricídio é o ponto de partida da formação das religiões e dele “nasceu a consciência de culpa da humanidade (o pecado original) com a qual se iniciaram a organização social, a religião e a restrição ética”.³²³

Entretanto, o neurótico obsessivo, ainda que se empalideça horrorizado diante de suas más intenções, é um criminoso menos pálido do que aqueles que não querem renunciar ao castigo de sofrer. Para estes enfermos

... o sentimento de culpa é mudo, não lhe diz que ele é culpado; ele não se sente culpado, mas sim doente. Isso se exterioriza apenas numa resistência à cura, difícil de reduzir. Ademais, resulta trabalhoso convencer o enfermo de que este [o sentimento de culpa] é o motivo de sua persistência na doença; ele se apegará à explicação mais óbvia, a saber, que a cura analítica não é o meio correto para curá-lo.³²⁴

Trata-se do reduto mais recôndito do caráter, aquele da voz única do supereu: *goza!* O enfermo não ouvirá senão essa voz. Daí o enigmático final de “O problema econômico do masoquismo” no qual Freud observa que “nem mesmo a autodestruição da pessoa pode ser produzida sem satisfação libidinal”.³²⁵

Se Freud apresenta duas formas de masoquismo – o feminino e o moral – aparentemente tão díspares, ele, ao enlaçá-los a uma terceira forma, o masoquismo erógeno, deixa claro que o masoquismo é uma modalidade de gozo.

Lembremos a sua elucidação sobre um paciente que se ancorava num evidente protesto masculino devido a uma neurose obsessiva, cujos sintomas eram a nítida expressão de um conflito não resolvido “entre a atitude masculina e a feminina (*angústia* de castração e *prazer*

³²³ FREUD, S. Presentación autobiográfica (1925[1924]). In: *Obras completas*. v.20. p.63-64.

³²⁴ _____. El yo y el ello. In: *Obras completas*. v.19. p.50-51.

³²⁵ _____. El problema económico del masoquismo. In: *Obras completas*. v.19. p.176.

de castração)”.³²⁶ Este paciente desenvolvera fantasias e ações masoquistas que “tinham como fundamento exclusivo o desejo de aceitar a castração”.³²⁷

Expressões tão inusitadas quanto “prazer de castração” e “desejo de aceitar a castração” levam-nos a perguntar se a castração, ela própria, não poderia estar a serviço do gozo. O estudo de Freud sobre o masoquismo nos sugere esta idéia.

Acrescente-se a isso algumas de suas observações sobre o presidente Schreber. Nele, a interdição paterna não barra o gozo, mas o motiva. Cerceado em sua aspiração sexual masculina, ele se feminiza diante do pai, fazendo da proibição, permissividade.

Em Schreber, ressalta Freud, a fantasia sexual infantil celebra um triunfo grandioso. Através da delirante mulher divina a volúpia, que deveria ser temente a Deus, é, pelo contrário, inspirada e aguçada pela própria proibição divina. Assim, “o próprio Deus (o pai) não pára de exigí-la do enfermo. A ameaça paterna mais temida, a castração, emprestou seu material para a fantasia de desejo de ser transformado em mulher, primeiro combatida e depois aceita”.³²⁸

Freud concebe o parricídio como o principal crime, tanto da humanidade como do indivíduo. É também a principal fonte do sentimento de culpa. Em “Dostoiévski e o parricídio” ele retoma a teoria da identificação para falar da ambivalência do menino em relação ao pai: ao mesmo tempo que o admira, quer eliminá-lo.

Uma vez que a tentativa de eliminar o pai rival implica no castigo da castração, o menino pode tentar “buscar escapatória pelo lado da feminilidade, colocar-se no lugar da mãe, adotando seu papel de objeto de amor perante o pai”.³²⁹ Como isto também implica em castração, ele recalca ambas as moções, o ódio e o amor ao pai.

³²⁶ FREUD, S. Una neurosis demoníaca en el siglo XVII. In: *Obras completas*. v.19. p.93. (Destques nossos).

³²⁷ *Ibidem*.

³²⁸ FREUD, S. Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente. In: *Obras completas*. v.12. p.52.

³²⁹ _____ . Dostoiévski y el parricidio. In: *Obras completas*. v.21. p.181.

Entretanto, o conflito do menino com o pai não cessa com o recalque, há apenas mudança de cenário; o conflito transcorre agora no interior do sujeito, entre o eu e o supereu. Através da identificação, o pai é internalizado como supereu e passa a exercer uma ação sádica sobre o eu que – ressaltava Freud – se tornou masoquista e femininamente passivo. O eu pede castigo e “cada castigo é, no fundo, a castração e, como tal, a realização da velha atitude passiva em relação ao pai”.³³⁰

Não deixa de ser curioso que Freud utilize esse raciocínio para explicar as crises histéricas, os “ataques de morte”, de Dostoiévski: “Você quis matar seu pai para ser você mesmo o pai. Agora você é o pai, mas o pai morto”.³³¹ Através do sintoma histérico ele realiza em fantasia não só um desejo viril da parte do eu – matar o pai – como também a punição contra este ato, do lado do supereu. Por isso, Freud assinala que ambos, eu e supereu, levam avante o papel do pai. Assim, o sintoma histérico realiza, no próprio sujeito, a transgressão e a punição.

Freud, não satisfeito, refere-se também à tendência de Dostoiévski de se deixar castigar pelo “paizinho”, o Czar. Sua condenação como prisioneiro político fora injusta, mas aceitou o castigo. Em vez de punir-se a si mesmo, diz Freud, se fez castigar pelo substituto paterno.

Estamos diante da faceta criminal do escritor russo e Freud, através dela, traz a explicação psicológica das punições impostas pela sociedade: “A verdade é que grandes grupos de criminosos pedem o castigo. Seu supereu o pede e, dessa maneira, se poupam, eles mesmos, de se infligirem as penas”.³³²

Completando a composição desta controvertida personalidade, Freud refere-se ao ponto fraco – digamos, conformista – de Dostoiévski. Ele submeteu-se à autoridade com temor reverencial e aliou-se a seus carcereiros. Encontramos então – neste tipo complexo – o

³³⁰ FREUD, S. Dostoiévski y el parricidio. In: *Obras completas*. v.21. p.182.

³³¹ *Ibidem*. p.183.

³³² *Ibidem*. p.184.

neurótico, o moralista, o pecador e o criador literário. A noção dos quadros clínicos bem delineados é, aqui, colocada em xeque.

Tamanha complexidade nos envia a “Tipos libidinais”. Neste texto Freud observa que, em si mesma, “cada pessoa realiza a imagem universal do ser humano em uma diversidade quase inabarcável”.³³³ Ele descreve três tipos libidinais – o erótico, o compulsivo e o narcisista – que se combinam de diferentes modos.

O tipo erótico se caracteriza pela necessidade de ser amado e pela dependência ao objeto de amor. Nele predominam as exigências do isso. No tipo compulsivo, governado pelo supereu, destaca-se a angústia da consciência moral; conservador, é o genuíno portador da cultura. O tipo narcisista não mostra qualquer tensão entre o eu e o supereu, prefere amar a ser amado, é independente e destemido. Neles situam-se as grandes personalidades e os líderes, que incitam à mudança cultural.

Apesar da classificação inicial, Freud assinala que, na prática, o que se vê são os tipos mistos, erótico-compulsivo, erótico-narcisista e narcisista-compulsivo. Poder-se-ia ainda propor um tipo erótico-compulsivo-narcisista, porém “este já não seria um tipo, mas significaria a norma absoluta, a harmonia ideal”.³³⁴

Assim, a tipologia freudiana subverte todas as tipologias construídas até então, todas as entidades clínicas rigidamente estabelecidas, e rompe com a própria noção de psicopatologia.

Não por acaso Freud, ao descrever estes tipos, afirma:

Para todos eles tem que valer a exigência de que não coincidam com os quadros clínicos. Ao contrário, devem abarcar todas as variações que, de acordo com nossa apreciação orientada em sentido prático, caem dentro do âmbito normal. Entretanto, em suas estruturações extremas, podem aproximar-se dos quadros patológicos e, desta maneira, contribuir para salvar o suposto hiato entre o normal e o patológico.³³⁵

³³³ FREUD, S. Tipos libidinais (1931). In: *Obras completas*. v.21. p.219.

³³⁴ *Ibidem*. p.221.

³³⁵ *Ibidem*. p.219.

Mais uma vez, Freud *joga* com neurose e caráter, com formação de sintoma e formação de caráter, com normal e patológico. Longe de congelá-los, os coloca em interação. Ele nos lança em paradoxos e, como neste texto se reporta a tipos *libidinais*, é impossível não associá-lo a “Moral sexual cultural”. Senão vejamos:

Aquele que, em consequência de sua indomável constituição, não consegue concordar com a sufocação do pulsional, enfrentará a sociedade como “criminoso”, como *outlaw* (fora da lei), todas as vezes que sua posição social e suas aptidões destacadas não lhe permitam impor-se como grande homem ou “herói”.³³⁶

Entretanto, o herói, que aparentemente “está feito de pai”, no fundo “é feito de mãe”. Em “Psicologia das massas e análise do eu” Freud afirma que o herói era um homem que, sozinho, havia matado o pai. Ele era o favorito da mãe, filho que ela protegera do ciúme paterno e que, na época da horda primeva, era o sucessor do pai.

Freud acrescenta: “Na mentirosa transfiguração poética da horda primordial, a mulher, que havia sido o prêmio do combate e a tentação para o assassinato, passou a ser provavelmente a sedutora e instigadora do crime”.³³⁷

Com isso, passemos ao capítulo VI.

³³⁶ FREUD, S. La moral sexual “cultural” y la nerviosidad moderna. In: *Obras completas*. v.9. p.168.

³³⁷ _____. Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*. v.18. p.129.

CAPÍTULO VI

A DESAUTORIZAÇÃO DO FEMININO

Voltemos ao estudo de Dostoievski. As considerações finais de Freud versam sobre a novela “Vinte e quatro horas na vida de uma mulher”, de Stefan Zweig. O escritor, segundo Freud, só quer mostrar “que criatura irresponsável é a mulher, a que transgressões, surpreendentes até para ela mesma, pode ser conduzida devido a uma impressão inesperada na vida”.³³⁸ Entretanto, a novela quer dizer mais. Ela representa algo muito diferente, “algo universalmente humano ou, antes, algo masculino”.³³⁹

A qual impressão inesperada Freud se refere? Ao encontro de uma mulher com o homem que evoca nela o filho desejado. Por que isso representa algo universalmente masculino? Porque, no caso da mulher, isso diz respeito ao seu desejo de possuir um pênis. É a partir destas vertentes que entendemos, com Lacan, que, para uma mulher, o homem possa ser uma aflição e, até mesmo, um estrago.

1 Um filho-homem, uma aflição

A novela gira em torno de uma nobre dama, mãe de dois filhos já independentes, que, tendo enviuvado cedo, nada mais esperava da vida. Num cassino, fica fascinada com a visão

³³⁸ FREUD, S. Dostoievski y el parricidio. In: *Obras completas*. v.21. p.188.

³³⁹ *Ibidem*. p.189.

de um par de mãos que “pareciam revelar, com uma sinceridade e intensidade comovedoras, todas as sensações do jogador infeliz”.³⁴⁰ O dono destas mãos era um belo jovem que tinha a idade de seu primeiro filho.

Após ter perdido tudo no jogo o rapaz, desesperado, abandona o salão, visivelmente decidido a pôr fim à sua vida. Uma inexplicável simpatia constrange a dama a segui-lo e a empreender todos os esforços para salvá-lo. Ele tenta se livrar dela, mas ela insiste em permanecer e se vê obrigada, como que naturalmente, a levá-lo para seu apartamento e dormir com ele.

Na manhã seguinte, estando o moço mais calmo, ela exige dele o juramento de que jamais voltaria a jogar e lhe dá dinheiro para que ele volte para a casa. Contudo, tomada de ternura, decide tudo sacrificar para viajar com ele. Contratempus a impedem de chegar à estação de trem e, perturbada pela perda do amado, volta ao salão de jogo e, horrorizada, lá reencontra as mesmas mãos que haviam despertado a sua simpatia; ele voltara a jogar. Ela lhe recorda o juramento e ele, tomado pela paixão do jogo, arremessa-lhe o dinheiro recebido e a manda embora. Mortificada, ela parte às pressas. Mais tarde descobre que não havia conseguido salvá-lo do suicídio.

Esta história, diz Freud, baseia-se numa fantasia masculina da puberdade – muitas vezes recordada –, a de que talvez a própria mãe tenha introduzido o jovem na vida sexual para salvá-lo dos terríveis vícios da masturbação. As ávidas mãos denunciam, no ato do jogo, a sua derivação da masturbação.

Freud observa que deve ser lisonjeiro para o filho pensar: “Se minha mãe soubesse em que perigos a masturbação me envolve, certamente me salvaria dela, consentindo que eu fizesse em seu corpo todas as ternuras”.³⁴¹ A equivalência da mãe com a prostituta é integrada

³⁴⁰ FREUD, S. Dostoiévski y el parricidio. In: *Obras completas*. v.21. p.189.

³⁴¹ *Ibidem*. p.190.

na fantasia masturbatória e “torna facilmente alcançável o inalcançável; a má consciência que acompanha esta fantasia impõe o desenlace infeliz da obra literária”.³⁴²

Freud termina suas apreciações assinalando que a dama, fiel à memória do esposo, resistiu a todas as tentações em relação a substitutos que pudessem ter evocado o marido, mas não escapou, *como mãe*, de sua transferência amorosa, inteiramente inconsciente, em relação ao filho. Foi neste ponto desprotegido que, diz Freud, o destino a pilhou.

O papel da mãe como objeto prioritário de amor fica aqui definitivamente estabelecido por Freud. Porém, o mais importante é o fato de que ela, enquanto objeto de amor, também ama, particularmente o seu filho homem. Isso Freud já antecipara em “Três ensaios”, no qual afirma que a mãe dirige para o filho “sentimentos que brotam de sua vida *sexual*; ela o acaricia, o beija, o embala e claramente o toma como substituto de um objeto sexual de pleno direito”.³⁴³

Julgando que seu amor é puro e assexuado a mãe, ressalta Freud, provavelmente ficaria horrorizada se lhe dissessem que sua ternura desperta a pulsão sexual de seu filho. Porém, se ela aquilatasse a importância desta função talvez pudesse se poupar recriminações pois “quando ensina o filho a amar não está senão cumprindo o seu dever”.³⁴⁴

Ao nutrir a criança e ao cuidar dela a mãe se torna o seu primeiro sedutor. Nestas duas funções se enraíza “... a significatividade única da mãe, que é incomparável e se fixa imutável para toda a vida, como o primeiro e mais intenso objeto de amor, como o arquétipo de todos os vínculos posteriores de amor... em ambos os sexos”.³⁴⁵

Pois bem, se a mãe é o primeiro objeto de amor e o primeiro sedutor por que o homem seria, para uma mulher, uma aflição? Freud opina que somente a relação com o filho homem

³⁴² FREUD, S. Dostoievski y el parricidio. In: *Obras completas*. v.21. p.189.

³⁴³ _____. Tres ensayos de teoría sexual. In: *Obras completas*. v.7. p.203. (Destaque nosso).

³⁴⁴ *Ibidem*. p.204.

³⁴⁵ FREUD, S. Esquema del psicoanálisis (1940[1938]). In: *Obras completas*. v.23. p.188.

traz à mãe uma satisfação irrestrita; ela é, de todas as relações humanas, a mais perfeita e a mais isenta de ambivalência. Ouçamo-lo:

A mãe pode transferir para o homem a ambição que teve de sufocar nela mesma, esperar dele a satisfação de tudo aquilo que lhe restou de seu complexo de masculinidade. O próprio matrimônio não está assegurado até que a mulher não tenha conseguido fazer de seu marido o seu filho e atuar [*agieren*] como mãe em relação a ele.³⁴⁶

Daí a sua aflição. O filho homem deve realizar a sua ambição, não pode falhar.

Freud chega a dizer que só o filho homem recebe de uma mulher o que o próprio homem pretendia para si. A mulher, “em sua ânsia – na verdade, insaciável – de possuir um pênis, pode ser satisfeita se conseguir totalizar o amor pelo órgão como amor pelo portador deste”.³⁴⁷ E quando a escolha de objeto se mostra livremente, pode-se notar que ela se produz amiúde “seguindo o ideal narcisista do homem que a menina desejara se tornar”.³⁴⁸

Por várias vezes Freud insistiu no fato de a menina pequena ser como um homenzinho. Neste sentido, ela toma a mãe como o seu objeto de amor. Esta relação será abandonada posteriormente e deixará como resto a hostilidade, pois a menina responsabiliza a mãe por sua falta de pênis e não a perdoa. Ao descobrir a castração na mãe, sai da relação com ela profundamente decepcionada, uma vez que seu amor estava dirigido à mãe fálica. Procura o pai na esperança de obter dele o pênis.

Segundo Freud, a feminilidade só se estabelece quando o desejo do pênis é substituído pelo desejo de um filho. Contudo, é preciso estar atento a esta afirmativa, que já se transformou numa máxima. O desejo de um filho não necessariamente dá acesso à feminilidade. É o próprio Freud quem tenta desfazer o equívoco:

Na expressão composta “um filho do pai”, o acento quase sempre recai sobre o filho e não insiste no pai. Assim, o antigo desejo masculino de possuir o

³⁴⁶ FREUD, S. La feminidad (1933[1932]). In: *Obras completas*. v.22. p.124.

³⁴⁷ _____. Esquema del psicoanálisis. In: *Obras completas*. v.23. p.194.

³⁴⁸ _____. La feminidad. In: *Obras completas*. v.22. p.123.

pênis ainda transparece na feminilidade assim alcançada. Mas, talvez devêssemos ver neste desejo do pênis um desejo feminino por excelência.³⁴⁹

Freud desloca o desejo de *ter* um filho, tributário do desejo masculino de *possuir* um pênis, para o desejo em relação ao pai, ou seja, em direção ao homem enquanto portador do pênis. Neste sentido, ele distingue a maternidade da feminilidade, esta, o puro e simples desejo de um pênis (*Peniswunsch*). Ou seja, a feminilidade diz respeito ao desejo de gozar de um pênis, e não de possuí-lo.

Sabe-se, entretanto, como é difícil desvincular a feminilidade da maternidade. Muitas mulheres dizem que só se realizaram como mulheres depois que se tornaram mães.

Freud, na “Conferência 33”, segue falando do resquício da inveja do pênis na mulher, ao se reportar ao seu narcisismo e vaidade corporal: “ela aprecia seus encantos como um tardio ressarcimento pela inferioridade sexual original”.³⁵⁰

2 As estratégias fálicas

Ouçamos uma mulher, Joan Rivière, em seu artigo sobre “A feminilidade como mascarada”. Tentarei mostrar, diz ela, “que as mulheres que anseiam pela masculinidade podem usar uma máscara de feminilidade para evitar a angústia e a retaliação que temem partir dos homens”.³⁵¹ Acrescenta que é realmente um enigma classificar psicologicamente este tipo.

Rivière centra seu estudo numa mulher que tinha excelentes relações com seu marido, as quais incluíam uma ligação afetiva muito íntima, com satisfação sexual frequente e plena. Engajada numa atividade que lhe exigia escrever e falar em público – o pai era um político letrado –, experimentava angústia após cada atuação em público, apesar de sua habilidade e

³⁴⁹ FREUD, S. La feminidad. In: *Obras completas*. v.22. p.119.

³⁵⁰ Ibidem. p.122.

³⁵¹ RIVIÈRE, J. Womanliness as a masquerade (1929). *The international journal of psycho-analysis*. London, v.10, p.303. (Tradução nossa).

sucesso inquestionáveis. Buscava, então, reassegurar-se através da atenção elogiosa de homens que representavam figuras paternas. Estas, ressalta Rivière, eram tentativas veladas de obter ganhos sexuais através do flerte e da coqueteria.

Segundo a autora, sua analisante se enquadrava no tipo de mulheres homossexuais, descrito por Ernest Jones, que declaram não ter interesse em mulheres mas, ao mesmo tempo, desejam ser reconhecidas em sua masculinidade pelos homens e reivindicam ser iguais a eles.

Note-se que Jones descreve dois tipos de mulheres homossexuais: “aquelas que retêm seu interesse em homens, mas que se esforçam em ser aceitas por eles como sendo um dos seus [...] e aquelas que têm pouco ou nenhum interesse no homem e que centram sua libido na mulher”.³⁵²

A feminilidade poderia, conseqüentemente, “ser algo que se porta e que se usa como uma máscara, tanto para esconder a posse da masculinidade como para evitar represálias no caso em que essa posse venha a se tornar conhecida”.³⁵³

A analisante de Joan Rivière casou-se tarde, aos 29 anos. Devido a uma grande angústia quanto à defloração fez com que seu hímen fosse rompido antes do casamento por uma médica. Antes de se casar achava que teria que experimentar no ato sexual o prazer e o orgasmo que imaginava que algumas mulheres encontravam. Ela tinha receio da impotência, “exatamente da mesma maneira que um homem”.³⁵⁴ Isto, em parte era uma determinação em ultrapassar figuras maternas que considerava frígidas, mas era, principalmente, o propósito de não ser superada pelo homem.

Já casada, ela obtinha das relações sexuais um prazer intenso com orgasmo completo. Mas, “a satisfação obtida era da natureza de um asseguramento e restituição de algo perdido, e

³⁵² JONES, E. The early development of female sexuality (1927). *The international journal of psycho-analysis*. London, v.8, p.467. (Tradução nossa).

³⁵³ RIVIÈRE, J. Womanliness as a masquerade. p.306. (Tradução nossa).

³⁵⁴ *Ibidem*. p.307.

não um puro desfrute. O amor do homem devolvia-lhe a auto-estima”.³⁵⁵

Durante a análise, quando os impulsos hostis contra o marido se tornaram claros, ela viveu períodos de frigidez. Descolava-se a máscara da feminilidade “e ela se revelava como castrada (sem vida, incapaz de sentir prazer) ou com desejo de castrar (conseqüentemente receosa ao receber o pênis ou ser grata pela satisfação)”.³⁵⁶

Vale aqui lembrar “O tabu da virgindade”, em que Freud assinala que certas mulheres – depois da primeira relação sexual, bem como das posteriores – demonstram sua hostilidade em relação ao homem, injuriando-o, humilhando-o, e mesmo batendo nele. Em uma análise, relata Freud, “isso acontecia, apesar de a mulher amar muito seu marido e solicitar-lhe o coito, no qual, sem dúvida, encontrava muita satisfação”.³⁵⁷

Rivière se refere a mulheres que, hábeis donas de casa e mães bem-sucedidas, sentem-se trapaceadas em transações quotidianas com homens, entrando em embates com eles. São mulheres que todo o tempo se confrontam com os homens, mesmo que sob a máscara da “trapaceada”.

Freud também já houvera se referido, em “A predisposição à neurose obsessiva”, ao “velho dragão” em que se transforma a dócil esposa com o passar dos anos. Elas se tornam donas de casa implacáveis.

Lacan, por seu turno, chama a atenção para as formas de tirania doméstica, presentes no caráter de muitas mulheres, e que,

... desde a reivindicação sentimental até o confisco da autoridade familiar, deixam transparecer, todas elas, seu sentido intrínseco de *protesto viril*, encontrando este uma expressão eminente, a um tempo simbólica, moral e material, na satisfação de “tomar conta das despesas”.³⁵⁸

Devido a isso, Lacan assinala que podemos ver “no dado do protesto viril da mulher a

³⁵⁵ RIVIÈRE, J. Womanliness as a masquerade. p.307.

³⁵⁶ Ibidem. p.308. (Tradução nossa).

³⁵⁷ FREUD, S. El tabú de la virginidad. In: *Obras completas*. v.11. p.197.

³⁵⁸ LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*. p.89. (Destaques nossos).

conseqüência última do complexo de Édipo”.³⁵⁹

A fase masculina da menina, na qual inveja o pênis do homem, lhe traz sentimentos de injúria narcísica. Se o desejo de ser homem é entendido como sendo ‘masculino’, diz Freud, pode-se “dar a esta conduta o nome de ‘protesto masculino’, cunhada por Adler com a intenção de proclamar este fator como sendo o portador de toda neurose”.³⁶⁰ Tal protesto pode ser acirrado com o defloramento.

O defloramento, porém, não só pode desencadear a hostilidade da mulher em direção ao homem como, também, atá-la permanentemente a ele, ficando enlaçadas servidão e hostilidade. Algumas mulheres ficam dependentes de seu primeiro homem, não mais por ternura. Não se desprendem dele “porque ainda não consumaram sua vingança contra ele e, nos casos mais acentuados, a moção vingativa sequer chegou à sua consciência”.³⁶¹

É bom lembrar os relatos de Lou Andréas-Salomé sobre “a pequena K.”, quando expõe a Freud a conexão entre regressão anal e complexo de masculinidade. A pequena tinha uma natureza altamente feminina e uma vida amorosa desinibida, sendo que a força motriz de seu comportamento invejoso e ciumento, “com sua imitação do macho, derivou-se manifestamente de seu amor ferido pelo pai, da necessidade de possui-lo *daquela* maneira, já que não da maneira receptiva feminina”.³⁶²

Andreas-Salomé, em outra carta (03.05.1930), escreve a Freud:

Sabemos, é claro, que os meninos começam com a idéia da mulher com um pênis, e que, a princípio, não fazem distinção entre os sexos, mas o fato de que as meninas, analogamente, “feminizam” o pai foi novo para mim...³⁶³

É curiosa a observação de Rivière sobre sua paciente quando diz que a máscara de mulher, embora transparente para outras mulheres, funcionava muito bem com os homens.

³⁵⁹ LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*. p.89.

³⁶⁰ FREUD, S. El tabú de la virginidad. In: *Obras completas*. v.11. p.200.

³⁶¹ Ibidem. p.203.

³⁶² FREUD, S.; ANDREAS-SALOMÉ, L. *Correspondência completa*. p.229. (Destaque da autora).

³⁶³ Ibidem. p.243. (Destaque da autora).

Eles eram atraídos por ela. Estes homens “eram do tipo que temem a mulher ultrafeminina. Preferiam mulheres que tivessem, elas mesmas, atributos masculinos, a cujos apelos ficassem menos vulneráveis”.³⁶⁴

Sabemos do apreço de Lacan pelo texto de Rivière. Reporta-se a ele em várias ocasiões. Em “As formações do inconsciente” ressalta que o fato da mulher “se exhibir e se propor como objeto do desejo identifica-a, de maneira latente e secreta, com o falo”.³⁶⁵ Tudo o que ela mostra de sua feminilidade está ligado a este significante fálico, a mascarada.

Na mascarada a mulher rejeita o essencial de sua feminilidade. Ela quer ser amada pelo que não é, e o fato de a feminilidade se refugiar na máscara tem como consequência “fazer com que, no ser humano, a própria ostentação viril pareça feminina”.³⁶⁶

Portanto, nessa mascarada o homem também está implicado. Lacan diz que a situação para o homem não é mais confortável que a da mulher pois, se ele tem o falo, o que o traumatiza é, no entanto, saber que sua mãe não o tem. Nele, a mascarada se estabelece na linha da satisfação; ele resolve o problema da ameaça de castração através “da identificação pura e simples com aquele que tem as insígnias do falo, que tem toda a aparência de haver escapado ao perigo, ou seja, o pai”.³⁶⁷ Por isso, continua, o homem não é viril senão por procurações infinitas, que provêm de todos os seus ancestrais varões, passando pelo ancestral direto.

Sendo assim, as relações entre os sexos ficam submetidas ao significante fálico. Ele dá realidade ao sujeito, pela intervenção de um “parecer” que substitui o “ter”, para

... de um lado, protegê-lo e, de outro, mascarar sua falta no outro, e que tem como efeito projetar inteiramente as manifestações ideais ou típicas do comportamento de cada um dos sexos, até o limite do ato da copulação, na comédia.³⁶⁸

³⁶⁴ RIVIÈRE, J. Womanliness as a masquerade. p.311.

³⁶⁵ LACAN, J. As formações do inconsciente. In: *O seminário*: livro 5. p.363.

³⁶⁶ _____. A significação do falo (1958). In: *Escritos*. p.702.

³⁶⁷ _____. As formações do inconsciente. In: *O seminário*: livro 5. p.363.

³⁶⁸ _____. A significação do falo. In: *Escritos*. p.701.

Em “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” Lacan retoma o tema da mascarada numa outra perspectiva, a do mimetismo e da etologia animal. Seja na exibição ostentatória, seja nas caretas de intimidação no jogo da luta,

...o ser dá de si mesmo, ou recebe do outro, algo que é máscara, duplo, envólucro, pele separada, separada para cobrir a armação de um escudo; [...] podemos dizer que é com o auxílio dessa duplicata do outro, ou de si mesmo, que se realiza a conjunção de que procede a renovação dos seres na reprodução.³⁶⁹

Eis aí, uma bela definição de caráter!

Para Lacan, é por intermédio de máscaras e da captura imaginária que os seres, masculinos e femininos, se encontram da maneira mais ardente. No entanto, diz ele, se no animal há uma total captura imaginária, no domínio humano, a mascarada funciona pela intervenção do simbólico.

Se nestas relações a mulher se utiliza prioritariamente da mascarada, no reino do homem há sempre a presença de alguma impostura. Don Juan, identificado à imagem do pai não castrado, é seu exemplo bem-acabado. Seu prestígio “está ligado à aceitação desta impostura. Ele sempre está ali, no lugar de um outro. Ele é, se posso dizer, o objeto absoluto”.³⁷⁰

Don Juan, entretanto, não passa de uma edição particular daquilo que, da parte da comunidade dos machos, tem valor universal. Por isso, Lacan o vincula aos mitos e rituais que se prolongam através das eras, tais como o do sacerdote que deflora a virgem na primeira noite de núpcias.

A defesa contra o que Freud relaciona – baseado no escritor Anzengruber – ao “veneno da virgem” diz respeito ao seu ardente desejo. As comunidades masculinas se garantem através de estratégias contrafóbicas tais como as que eram utilizadas nas sociedades antigas onde, diante do horror à virgem, se lançava mão do grande pênis de pedra de Príapo ou do

³⁶⁹ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). In: *O seminário*: livro 11. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.104-105.

³⁷⁰ _____. L'angoisse (1962-1963). In: *Le séminaire*: livre 10. Paris: Seuil, 2004. p.224. (Tradução nossa).

estupro ritualístico.³⁷¹ Vale lembrar Lacan, o qual observa que a ocultação do princípio feminino sob o ideal masculino é uma ocultação “da qual a virgem, por seu mistério, ao longo das eras dessa cultura, tem sido o sinal vivo”.³⁷²

No artigo “Fetichismo” Freud descreve outra estratégia masculina de cunho amplamente social: o costume que cultivavam os homens chineses de mutilar o pé feminino para, em seguida, venerá-lo como a um fetiche. Com isso, o homem chinês queria “agradecer à mulher por ela ter se submetido à castração”.³⁷³ Tal impostura o fazia julgar-se no controle da situação.

Sob essa política de controle, no comércio entre os homens se faz circular a mulher como valor de troca. Pois, “se o onipotente falo circula é porque a mulher o representa [...], tornando-se isso do que se goza”³⁷⁴. Poder-se-ia

... chamar o homem-patrão de *He-man* e a mulher tornada valor de troca, uma *She-man*. Tudo o que é articulado na teoria analítica como concernente ao lugar da mulher no ato sexual se sustenta porque ela joga ali o papel de *She-man*, de ‘homem-ela’ [*hommelle*].³⁷⁵

Por isso, ela é coberta de adereços e ganha aí estatuto de mascarada, de equivalente fálico. Mas, adverte Lacan, a mulher, apesar de saber fazer bem a “homem-ela”, fica inexpugnável como mulher justamente em seu gozo, fora do sistema do ato sexual e do circuito ideológico masculino. E não seria a mulher inexpugnável em seu gozo senão *a*, causa do desejo?

Nesta perspectiva, é oportuno evocar Lacan que, em “Discours à l’ E.F.P.”, tece considerações sobre o objeto *a*:

Assim funciona o *i* (*a*) do qual se imaginam o eu e seu narcisismo, fazer casula a este objeto *a* que faz a miséria do sujeito. Isto porque o (*a*), causa do desejo, por estar à mercê do Outro [...] veste-se contrafobicamente da

³⁷¹ Estes aspectos foram abordados em nossa dissertação de mestrado “*Neurose e perversão: gêmeas de seu oposto*”.

³⁷² LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*. p.90.

³⁷³ FREUD, S. Fetichismo. In: *Obras completas*. v.21. p.152.

³⁷⁴ LACAN, J. A lógica da fantasia (1966-1967). Seminário inédito. Aula de 12/04/67.

³⁷⁵ Ibidem.

autonomia do eu, como o faz o bernardo-eremita de não importa qual carapaça”.³⁷⁶

Pois bem, Lacan, partindo de Joan Rivière para desenvolver a questão da mascarada, defronta-se, a partir da própria autora, com o fato de que para o homem é reconfortante falicizar a mulher. Através dessa estratégia ele escapa daquilo que o concerne, a castração, que o conduziria fatalmente ao encontro com o feminino. Mas, voltemos ao texto de Freud.

3 O rochedo da castração

Tanto nas análises terapêuticas quanto nas análises de caráter, observa Freud, dois temas se destacam e dão trabalho ao analista. Eles estão ligados à diferença entre os sexos, sendo que um é tão característico do homem quanto o outro o é da mulher. Apesar da diversidade de conteúdos, eles são correspondentes manifestos. Neles, “algo que é *comum* a ambos os sexos foi constrangido, devido à diferença entre os sexos, a uma forma *diferente* de expressão”.³⁷⁷

Estes temas são:

1 para a mulher, a inveja do pênis, ou seja, o esforço por possuir um genital masculino;

2 para o homem, a revolta contra a sua atitude passiva ou feminina para com outro homem.

O comum entre eles é a atitude diante do complexo de castração. Adler, que parecia esquecido, volta ao cenário. Freud lembra a expressão adleriana do “protesto masculino” reconhecendo que, no caso do homem, ela é inteiramente acertada. Propõe, no entanto, o termo “desautorização [*Ablehnung*] da feminilidade”.³⁷⁸

³⁷⁶ LACAN, J. Discours prononcé par J. Lacan le 6 décembre 1967 à l’ E. F. P. *Scilicet*. Paris, n.2-3, p.11. (Tradução nossa).

³⁷⁷ FREUD, S. Análisis terminable e interminable. In: *Obras completas*. v.23. p.251. (Destques nossos).

³⁷⁸ Ibidem. p.252. OBS: O termo *Ablehnung* também significa: declinação, renúncia, indeferimento, rejeição, desaprovação, recusa, negação. (Ver Dicionário LANGENSCHIEDTS. p.665. Ver também: FREUD, S. Die endliche und die unendliche Analyse. In: *Gesammelte Werke*. v. XVI. p. 97).

Com tantas palavras à sua disposição (*Verdrängung*, *Verleugnung*, *Verwerfung* e *Verneinung*), Freud usa um termo, *Ablehnung*, que raramente aparece em sua obra. Ele pode ser encontrado discretamente no “Caso Dora” e é mais destacado em “O inconsciente”. Neste texto, Freud observa que se comunicarmos ao paciente uma representação que ele recalcou em certa ocasião e que conseguimos descobrir, o fato de lhe dizermos isso em nada o modifica. Acima de tudo,

... não cancela o recalque nem, como talvez pudesse se esperar, faz com que suas conseqüências cedam pelo fato de que a representação, antes inconsciente, agora tenha se tornado consciente. Pelo contrário, só se conseguirá uma nova desautorização [*Ablehnung*] da representação recalçada.³⁷⁹

Parece então que estamos diante de uma real impossibilidade. Pode ser que quanto mais se insista em falar dos dois temas propostos por Freud, mais será reforçada a desautorização, e aqui nos referimos à desautorização do dizer de Freud.

Não se deve esquecer que Freud dirige o seu “Análise terminável e interminável” aos analistas. E, possivelmente, não há o que uma analista mulher mais rejeite do que a sua inveja do pênis. Por outro lado, um analista homem dificilmente se dispõe aceitar a sua posição passiva diante de outro homem sem senti-la humilhante. Digamos que Freud, mesmo que insista nestes dois delicados temas, continua sendo sistematicamente desautorizado.

Freud ressalta que a saliente significatividade destes temas não escapou a Ferenczi. Este, contudo, é demasiado otimista ao atribuir o êxito de uma análise à superação destes complexos.

Ferenczi, de fato, é ingênuo a respeito do final de análise. Acredita que a separação nítida do mundo da fantasia e do mundo da realidade, obtida pela análise, permite adquirir uma liberdade interior quase ilimitada e um melhor domínio dos próprios atos e decisões. Acha também que se deve apresentar, por assim dizer, um espelho para os pacientes para que

³⁷⁹ FREUD, S. Lo inconciente. In: *Obras completas*. v.14. p.171.

“adquiram consciência, pela primeira vez, das particularidades do seu comportamento, inclusive do seu aspecto físico”.³⁸⁰

Neste sentido, Ferenczi se afasta da proposta freudiana e se aproxima da *ego-psychology*. Entretanto, traz idéias interessantes sobre o caráter, concebendo-o como um automatismo protetor. Afirma que, teoricamente, “nenhuma análise sintomática pode ser dada por concluída se não for, simultaneamente ou em seguida, uma análise de caráter”.³⁸¹

Ele também se pergunta sobre o que aconteceria a um homem que perde seu caráter na análise.

Podemos prometer que estamos em condições de fornecer um novo caráter sob medida, à maneira de uma roupa nova, para substituir aquele que se perdeu? Não poderia acontecer que o paciente, uma vez despojado de seu antigo caráter, decida fugir e se nos escape, nu, sem caráter, antes que o novo invólucro esteja pronto?³⁸²

Freud, afirma Ferenczi, “já nos mostrou a que ponto essas dúvidas eram injustificadas e como à psicanálise sucedia automaticamente a síntese”.³⁸³ Percebe-se o quanto Ferenczi – talvez sem ter se dado conta – se afastou de Freud. Este jamais propôs qualquer síntese ao final de uma análise.

Ferenczi, ao pensar a dissolução da estrutura cristalizada de um caráter, propõe simplesmente uma nova estrutura mais adequada, uma *recristalização*. E guarda a certeza de que esta será melhor ajustada e mais adaptada. Freud vai na sua contramão ao assinalar que em nenhum momento do trabalho analítico se padece mais do sentimento opressivo de que todos os esforços empreendidos foram em vão e da suspeita de que se “pregou no vazio” do que quando

... se quer convencer uma mulher a abandonar o seu desejo de um pênis como sendo algo irrealizável ou quando se pretende convencer os homens de que

³⁸⁰ FERENCZI, S. O problema do fim da análise (1927). In: *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. v.4. p.19.

³⁸¹ Ibidem. p.18.

³⁸² Ibidem.

³⁸³ Ibidem.

uma atitude passiva frente ao homem nem sempre tem o significado de uma castração sendo indispensável em muitos vínculos da vida.³⁸⁴

Não deixa de ser curioso que Freud diga que uma atitude passiva diante de outro homem não tenha necessariamente o significado de uma castração. Isto nos conduz ao seminário “A transferência”, no qual Lacan mostra a relação de Alcibíades com Sócrates.

Alcibíades diz a Sócrates: “Eu quero isto porque quero, seja para meu bem ou para meu mal”.³⁸⁵ É justamente nisto, observa Lacan, que Alcibíades revela a função central da articulação da relação de amor. Mas é a partir daí que Sócrates se recusa a responder-lhe. Ele se faz ausente no ponto em que observa a cobiça de Alcibíades. Observemos, diz Lacan,

... que na atitude de Alcibíades existe algo, eu diria, de sublime, pelo menos de absoluto e apaixonado, que beira uma outra natureza e uma outra mensagem, a do Evangelho, onde nos é dito que aquele que sabe existir um tesouro num campo [...] é capaz de vender tudo o que tem para comprar esse campo e para gozar desse tesouro. É esta a margem que distingue a posição de Sócrates daquela de Alcibíades. Alcibíades é o homem do desejo.³⁸⁶

Lacan pergunta sobre o porquê de Alcibíades querer ser amado por Sócrates, se já o é e sabe disso. É que o milagre do amor é realizado nele na medida em que ele se torna o desejante. E quando Alcibíades se revela amoroso “não é, como diria, como uma mulherzinha”.³⁸⁷ Sendo aquele cujos desejos não conhecem limites, ele, quando se engaja no campo do amor, demonstra aí “um caso notável de ausência de temor da castração, em outras palavras, de falta total desta famosa *Ablehnung der Weiblichkeit*”.³⁸⁸

Essa ausência de temor à castração Lacan relaciona àqueles tipos extremos de virilidade que são sempre acompanhados “de um perfeito desdém pelo risco eventual de se fazer tratar como mulher, mesmo que por seus soldados, como aconteceu, vocês sabem, com César”.³⁸⁹ Se Lacan diz que todos sabem sobre esses tipos, pode-se acrescentar que nem todos querem saber sobre o paradoxo que eles representam.

³⁸⁴ FREUD, S. Análisis terminable e interminable. In: *Obras completas*. v.23. p.253.

³⁸⁵ LACAN, J. A transferência (1960-1961). In: *O seminário*: livro 8. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. p.159.

³⁸⁶ Ibidem. p.160.

³⁸⁷ Ibidem.

³⁸⁸ Ibidem. OBS: Lacan se refere aqui à desautorização da feminilidade.

³⁸⁹ Ibidem.

O que está colocado aqui é que o fato de um homem se deixar tratar como mulher não elimina a sua condição masculina. Entretanto, temos testemunhos a respeito de como um homem se defende diante de suas tendências passivas em relação a um outro. Deles, o mais impressionante é o relatado pelo renomado juiz de direito Daniel Paul Schreber.

Diante das tendências inadmissíveis, esse juiz desenvolve um delírio de feminização e chega ao ponto de se designar a Mulher de Deus. Como homem, ele desautoriza com veemência a sua tendência homossexual passiva mas, transformado em mulher, não só a aceita como a divulga para o mundo através de suas memórias. Mostra, assim, que um homem, diante de seu homossexualismo passivo, pode mesmo ficar convicto de que virou mulher.

É bom lembrar que o debate de Freud com Adler, que durou quase três décadas, é aberto justamente no Caso Schreber, tendo como ponto central o protesto masculino. Schreber, em princípio, protesta como homem contra ser feminizado por outro homem, o dr. Flechsig. Mas, na medida em que, como Mulher de Deus, se trata de oferecer gozo contínuo ao Deus-pai, passa a cultivar com desvelo a feminilidade.

Doze anos após a publicação do Caso Schreber Freud o retoma para assinalar dois pontos:

1 que o inteligente autor de sua própria história clínica não podia suspeitar que havia descoberto nele mesmo um fator patogênico *típico*, a atitude feminina de um homem para com o seu pai;

2 que Schreber encontrou sua cura “quando resolveu abandonar a resistência à castração e concordar com o papel feminino que Deus lhe destinava”.³⁹⁰

Contudo, a solução feminizante psicótica não é a única estratégia para se lidar com a castração. Há uma outra, muito mais comum, apontada por Freud ao final de “Análise

³⁹⁰ FREUD, S. Una neurosis demoníaca en el siglo XVII. In: *Obras completas*. v.19. p.94.

terminável e interminável”. Ele deixa claro que o “protesto masculino” não deve induzir ao erro de se supor que a desautorização do homem recaia sobre a atitude passiva, ou seja, sobre o aspecto, por assim dizer, social da feminilidade. Ressalta ele que é fácil corroborar

... que tais homens costumam exhibir uma conduta masoquista em direção à mulher, uma clara e franca servidão. O homem só se defende da passividade frente ao homem, não da passividade em geral. Em outras palavras, o “protesto masculino”, de fato, nada mais é do que uma angústia de castração.³⁹¹

Ora, a atitude passiva de um homem diante uma mulher, de fato, não o coloca na posição de castrado. Tomemos as práticas sexuais dos masoquistas femininos em que ser humilhado e espancado significam, segundo Freud, ser castrado, ser possuído sexualmente ou parir. No entanto, paradoxalmente, é o próprio Freud quem diz que esses homens *se deixam castrar* para afirmar exatamente o contrário, que *não se deixam castrar*.

Afinal, submeter-se à prática masoquista conduz à excitação sexual e à ereção e, para muitos homens, o coito com uma mulher só pode ser realizado sob essa condição. Por isso, Freud afirma: “A castração ou o deixar-se cegar, que a substitui, imprimiu sua marca negativa nas fantasias: a condição de que justamente aos genitais ou aos olhos *não* aconteça nada”.³⁹²

Portanto, o deixar-se “feminizar” por uma *mulher* nada tem de feminino; pelo contrário, está a serviço de uma afirmação fálica. Neste caso, esses homens não protestam, mas aceitam e até procuram ser apassivados.

Adler afirma que quando as tentativas em se conduzir de forma abertamente masculina fracassam, o papel feminino pode ser supervalorizado, os traços passivos podem ser reforçados no sentido do masoquismo e da passividade homossexual, “através dos quais o paciente busca exercer domínio sobre homens e mulheres; em suma: o protesto masculino apela para recursos femininos”.³⁹³

³⁹¹ FREUD, S. Análisis terminable e interminable. In: *Obras completas*. v.23. p.254.

³⁹² . El problema económico del masoquismo. In: *Obras completas*. v.19. p.168. (Destaque nosso).

³⁹³ ADLER, A . *El carácter neurótico*. p.80.

As opiniões de Freud e Adler parecem, aqui, ser coincidentes. Adler, entretanto, não coloca sob suspeita os próprios termos masculino-feminino pois, ao atribuir-lhes juízos de valor (masculino=superior / feminino=inferior), confunde o registro fálico – que é o da atribuição de valor – com o registro genital.

Adler, com o “protesto masculino” e a afirmação de poder, enfatiza a correspondência masculino/não-castrado–feminino/castrado. Coloca o acento, digamos, no sujeito – ou melhor, no indivíduo – em detrimento do objeto. Freud, com a “desautorização da feminilidade”, remete-nos à rocha basal, “um fato [*Tatsache*] biológico, uma peça do grande enigma da sexualidade [*Geschlechtlichkeit*]”.³⁹⁴

Ora, o que Freud marca aqui é o grande enigma do coito, da relação sexual, e não, simplesmente, o grande enigma da sexualidade.

Não estaria Freud dizendo que no real do coito sujeito e objeto, passivo e ativo, masculino e feminino são simplesmente colocados em ato? Não seria um convite para que deixemos de depreciar a posição da mulher enquanto objeto da ação no coito? Nesse caso, o homem, como sujeito da ação, não teria do que se vangloriar, mesmo porque ele está sujeito à própria ação do coito. Ele está assujeitado ao seu objeto.

4 A separação

É necessário retomar “Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa” na qual Freud reporta-se a um primeiro período de imoralidade infantil no neurótico obsessivo,

³⁹⁴ FREUD, S. Análisis terminable e interminable. In: *Obras completas*. v.23. p.254.

OBS. *Tatsache*: fato (remete ao real, positivo, efetivo); *Tat*: ação, ato, feito. Note-se que Freud não utiliza nesta passagem o termo *Sexualität*, mas sim *Geschlechtlichkeit*, que remete à sexualidade no sentido geracional, algo da ordem da estirpe, da raça, da linhagem. De quebra, *Geschlechts-akt* significa cópula, coito. (Ver: LANGENSCHIEDTS. *Dicionário português-alemão*. Também: FREUD, S. Die endliche and die unendliche Analyse. In: *Gesammelte Werke*. v.XVI. p.99).

caracterizado pelas “ações de agressão sexual contra o outro sexo”.³⁹⁵ Porém, antes de tudo, na mais tenra infância, ocorrem “as vivências de sedução sexual que mais tarde possibilitam o recalque”.³⁹⁶ Este é o período de passividade sexual.

Portanto, a etapa de imoralidade infantil que, no seio da problemática edípica, parece ser uma resposta ao pai, está, na verdade, dirigida contra a mãe, o Outro primordial.

No período edípico, quando o menino ingressa na fase fálica, volta a sua atenção para seu órgão genital e se torna o amante da mãe. Assim, “deseja possuí-la corporalmente [...] e tenta seduzi-la, mostrando-lhe o órgão masculino que está orgulhoso de possuir”.³⁹⁷ Tomou o pai como modelo de identificação e procura ocupar o seu lugar. Mas, o pai, interpondo-se no seu caminho, desloca-o de sua identificação primeira e, sob o impacto da ameaça de castração, o menino abandona suas pretensões.

Bem, essa é a história de Édipo que Freud nos contou colocando no centro a ação do pai. Sua ênfase recai sobre o *sujeito* primordial da *identificação*, o pai. É nessa medida que todos os indivíduos, sejam homens ou mulheres, estão identificados, inicialmente, ao pai. Sabemos que a mãe é o *objeto* primordial do *investimento sexual*, em outros termos, do amor ou, para ser mais preciso, objeto primordial da pulsão. Assim, o sujeito-pai toma a mãe como objeto.

Freud, no entanto, se refere à pré-história de Édipo, ao período pré-edípico. Esse é o tempo de Édipo, não como sujeito da identificação, mas como objeto da pulsão. O autor observa que se um forte componente feminino *já se acha presente no menino*, a força deste componente é aumentada pela intimidação paterna à sua masculinidade e ele “cai numa atitude passiva para com o pai, tal como a que atribui à mãe”.³⁹⁸ Neste caso, seu componente feminino preexiste ao seu encontro, no complexo de Édipo, com um pai. Refere-se a um tempo em que ele próprio era o objeto da mãe.

³⁹⁵ FREUD, S. Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicoses de defensa. In: *Obras completas*. v.3. p.170.

³⁹⁶ Ibidem.

³⁹⁷ FREUD, S. Esquema del psicoanálisis. In: *Obras completas*. p.189.

³⁹⁸ Ibidem. p.190.

As primeiras experiências sexuais que uma criança tem, observa Freud, são de caráter passivo. Ela é amamentada, limpada e vestida pela mãe. Por outro lado, quando uma criança recebe uma impressão passiva, ela tende a produzir uma reação ativa. Há, portanto, “uma rebeldia contra a passividade e uma predileção pelo papel ativo”.³⁹⁹

Assim, todo indivíduo “puxa” no sentido de ser sujeito da identificação, rejeitando sua posição de objeto da pulsão. Seu caráter é mais afeito ao pai.

Entretanto há algo do que não se pode fugir. É que todo indivíduo (indiviso) traz em si uma fissura radical sujeito-objeto. Freud reafirma que o primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta, estando a origem do amor ligada à necessidade satisfeita de nutrição. Acrescenta, contudo, que, inicialmente, a criança não distingue entre o seio e seu próprio corpo, diríamos nós, entre objeto e sujeito.

Mas, quando o seio “tem de ser separado do corpo e deslocado para *fora*, porque a criança tão freqüentemente o encontra ausente, ele carrega consigo, como *objeto*, uma parte do investimento libidinal originariamente narcisista”.⁴⁰⁰ Ou seja, o sujeito é arrancado *de si próprio* quando a mãe – objeto causa de desejo – falta. E quando a pulsão não encontra seu objeto instala-se a angústia de castração primeira, que se refere, não propriamente à separação da mãe, mas a uma “separação”.

No seminário “A angústia” Lacan afirma que “a *separação* fundamental – não separação, mas *partição* no interior – eis aqui o que se encontra inscrito desde a origem e desde o nível da pulsão oral, naquilo que será estruturação do desejo”.⁴⁰¹

É este corte que lança a criança, então pai primordial e sujeito da identificação original, à sua igualmente primeira condição, a de objeto do Outro materno. É assim também que podemos compreender, com Freud, que a mãe, ao alimentar e cuidar de seu bebê, toma-o

³⁹⁹ FREUD, S. Sobre la sexualidad femenina (1931). In: *Obras completas*. v.21. p.237.

⁴⁰⁰ _____. Esquema del psicoanálisis. In: *Obras completas*. p.188. (Destques do autor).

⁴⁰¹ LACAN, J. L’angoisse. In: *Le séminaire*: livre 10. p.273.

como objeto da pulsão, sendo, portanto, o primeiro sedutor. A mãe, longe de ser apenas objeto, trata seu bebê como objeto, através do exercício da função de auxiliar da necessidade.

Ser tomado como objeto do outro é o que pensamos estar colocado no texto freudiano como repúdio à feminilidade. Assim, formularemos que o desejo do pênis nas mulheres e o protesto masculino nos homens – enquanto mensageiros do caráter fático – colocam-se como as maiores resistências à análise, pois são tentativas de evitar a castração, a primeira divisão, irreparável, do sujeito em objeto.

Todavia, talvez seja necessário dar um passo a mais. Passo que possa resultar na queda do objeto em *abjeto*. Neste ponto, perguntamos: seria isso o que conduziria ao final de uma análise?

5 Três mais um

Voltemos a Dostoievski, composto de três – o neurótico, o moralista e o pecador – *mais um*, o poeta ou, como se queira, o criador literário. Diante deste último “a análise deve depor suas armas”.⁴⁰²

Sabe-se do vício de Dostoievski pelo jogo, no qual perdia tudo o que tinha. Mas sua jovem esposa

... se acostumara com este ciclo, pois notara que a única coisa da qual se podia esperar salvação em realidade [*in Wirklichkeit*], a produção literária, nunca caminhava tão bem como depois que haviam perdido tudo e empenhado seu último tostão.⁴⁰³

É impossível não se lembrar da correspondência de Freud a Pfister, o pastor que, segundo Anna Freud, era, num dito de Freud, “não um ‘santo homem’, mas um tipo de ‘flautista de

⁴⁰² FREUD, S. Dostoievski y el parricidio. In: *Obras completas*. v.21. p.175.

⁴⁰³ Ibidem. p.188.

OBS: *Wirklichkeit*, ao contrário de *Realität*, refere-se ao real, efetivo; é a realidade de fato, deveras. (Ver: LANGENSCHIEDTS. *Dicionário de bolso das línguas portuguesa e alemã*. p.1183. Também: FREUD, S. Dostoiewski und die Vätertötung. In: *Gesammelte Werke*. v. XIV. p.415).

Hamelin’, que só precisava tocar seu instrumento para ter um bando inteiro obediente atrás de si”.⁴⁰⁴

Na carta de 05.06.1910 escreve Freud:

A gente precisa tornar-se um mau sujeito, jogar-se fora, abandonar, trair, comportar-se como um artista que compra tintas com o dinheiro do orçamento doméstico da esposa, ou aquece o ambiente para a modelo queimando os móveis da casa. Sem tal dose de criminalidade, não há produção correta.⁴⁰⁵

Um santo homem, um artista, um flautista... um *sinthome*, “sinthomem”.

E não foi isso que – nos termos de Freud – fez Joyce, o “sinthomem”, jogar-se fora, se abandonar? Sabemos, por Lacan, do episódio sofrido por Joyce e confessado por ele no “Retrato do artista quando jovem”. Batido por um colega e sua *gang*, Joyce se interroga sobre o que fez com que, passada a coisa, ele não lhe quisesse mal. Ele constata “que o negócio todo se evacuou *como uma casca*, diz ele”.⁴⁰⁶ Há aí apenas alguma coisa, diz Lacan, que não pede senão para ir-se, senão para soltar-se como uma casca.

Lacan toca num ponto crucial, difícil de ser aceito, ou seja, alguém não se deixar afetar por uma violência sofrida corporalmente. Esta forma, presente em Joyce, “do *deixar cair* da relação ao próprio corpo é inteiramente suspeita para um analista, pois a idéia de si como corpo tem um peso. É precisamente o que se chama o ego”.⁴⁰⁷ Sabemos que o ego é narcísico; é disso que não queremos abdicar, da nossa dignidade narcísica.

Lembremos Freud que, quando solicitado pela diretora do *Time and Tide* a escrever sobre anti-semitismo, lhe responde com a pergunta: “Não crê a senhora que as colunas de seu número especial deveriam ser reservadas para declarações de pessoas não judias, menos comprometidas pessoalmente do que eu?”.⁴⁰⁸

⁴⁰⁴ FREUD, S.; PFISTER, O. *Cartas entre Freud e Pfister*. Viçosa: Ultimato, 1998. p.19.

⁴⁰⁵ Ibidem. p.53-54.

⁴⁰⁶ LACAN, J. Le sinthome. In: *Le séminaire: livre XXIII*. p.149. (Destaques do autor, tradução nossa).

⁴⁰⁷ Ibidem. p.150. (Destaques do autor, tradução nossa).

⁴⁰⁸ FREUD, S. Anti-semitismo en Inglaterra (1938). In: *Obras completas*. v.23. p.303.

E por que Freud estaria comprometido pessoalmente? Justo por ter visto todo o seu trabalho destruído, seus livros confiscados, seus filhos expulsos do emprego. Nesta ocasião, não teria agido Freud como Joyce, desprendendo-se como uma casca? Não foi isso que fez igualmente Dostoievski, que passou inabalado através dos anos de miséria e humilhações?

Pensamos que é neste sentido que se pode falar da dessexualização do complexo de Édipo, de sua destruição, marcado que está pela pulsão de morte. Eles já não se deixam afetar, digamos, pela dignidade narcísica. Tornam-se abjetos.

Se lembrarmos a epígrafe de nosso trabalho – o velho ditado francês – podemos dizer: eles se descolam de seu fátuo e de seu tolo e, retirados de si, erram sem dizer palavra. E é nisso que suas palavras se tornam errantes no mundo, podendo ser recolhidas e usadas como objeto. Delas, qualquer um pode fazer o que bem lhe aprouver. Não foi isso que Joyce propôs aos estudantes? *Les non-dupes errent...*⁴⁰⁹

Lacan, em “Prefácio a *O despertar da Primavera*”, afirma que o Pai tem tantos nomes que “não há Nome que seja seu Nome-Próprio, a não ser o Nome como ex-sistência”.⁴¹⁰

Lembrando Robert Graves, observa que o próprio Pai, o eterno pai de todos, é apenas “... um Nome entre outros da Deusa branca, aquela que [...] perde-se na noite dos tempos, por ser a Diferente, o Outro perpétuo em seu gozo”.⁴¹¹

Segundo Miller, a deusa branca é a deusa mãe das religiões primordiais, “anteriores às do Nome do Pai”.⁴¹² É ela – escreve Lacan em “Prefácio a *O despertar da Primavera*” – que nos suspenderá, a nós.

Ela – deusa branca de todas as cores e raças – que, desautorizada em sua feminilidade, nos conduzirá a falar, multiplicando, em cada um, os Nomes do Pai.

⁴⁰⁹ Jogo de palavras proposto por Lacan, que em francês remete tanto a “os não-tolos erram” como a “os Nomes-do-Pai”.

⁴¹⁰ LACAN, J. Prefácio a *O despertar da primavera* (1974). In: *Outros escritos*. p.559.

⁴¹¹ *Ibidem*.

⁴¹² MILLER, J-A . *La experiencia de lo real en la cura psicanalítica*. p.31. (Tradução nossa).

CONCLUSÃO

Nossa intenção neste estudo não foi a de chegar a uma concepção precisa sobre o caráter, pois sabíamos de antemão ser isto uma tarefa impossível. O próprio Freud, em seus textos finais, reconhece a dificuldade de definição deste termo. Jacques Lacan, por seu turno, chama a atenção, em *“Propos sur l’hystérie”*, para o fato de nós empregarmos a palavra caráter a torto e a direito.

Além disso, a relação entre os termos caráter, personalidade e tipo é difícil de ser estabelecida, a ponto de Jacques-Alain Miller afirmar que a personalidade seria o outro nome do caráter.

O que sobretudo nos ocupou ao longo do trabalho foi pesquisar o emprego do termo caráter em Freud, seus modos de operação e suas ressonâncias teórico-clínicas. Pode-se dizer que não há sequer uma análise em que o caráter não esteja colocado em questão. Mas, como Freud já assinalara, não lhe concedemos especial atenção, interessados que estamos nos sintomas.

O caráter, entretanto, passa a ocupar o primeiro plano de nosso interesse quando, ao longo de uma análise, esbarramos nas resistências. Se, a exemplo de Freud, imputamos as resistências do sujeito a seu caráter, este ganha valor primordial, uma vez que não há análise que transcorra sem resistência.

No desenvolvimento de nosso tema fez-se também necessário nos reportarmos à transferência, ou melhor, à neurose de transferência, a qual não é senão uma atualização, uma colocação em ato, na análise, de clichês que são repetidos, de modo regular, durante toda a vida.

Como vimos, Freud já alertara para o fato de que o sujeito não recorda, em geral, nada do que foi esquecido e recalado, mas o atua na transferência. O que se repete é tudo aquilo que abre passagem até seu ser manifesto, ou seja, suas atitudes inviáveis, seus traços de caráter e seus sintomas.

A partir destas colocações, trazidas por Freud em “Recordar, repetir e perlaborar”, o que fica destacado em toda análise é algo que se repete, insiste e é refratário a qualquer interpretação. Tal repetição torna-se patente no comportamento do sujeito durante a análise.

Neste sentido, uma posição que promove a separação rígida entre caráter e sintoma, tomando o primeiro como irreduzível à interpretação e o segundo como algo passível de ser traduzido e interpretado, pode conduzir a enganos, pois todo sintoma é também uma repetição e, como tal, comporta um gozo, que escapa a qualquer apreensão pela palavra.

Tentativas, como aquelas de Otto Fenichel, de instituição de uma neurose moderna – a dita neurose de caráter – em contraposição à neurose clássica – a chamada neurose sintomática – vão inteiramente contra as bases estabelecidas por Freud, que jamais propôs estereótipos dessa natureza.

Não sem razão, Miller afirma que, para Lacan, todo sintoma está inscrito em um comportamento, sendo que a neurose, numa perspectiva lacaniana, se concretiza sempre em uma conduta do sujeito. Nesta medida, Lacan não divorcia o sintoma do caráter, uma vez que os concebe – ambos – como expressão de um comportamento.

No entanto, o que é preciso assinalar é que as contribuições de Lacan acerca da neurose são tributárias daquelas de Freud. A concretização do sintoma em uma conduta está marcada por toda a obra freudiana e os “Estudos sobre a histeria” o mostram sobejamente.

Formulamos ser o sintoma um mau comportamento. É sabido que o eu tende a rechaçar, relegando ao desconhecimento, tudo aquilo que se choca com uma impecável concepção de si mesmo. O rechaçado retorna, contudo, no sintoma. Este, ao mesmo tempo em que permite a expressão das tendências reprovadas pelo eu, desresponsabiliza o sujeito, uma vez que sua conduta inaceitável se manifesta pela via da doença e do sofrimento. O distúrbio acarretado pelo sintoma exime o sujeito de responder por seu caráter réprobo.

Sendo assim, o sintoma torna-se conveniente para o eu. Se seguimos a trilha marcada por Freud, foi para mostrar que o eu não é simplesmente a instância psíquica que se contrapõe ao sintoma. Ele próprio é um sintoma.

Ressaltamos que Lacan concebe o eu como um sintoma privilegiado no interior do sujeito. Ele chega a admitir que o eu é o sintoma humano por excelência, a doença mental do homem. Neste sentido, Lacan, ao considerar que o eu está estruturado como um sintoma, alinha-se não apenas com Freud, mas, também, com os adeptos da “psicologia do ego”.

Lacan, contudo, sempre esteve atento aos impasses e ambigüidades trazidos pelo texto de Freud, o que não ocorreu com muitos psicanalistas, especialmente aqueles ligados a *ego-psychology*. Estes, ao tomarem o eu como um aliado do analista, não fizeram mais do que cristalizar este sintoma.

Sabemos das conseqüências advindas daí. Onde Freud aponta para a irremediável divisão do eu, os adeptos da “psicologia do ego”, visando à unidade e à síntese, pretendem, no decurso da análise, construir um ego forte, autônomo e coerente. Não sem razão, Lacan qualifica certos finais de análise como sendo o produto de uma identificação ao analista, colocado como modelo ideal e bem-acabado para o seu analisante.

Pensamos ser o estudo do caráter uma oportunidade para marcar, não a coerência, mas, as falsificações, divisões e atitudes patológicas do eu. Isto não é de somenos importância pois o próprio Lacan, em “Os escritos técnicos de Freud”, já alertara para o fato de que aquilo que temos que nos haver durante uma análise é com o eu do sujeito, suas limitações, suas defesas e seu caráter.

Sabe-se, com Freud, que o eu é o poder que desmente o inconsciente. No entanto, quanto mais o eu se arroga como senhor em sua casa, mais se revela como uma força de ilusão e de mentira. Pode-se dizer que o eu não serve senão de fachada para algo outro que o governa, ou seja, o inconsciente. É através dessa fachada que o inconsciente manifesta sua ação eficaz. Esta ação não se restringe aos sintomas, mas evidencia-se, sobretudo, no caráter e nas condutas do sujeito ao longo da vida.

No curso de nosso estudo, pudemos constatar que o eu, quando atravessado pela ação do inconsciente, defende-se ocultando sua passividade e fragilidade através da auto-afirmação. Recorrendo a estratégias fálicas o eu protesta, buscando equilibrar-se narcisicamente.

Tais estratégias, evidenciadas cabalmente nos homens através do protesto masculino, estão, entretanto, presentes também nas mulheres. O artigo de Joan Rivière mostra, de modo exemplar, que mulheres que anseiam pela masculinidade podem, paradoxalmente, tentar obtê-la através de uma máscara de feminilidade.

Assim, tanto o protesto masculino quanto a mascarada feminina são recursos que, longe de marcar a radical diferença sexual, nivelam falicamente homens e mulheres. Ao depreciar o feminino e tomar o masculino como ideal de plenitude a ser atingido, ambos os recursos visam à desautorização daquilo que traz a marca da castração, o feminino. Isto nos conduz à distinção entre o fálico e o genital, bem como aos equívocos advindos daí.

Se Freud marca no registro genital uma impossibilidade de harmonização e complementação, muitos analistas o concebem como a realização da plenitude. Otto Fenichel,

por exemplo, entende que o caráter genital diz respeito à capacidade de alcançar a satisfação total pelo orgasmo, bem como o pleno desenvolvimento do amor e do ódio, ou seja, a superação da ambivalência. Um caráter genital assim compreendido situa-se mais propriamente no registro fálico. Ele não conta com a falta, apenas procura a plenitude.

Tal concepção assemelha-se àquela defendida por Adler. Sabemos que este propõe uma psicologia do indivíduo – ou seja, do indiviso – apoiando-se numa ficção ideal de superioridade. Sua teoria do protesto masculino visa à auto-afirmação viril. Este autor toma o masculino como o objetivo superior a ser alcançado, em detrimento da linha feminina, segundo ele, inferior.

Voltamos, assim, ao ponto que instigou nossa pesquisa. Adler preconiza que o protesto masculino – tanto no caso da neurose quanto no caso do caráter – é a força que motiva o recalque da moção feminina. Freud, contudo, rebate esta posição afirmando que não é lícito sexualizar os motivos do recalque.

O que interessa a Freud é situar, na origem do recalque, a angústia, que provoca a divisão do *sujeito* em *objeto*, ou seja, marcar aquilo que Lacan denomina “separação”. É somente a partir desta divisão primordial que são derivados os registros subseqüentes, quais sejam, ativo/passivo, não-castrado/castrado, masculino/feminino. E só *a posteriori* é possível fazer a vinculação masculino/sujeito/ativo/não-castrado e feminino/objeto/passivo/castrado.

Ora, na medida em que Adler liga, através de juízos de valor, o masculino ao superior e o feminino ao inferior, ele faz uma desautorização do feminino.

Perguntamos: por que Freud teria insistido, por quase três décadas, no debate com Adler? Não teria sido pelo fato de que a teoria adleriana expressa algo *universal*, a desautorização do feminino?

Convenhamos, não é plausível pensar que os indivisos indivíduos, homens e mulheres, se encontrem mais confortáveis e adaptados quando se garantem como sujeitos, ativos e

dotados? Não rejeitam a sua condição de objeto, passivo e receptáculo da ação do outro? Não seria por isso que sempre estiveram em vigência o protesto masculino e a vontade de poder, da parte dos homens, bem como os movimentos feministas pela igualdade dos sexos, da parte das mulheres? Ambos não estariam defendendo a posição fálica?

Podemos portanto formular que o acesso à genitalidade, por implicar na não depreciação do feminino, não é fácil de ser admitido, uma vez que tem como premissa a renúncia ao gozo fálico. Postularemos, então, que o caráter – tenha as variações que tiver, receba ou não as contribuições das formações de sintoma – é, em última instância, fálico. É resposta reativa do sujeito à sua divisão em objeto, à sua “separação”.

Pensamos não ser sem razão que Freud situa nas mulheres a inveja do pênis e nos homens a recusa à atitude passiva para com outros homens, como as resistências máximas de toda análise. Em suma, não querem abrir mão do fálico em favor do genital, não querem sair da condição de não castrados e se defrontar com a sua condição de objeto.

Insistiremos neste ponto, a diferença entre o fálico e o genital, pois sabemos que esta é uma questão controvertida. Muitos analistas concebem o genital como sinônimo de harmonia, adequação e maturidade sexual, mas esta não é a posição de Freud. Como pudemos verificar, em correspondência a Lou Andreas-Salomé, ele discorda de Reich, o qual vê no orgasmo genital o antídoto para todas as neuroses. Para Freud, o genital não está marcado pela plenitude e muito menos pelo prejuízo, mas, sim, pela impossibilidade.

Pensamos, outrossim, que a posição de Lacan não se distancia daquela de Freud. No seminário “As psicoses”, Lacan afirma que é através da simbolização a que é submetida – como uma exigência essencial – a realização genital, que o homem se viriliza e que a mulher aceita verdadeiramente a sua função feminina.

Já na fase fálica, conforme Lacan ressalta em “A relação de objeto”, não existe realização do macho e da fêmea, existe apenas aquele que é provido do atributo fálico e aquele que é desprovido, sendo que ser desprovido dele é considerado como equivalente a ser castrado.

Neste sentido, reduzir a castração à injúria fálica – em outros termos, à afronta narcísica – implica em desconsiderar que a castração marca, acima de tudo, a radical diferença macho-fêmea, diferença que se situa para-além da alternativa fálico/castrado.

Com isto, não estamos propondo qualquer normatização, seja do caráter sexual, seja da escolha objetal. Estamos apenas sugerindo que se reflita sobre o fato de que ser homem não é simplesmente portar as insígnias do falo, bem como ser mulher não é meramente se deleitar em fazer a mascarada feminina.

Talvez o acesso ao genital – ou seja, à radical diferença macho-fêmea – só ocorra quando toda a dignidade narcísica é evacuada, quando o sujeito, no dito de Freud, se joga fora, se abandona e se trai. Em nossas palavras, quando o sujeito *cai* do seu caráter. O que, convenhamos, o lança na impossibilidade pois, aí, ele será *abjeto*.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 3.ed. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 1014p.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003. 240p.

ADLER, Alfred. *El carácter neurótico*. Tradução A . von Ritter-Zahóny e P. F. Valdez. Buenos Aires: Paidós, 1954. 391p.

ADLER, Alfred. *La compensation psychique de l' état d'infériorité des organes*. Paris: Payot, 1956. 104p.

ADLER, Alfred . *Práctica y teoría de la psicología del individuo*. 2.ed. Tradução Norberto Rodrigues Bustamante. Buenos Aires: Paidós, 1958. 342p.

ALEXANDER, Franz. The neurotic character. *The international journal of psycho-analysis*, London, v.11, p.292-311, jan. 1930.

ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. *Os poderes da palavra: textos reunidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. 412p.

BERNARDES, Wagner Siqueira. *Neurose e perversão: gêmeas de seu oposto*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001. 85f.

BERNARDES, Wagner Siqueira. O impossível pai. *Alétheia*, Governador Valadares, n.2, p.101-103, mar.1998.

BERNARDES, Wagner Siqueira. Condenação, desmentido, divisão: o não-querer-saber sobre a perversão. *Reverso*, Belo Horizonte, n.51, p.115-121, ago.2004.

BERNARDES, Wagner Siqueira; BESSET, Vera Lopes. Patologia do caráter: “novo sintoma” ou “a outra face do mesmo”? *Latusa*, Rio de Janeiro, n.7, p.131-138, out.2002.

BESSET, Vera Lopes. A clínica da angústia: faces do real. In: _____. *Angústia*. São Paulo: Escuta, 2002.p.15-29.

BESSET, Vera Lopes. Do horror ao ato: a sexualidade na etiologia da neurose obsessiva. *Latusa*, Rio de Janeiro, n.3, p.71-83, abr.1999.

BLEULER, Eugen. *Tratado de psiquiatria*. 3.ed. Tradução Alfredo Guerra Miralles. Madrid: Espasa-Calpe, 1971. 764 p.

D'ALBUQUERQUE, Tenório. *Dicionário espanhol-português*. Belo Horizonte: Itatiaia, [19-]. 2v.

DELRIEU, Alain. *Sigmund Freud. Index thématique*. Paris: Anthropos, 2001.

FENICHEL, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Tradução Samuel Penna Reis. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981. 665p.

FERENCZI, Sandor. O problema do fim da análise. In: ___. *Obras completas*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 4 v.

FERRATER MORA, José. *Diccionario de filosofia*. Barcelona: Ariel, 1994. 4 v.

HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 505 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1499p.

FREUD, Sigmund. Fragmentos de la correspondencia con Fliess. In: ___. *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.p.211-322. (*Obras completas*, 1).

FREUD, Sigmund. Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot, *Leçons du mardi de la Salpêtrière(1887-88)*. In: ___. *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.163-177. (*Obras completas*, 1).

FREUD, Sigmund. Vorwort und Anmerkungen zur Übersetzung von J. M. Charcot, *Leçons du mardi à la Salpêtrière (1887-8)*. In: ___. *Nachtragsband. Texte aus den Jahren: 1885-1938*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. p.151-164. (*Gesammelte Werke*).

FREUD, Sigmund. Proyecto de psicología. In: _____. *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en la vida de Freud*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.323-446. (*Obras completas*, 1).

FREUD, Sigmund. Un caso de curación por hipnosis. In: _____. *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.p.147-162. (*Obras completas*, 1).

FREUD, Sigmund. Historiales clínicos (Breuer e Freud). In: _____. *Estudios sobre la histeria*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985. p. 45-194. (*Obras completas*, 2).

FREUD, Sigmund. Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa. In: *Primeras publicaciones psicoanalíticas*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.157-184. (*Obras completas*, 3).

FREUD, Sigmund. La interpretación de los sueños. In: _____. *La interpretación de los sueños*. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1979. 747p. (*Obras completas*, 4-5).

FREUD, Sigmund. Psicopatología de la vida cotidiana. In _____. *Psicopatología de la vida cotidiana*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. 306p. (*Obras completas*, 6).

FREUD, Sigmund. Tres ensayos de teoría sexual. In: _____. *Fragmento de análisis de un caso de histeria. Tres ensayos de teoría sexual y otras obras*. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1978. p. 109-222. (*Obras completas*, 7).

FREUD, Sigmund. El chiste y su relación con lo inconciente. In: _____. *El chiste y su relación con lo inconciente*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. 247p. (*Obras completas*, 8).

FREUD, Sigmund. Apreciaciones generales sobre el ataque histérico. In: _____. *El delirio y los sueños en la "Gradiva" de W. Jensen y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p. 203-211. (*Obras completas*, 9).

FREUD, Sigmund. Carácter y erotismo anal. In: _____. *El delirio y los sueños en la "Gradiva" de W. Jensen y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.149-158. (*Obras completas*, 9).

FREUD, Sigmund. La moral sexual “cultural” y la nerviosidad moderna. *El delirio y los sueños en la “Gradiva” de W. Jensen y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.159-181. (*Obras completas*, 9).

FREUD, Sigmund. Las fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad. In: ____ *El delirio y los sueños en la “Gradiva” de W. Jensen y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.137-147. (*Obras completas*, 9).

FREUD, Sigmund. El tabú de la virginidad. In: ____ *Cinco conferencias sobre psicoanálisis. Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.185-203. (*Obras completas*, 11).

FREUD, Sigmund. Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre. In: ____ *Cinco conferencias sobre psicoanálisis. Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.155-168. (*Obras completas*, 11).

FREUD, Sigmund. Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. In: ____ *Cinco conferencias sobre psicoanálisis. Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.53-127. (*Obras completas*, 11).

FREUD, Sigmund. La predisposición a la neurosis obsesiva. Contribución al problema de la elección de neurosis. In: ____ *Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente. Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p. 329-345. (*Obras completas*, 12).

FREUD, S. Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (*Dementia paranoides*) descrito autobiográficamente. In: ____ *Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente. Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.1-76. (*Obras completas*, 12).

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir y reelaborar. In: ____ *Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente. Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.145-157. (*Obras completas*, 12).

FREUD, Sigmund. Sobre la dinámica de la transferencia . In: ____ *Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente. Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.93-105. (*Obras completas*, 12).

FREUD, Sigmund. El interés por el psicoanálisis. In: _____. *Tótem y tabú y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorroutu, 1986. p.165-192. (*Obras completas*, 13).

FREUD, Sigmund. Algunos tipos de carácter dilucidados por el trabajo psicoanalítico. In: _____. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. Trabajos sobre metapsicología y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorroutu, 1984. p.313-339. (*Obras completas*, 14).

FREUD, Sigmund. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. In: _____. *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 349-377. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 14).

FREUD, Sigmund. Einige Charaktertypen aus der psychoanalytischen Arbeit. In: _____. *Werke aus den Jahren: 1913-1917*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. p.363-391. (*Gesammelte Werke*, 10).

FREUD, Sigmund. Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. In: _____. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. Trabajos sobre metapsicología y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorroutu, 1984. p.1-64. (*Obras completas*, 14).

FREUD, Sigmund. De guerra y muerte. Temas de actualidad. In: _____. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. Trabajos sobre metapsicología y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorroutu, 1984. p.273-303. (*Obras completas*, 14).

FREUD, Sigmund. Introducción del narcisismo. In: _____. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. Trabajos sobre metapsicología y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorroutu, 1984. p.65-98. (*Obras completas*, 14).

FREUD, Sigmund. Zur Einführung des Narzißmus. In: _____. *Werke aus den Jahren: 1913-1917*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. p.137-170. (*Gesammelte Werke*, 10).

FREUD, Sigmund. La represión. In: _____. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. Trabajos sobre metapsicología y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorroutu, 1984. p.135-152. (*Obras completas*, 14).

FREUD, Sigmund. Lo inconciente. In: _____. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. Trabajos sobre metapsicología y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p.153-213. (*Obras completas*, 14).

FREUD, Sigmund. O inconsciente. In: _____. *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 183-245. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 14).

FREUD, S. Das Unbewußte. In: _____. *Werke aus den Jahren: 1913-1917*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. p.263-303. (*Gesammelte Werke*, 10).

FREUD, Sigmund. The unconscious. In: _____. *On the history of the psycho-analytic movement. Papers on metapsychology and other works*. Tradução James Strachey. London: Hogarth Press, 1957. p.159-215. (*The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, v.14).

FREUD, Sigmund. Pulsiones y destinos de pulsión. In: _____. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. Trabajos sobre metapsicología y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p.105-134. (*Obras completas*, 14).

FREUD, Sigmund. Algunas perspectivas sobre el desarrollo y la regresión. Etiología. In: _____. *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p.309-325. (*Obras completas*, 16).

FREUD, Sigmund. Desarrollo libidinal y organizaciones sexuales. In: _____. *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p.292-308. (*Obras completas*, 16).

FREUD, Sigmund. El estado neurótico común. In: _____. *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p.344-356. (*Obras completas*, 16).

FREUD, Sigmund. La angustia. In: _____. *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p.357-374. (*Obras completas*, 16).

FREUD, Sigmund. La teoría de la libido y el narcisismo. In: _____. *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p.375-391. (*Obras completas*, 16).

FREUD, Sigmund. La transferencia. In: _____. *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p.392-407. (*Obras completas*, 16).

FREUD, Sigmund. Los caminos de la formación de síntomas. In: _____. *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p.326-343. (*Obras completas*, 16).

FREUD, Sigmund. Resistencia y represión. In: _____. *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p.262-276. (*Obras completas*, 16).

FREUD, Sigmund. De la historia de una neurosis infantil . In: _____. *De la historia de una neurosis infantil y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p. 1-111. (*Obras completas*, 17).

FREUD, Sigmund. “Pegan a un niño”. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. In: _____. *De la historia de una neurosis infantil y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p. 173-200. (*Obras completas*, 17).

FREUD, Sigmund. Prólogo a Theodor Reik, *Probleme der Religionspsychologie*. In: _____. *De la historia de una neurosis infantil y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p. 255-259. (*Obras completas*, 17).

FREUD, Sigmund. Una dificultad del psicoanálisis In: _____. *De la historia de una neurosis infantil y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p. 125-135. (*Obras completas*, 17).

FREUD, Sigmund. La cabeza de Medusa. In: _____. *Más allá del principio de placer. Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 270-271. (*Obras completas*, 18).

FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer. In: _____. *Más allá del principio de placer. Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 1-62. (*Obras completas*, 18).

FREUD, Sigmund. Psicología de las masas y análisis del yo.. In: _____. *Más allá del principio de placer. Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 63-136. (*Obras completas*, 18).

FREUD, Sigmund. Psicología de grupo e a análise do ego. In: _____. *Além do princípio de prazer. Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.87-179. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 18).

FREUD, Sigmund. Massenpsychologie und Ich-Analyse. In: _____. *Jenseits des Lustprinzips. Massenpsychologie und Ich-Analyse. Das Ich und das Es*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. p.71-161. (*Gesammelte Werke*, 13).

FREUD, Sigmund. Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. In: _____. *Más allá del principio de placer. Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 137-164. (*Obras completas*, 18).

FREUD, Sigmund. Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In: _____. *El yo y el ello y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 259-276. (*Obras completas*, 19).

FREUD, Sigmund. Algunas notas adicionales a la interpretación de los sueños en su conjunto. In: _____. *El yo y el ello y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 123-140. (*Obras completas*, 19).

FREUD, Sigmund. Breve informe sobre el psicoanálisis. In: _____. *El yo y el ello y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p.199-221. (*Obras completas*, 19).

FREUD, Sigmund. El problema económico del masoquismo. In: _____. *El yo y el ello y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 161-176. (*Obras completas*, 19).

FREUD, Sigmund. El sepultamiento del complejo de Edipo. In: _____. *El yo y el ello y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 177-187. (*Obras completas*, 19).

FREUD, Sigmund. El yo y el ello. In: _____. *El yo y el ello y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 1-66. (*Obras completas*, 19).

FREUD, Sigmund. Das Ich und das Es. In: _____. *Jenseits des Lustprinzips. Massenpsychologie und Ich-Analyse. Das Ich und das Es*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. p. 235-289. (*Gesammelte Werke*, 13).

FREUD, Sigmund. La organización genital infantil (una interpolación en la teoría de la sexualidad). In: _____. *El yo y el ello y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 141-149. (*Obras completas*, 19).

FREUD, Sigmund. Una neurosis demoníaca en el siglo XVII. In: _____. *El yo y el ello y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 67-106. (*Obras completas*, 19).

FREUD, Sigmund. Inhibición, síntoma y angustia. In: _____. *Presentación autobiográfica. Inhibición, síntoma y angustia. ¿ Pueden los legos ejercer el análisis? y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.71-163. (*Obras completas*, 20).

FREUD, Sigmund. Presentación autobiográfica. In: _____. *Presentación autobiográfica. Inhibición, síntoma y angustia. ¿ Pueden los legos ejercer el análisis? y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.1-70. (*Obras completas*, 20).

FREUD, Sigmund. Dostoievski y el parricidio. In: _____. *El porvenir de una ilusión. El malestar en la civilización y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.171-191. (*Obras completas*, 21).

FREUD, Sigmund. Dostojewski un die Vätertötung. In: _____. *Werke aus den Jahren: 1925-1931*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. p.397-418. (*Gesammelte Werke*, 14).

FREUD, Sigmund. El humor. In: _____. *El porvenir de una ilusión. El malestar en la cultura y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.153-162. (*Obras completas*, 21).

FREUD, Sigmund. El malestar en la cultura. In: _____. *El porvenir de una ilusión. El malestar en la cultura y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.57-140. (*Obras completas*, 21).

FREUD, Sigmund. El porvenir de una ilusión. In: _____. *El porvenir de una ilusión. El malestar en la cultura y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.1-55 (*Obras completas*, 21).

FREUD, Sigmund. Fetichismo. In: _____. *El porvenir de una ilusión. El malestar en la cultura y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.141-152. (*Obras completas*, 21).

FREUD, Sigmund. Fetichismo. In: _____. *O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p.173-185. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, Sigmund. Fetischismus. In: _____. *Werke aus den Jahren: 1925-1931*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. p.309-317 (*Gesammelte Werke*, 14).

FREUD, Sigmund. Sobre la sexualidad femenina. In: _____. *El porvenir de una ilusión. El malestar en la cultura y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.223-244. (*Obras completas*, 21).

FREUD, Sigmund. Tipos libidinales. In: _____. *El porvenir de una ilusión. El malestar en la cultura y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.215-222. (*Obras completas*, 21).

FREUD, Sigmund. Angustia y vida pulsional. In: _____. *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.75-103. (*Obras completas*, 22).

FREUD, Sigmund. La descomposición de la personalidad psíquica. In: _____. *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.53-74. (*Obras completas*, 22).

FREUD, Sigmund. La feminidad. In: _____. *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.104-125. (*Obras completas*, 22).

FREUD, Sigmund. Análisis terminable e interminable. In: _____. *Moisés y la religión monoteísta. Esquema del psicoanálisis y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p. 211-254. (*Obras completas*, 23).

FREUD, Sigmund. Die endliche un die unendliche Analyse. In: _____. *Werke aus den Jahren: 1932-1939*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. p.57-99. (*Gesammelte Werke*, 16).

FREUD, Sigmund. Antisemitismo en Inglaterra (Carta a *Time and Tide*). In: _____. *Moisés y la religión monoteísta. Esquema del psicoanálisis y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.303-304 (*Obras completas*, 23).

FREUD, Sigmund. Esquema del psicoanálisis. In: ___. *Moisés y la religión monoteísta. Esquema del psicoanálisis y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.133-209. (*Obras completas*, 23).

FREUD, Sigmund. Moisés y la religión monoteísta. In: ___. *Moisés y la religión monoteísta. Esquema del psicoanálisis y otras obras*. 2.ed. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. p.1-132. (*Obras completas*, 23).

FREUD, Sigmund. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986. 503p.

FREUD, Sigmund; ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Correspondência completa*. Tradução Dora Flacksman. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 310 p.

FREUD, Sigmund; PFISTER, Oskar. *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução Karin Hellen Kepler Wondracek e Ditmar Junge. Viçosa: Ultimato, 1998. 199p.

GLOVER, Edward. The neurotic character. *The international journal of psycho-analysis*, London, v.7, p. 11-30, jan. 1926.

GRODDECK, Georg. *O livro d'Isso*. Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1984. 241p.

JASPERS, Karl. *Psicopatologia Geral*. Tradução Samuel Penna Aarão Reis. Rio de Janeiro: Atheneu, 1973. 2 v.

JONES, Ernest. The early development of female sexuality. *The international journal of psycho-analysis*, London, v.8, p.459-472, oct.1927.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 192p.

JUNG, Carl Gustav. *O homem à descoberta de sua alma*. 2.ed. Tradução Camilo Alves Pais. Porto: Tavares Martins, 1975. 425p.

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. In: *Os pensadores*. Tradução Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 415p.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Tradução Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 294p.

KANT, Immanuel. *Antropologia em sentido pragmático*. Tradução José Gaos. Madrid: Revista de Occidente, 1935. 238p.

KLAGES, Ludwig. *Los fundamentos de la caracterología*. 3.ed. Tradução Blas A. Sosa. Buenos Aires: Paidós, 1965. 320p.

KRUTZEN, Henry. *Jacques Lacan, Séminaire 1952-1980. Index référentiel*. Paris:Anthropos, 2000.

KRETSCHMER, Ernst. *Delírio sensitivo-paranoide: aportación al problema de la paranóia y a la caracterología psiquiátrica*. Tradução José Sole Sagarra. Barcelona: Labor, 1959. 261p.

LACAN, Jacques. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Tradução Aluísio Menezes, Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Júnior. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. 404p.

LACAN, Jacques. *O mito individual do neurótico*. Tradução Brigitte Cardoso e Cunha, Fernanda Bernardo e Margarida Medeiros. Lisboa: Assírio e Alvim, 1980. 78p.

LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.104-126.

LACAN, Jacques. A significação do falo. In: _____. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.692-703.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: _____. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.238-324.

LACAN, Jacques. Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: _____. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.127-151.

LACAN, Jacques. Kant com Sade. In: _____. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.776-803.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: ___. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.96-103.

LACAN, Jacques. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “psicanálise e estrutura da personalidade”. In: ___. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.653-691.

LACAN, Jacques. Para-além do “princípio de realidade”. In: ___. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.77-95.

LACAN, Jacques. Variantes do tratamento-padrão. In: ___. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.325-364.

LACAN, Jacques. Intervenção no I Congresso Mundial de Psiquiatria. In: ___. *Outros escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.132-135.

LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: ___. *Outros escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.29-90.

LACAN, Jacques. Prefácio a *O despertar da primavera*. In: ___. *Outros escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.557-559.

LACAN, Jacques. Os escritos técnicos de Freud. In: ___. *O seminário: livro 1*. Tradução Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 336p.

LACAN, Jacques. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. In: ___. *O seminário: livro 2*. Tradução Marie Christine Lasnik Penot e Antônio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 413p.

LACAN, Jacques. As psicoses. In: ___. *O seminário: livro 3*. 2.ed. Tradução Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. 366p.

LACAN, Jacques. A relação de objeto. In: ___. *O seminário: livro 4*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 456p.

LACAN, Jacques. As formações do inconsciente. In: ___. *O seminário: livro 5*. Tradução Vera Ribeiro e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 530p.

LACAN, Jacques. A transferência. In: *O seminário*: livro 8. Tradução Dulce Duque Estrada e Romildo do Rêgo Barros. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. 386p.

LACAN, Jacques. L'angoisse. In: ___. *Le séminaire*: livre 10. Paris: Seuil, 2004. 390p.

LACAN, Jacques. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. In: ___. *O seminário*: livro 11. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 269p.

LACAN, Jacques. Le sinthome. In: ___. *Le séminaire*: livre 23. Paris: Seuil, 2005. 250p.

LACAN, Jacques. L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre. *Ornicar?*, Paris, n.12-13, p.4-16, 1977.

LACAN, Jacques. Discours prononcé par J. Lacan le 6 décembre 1967 à l' E. F. P. *Scilicet*, Paris, n.2-3, p.9-29, sep.1970.

LACAN, Jacques. *Propos sur l'hystérie*. Inédito.

LACAN, Jacques. *A lógica da fantasia*. Seminário Inédito.

LACAN, Jacques. *Les non-dupes errent*. Seminário inédito.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. Tradução Antônio Manuel Magalhães. Porto: Rés, 1985. 2 v.

LANGENSCHIEDTS. *Dicionário de bolso das línguas portuguesa e alemã*. Berlim: Langenscheidts, 1982. 1246p.

LE SENNE, René. *La destinée personnelle*. Paris: Flammarion, 1951. 282p.

MILLER, Jacques-Alain. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Tradução Nora A. Gonzáles. Buenos Aires: Paidós, 2004. 407 p.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003. 254p.

NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de potência*. Tradução Mário Ferreira Santos. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19--]. 425p.

QUINET DE ANDRADE, Antônio. Le rejet d'un concept fondamental. *Ornicar?*, Paris, n.35, p.145-150, oct.-dec. 1985.

RABINOVICH, Diana. El carácter en la obra freudiana: algunas conclusiones clínicas. In: *Escansión: nueva série*. Buenos Aires: Manantial, 1989. p.40-47.

REICH, Wilhelm. *Análise do caráter*. Tradução Maria Lizette Branco e Maria Manuela Pecegueiro. Lisboa: Martins Fontes, 1979. 572p.

RIVIÈRE, Joan. Womanliness as a masquerade. *The international journal of psycho-analysis*, London, v.10, p. 303-313, jan.1929.

ROBERT, Paul. *Le petit Robert I: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Le Robert, 1982. 2171p.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. 2.ed. Tradução Marilene Carone. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 467p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO. *Manual para elaboração e normalização de dissertações e teses*. 3.ed. Rio de Janeiro: 2004. 102p.